

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” FACULDADE
DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

JOÃO PEDRO TURINO SILVA

**CULTURA UNIVERSITÁRIA E EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE ESTUDANTES
DO SEGUNDO E TERCEIRO ANO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP - PRESIDENTE
PRUDENTE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” FACULDADE
DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

JOÃO PEDRO TURINO SILVA

**CULTURA UNIVERSITÁRIA E EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE ESTUDANTES
DO SEGUNDO E TERCEIRO ANO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP - PRESIDENTE
PRUDENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da UNESP/Campus de Presidente Prudente, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Doutor Nécio Turra Neto.

Presidente Prudente
2021

S586c	Silva, João Pedro Turino Cultura Universitária e Experiência de Juventude de Estudantes do Segundo e Terceiro Ano De Geografia Da FCT/UNESP-Presidente Prudente / João Pedro Turino Silva. -- Presidente Prudente, 2021 108 p. : tabs., mapas Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente Orientador: Nécio Turra Neto 1. Geografia das Juventudes. 2. Cultura Universitária. 3. FCT/UNESP. 4. Curso de Geografia. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que pelo processo: 2019/13022-9 incentivou o acontecimento dessa pesquisa.

Agradeço a minha família sempre presente e incentivadora dos meus projetos que, com cuidado e carinho, me guiou até aqui.

Agradeço a minha melhor amiga e namorada, sempre ao meu lado durante os desafios da caminhada e tão motivadora dos meus anseios e sonhos.

Agradeço a minha comunidade Santa Rita e meus amigos que me ensinaram a saber viver em comunhão e a ter o Amor como Deus e motor da minha vida.

Agradeço a todos os meus professores e mestres que fazem parte da minha trajetória, alguns nem me conheceram pois apenas vi palestras, livros e falas; mas mesmo com pouco, me fizeram ser o que sou.

Agradeço a Dona Nilza por todo suporte dado a minha família.

Dedico esse texto aos meus companheiros da Geografia, que fizeram parte da minha experiência universitária e da minha formação, e a todo(a)s o(a)s estudantes que participaram com tanta generosidade nessa pesquisa.

“Ó mestre, fazei que eu procure mais
Consolar que ser consolado
Compreender que ser compreendido
Amar que ser amado
Pois, é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive
Para a vida eterna”

RESUMO

A pesquisa tem como foco a cultura universitária que se constitui no curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), Presidente Prudente, mais particularmente a experiência que têm dela jovens estudantes do segundo e terceiro anos do curso (inicialmente, antes da pandemia de Covid 19, a ideia era trabalhar com o primeiro e segundo anos), justamente aqueles que estão passando pelo processo de inserção na vida universitária, vindos de trajetórias de vida e com projetos de futuro muito diversos. As questões principais que orientaram a pesquisa foram: quem são os jovens que chegam ao curso de Geografia da FCT/UNESP e quais eram suas experiências prévias de juventude e que experiências passaram a ter quando ingressam no curso? O que seria a graduação em Geografia da FCT/UNESP enquanto contexto socioespacial e cultural específico, que tornaria esta experiência de juventude singular? Como os estudantes em sua diversidade articulam sua especificidade às experiências como estudantes de Geografia? Para responder estas questões, seguimos um percurso investigativo que articulou estratégias quantitativas e qualitativas de produção de informação. Por um lado, trabalhamos tanto com dados secundários da própria UNESP, quanto com questionários aplicados ao universo dos estudantes, foco da pesquisa. Por outro lado, realizamos uma pesquisa qualitativa, com grupos focais e entrevistas. Contudo, no contexto da pandemia, nossa forma de acesso aos estudantes se deu de forma remota, pela plataforma do google meet. Como resultado, conseguimos traçar um perfil dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia e analisar suas diversas trajetórias; constatamos uma cultura universitária própria do curso de Geografia, que tem seus espaços de encontro e sociabilidade, mas que muitas vezes se confunde com uma cultura universitária generalizada em todos os cursos da FCT/UNESP. Com a pesquisa, esperamos trazer uma contribuição tanto ao campo de estudos da “Geografia das Juventudes”, quanto para o próprio curso de Geografia, que poderá conhecer outras facetas do universo estudantil e assim, repensar estratégias pedagógicas e ações para ampliar o diálogo com os estudantes e estratégias contra a evasão escolar (tão presente no curso).

Palavras chave: Cultura Universitária. Estudantes de Geografia. Juventudes. UNESP- Presidente Prudente.

ABSTRACT

The research focuses on the university culture that is constituted in the Geography course of the FCT/UNESP, Presidente Prudente, more particularly the experience that young students of the second and third years of the course have of it (initially, before the Covid 19 pandemic, the idea was to work with the first and second years), precisely those who are going through the process of insertion into university life, coming from life trajectories and with very diverse future projects. The main questions that guided the research were: who are the young people who arrive at the Geography course at the FCT/UNESP and what were their previous experiences as young people and what experiences did they have when they entered the course? What would be the undergraduate Geography course at FCT/UNESP as a specific socio-spatial and cultural context that would make this youth experience unique? How do students in their diversity articulate their specificity to their experiences as Geography students? To answer these questions, we followed an investigative path that articulated quantitative and qualitative strategies of information production. On one hand, we worked both with secondary data from UNESP itself, and with questionnaires applied to the universe of students, the focus of the research. On the other hand, we carried out qualitative research, with focus groups and interviews. However, in the context of the pandemic, our form of access to the students was remote, through the Google Meet platform. As a result of all this effort, we were able to draw a common profile of the 2nd and 3rd year students of the Geography course and analyze their diverse trajectories. We found a university culture specific to the Geography course, which has its own spaces for meeting and sociability, but which is often confused with a university culture generalized in all courses at the FCT/UNESP. With this research, we hope to bring a contribution both to the field of "Geography of Youth" studies and to the Geography course itself, which will be able to know other facets of the student universe and thus, to rethink pedagogical strategies and actions to expand the dialogue with students and strategies against school dropout (so present in the course).

Key Words: University Culture, Geography Students, Youth, Unesp-Presidente Prudente.

LISTA DE SIGLAS

AGB-Associação de Geógrafos Brasileiro

EaD-Ensino à Distância

FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FCT/UNESP- Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

GAsPERR- Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais

MBA- Master in Business Administration

NERA- Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

PC-Personal computer (computador)

R.U-Restaurante Universitário

TDAH- Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas

USP-Universidade de São Paulo

VUNESP- Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 1-RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA: GEOGRAFIA FCT/UNESP-PP(2017-2021)	25
GRÁFICO 1: EVASÃO 2º E 3º ANO DA GEOGRAFIA	25
GRÁFICO 2: COR DOS ESTUDANTES DO 2º ANO	41
GRÁFICO 3: ENSINO MÉDIO DOS ESTUDANTES DO 2º ANO	42
GRÁFICO 4: COTISTAS E NÃO COTISTAS DO 2º ANO	43
GRÁFICO 5: AUTODECLARAÇÃO DE COR DOS ESTUDANTES DO 3º ANO	44
GRÁFICO 6: ENSINO MÉDIO DOS ESTUDANTES DO 3º ANO	44
GRÁFICO 7: COTISTAS E NÃO COTISTAS NO 3º ANO	45
GRÁFICO 8: GÊNERO DOS ESTUDANTES DO 2º E 3º ANO DO CURSO DE GEOGRAFIA	46
GRÁFICO 9: ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ESTUDANTES DO 2º E 3º ANOS DO CURSO DE GEOGRAFIA	47
GRÁFICO 10: ANO ATUAL DO ESTUDANTE (2º OU 3º) NO CURSO DE GEOGRAFIA	48
GRÁFICO 11: PERÍODO MATRICULADO NO CURSO DE GEOGRAFIA	48
GRÁFICO 12: TIPO DE ESCOLA QUE OS ESTUDANTES ESTUDARAM	49
GRÁFICO 13: ONDE RESIDEM OS ESTUDANTES ORIUNDOS DE OUTRAS CIDADES	50
GRÁFICO 14: COM QUAL INTUITO O ESTUDANTE SE MUDOU PARA P. PRUDENTE	51
GRÁFICO 15: GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE	52
GRÁFICO 16: MAIORES DIFICULDADES NOS PRIMEIROS ANOS DE UNIVERSIDADE	53
GRÁFICO 17: PARTICIPAÇÃO OU COLABORAÇÃO NA SEMANA DE RECEPÇÃO AOS CALOUROS DA GEOGRAFIA	56
GRÁFICO 18: AMIZADES COM ESTUDANTES DE OUTRAS TURMAS DO CURSO DE GEOGRAFIA	57
GRÁFICO 19: AMIZADES COM ESTUDANTES DE OUTROS CURSOS	58
GRÁFICO 20: PRINCIPAL FONTE DE RENDA DOS ESTUDANTES	60
GRÁFICO 21: O CURSO DE GEOGRAFIA COMO BOA FORMAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	61
GRÁFICO 22: POSSIBILIDADES/PENSAMENTOS DE DESISTÊNCIA DO CURSO	62
GRÁFICO 23: PRETENSÃO DE TRABALHO RELACIONADO COM O CURSO (PROFESSOR/GEÓGRAFO)	63
GRÁFICO 24: OS ESPAÇOS DE ENCONTRO NA UNIVERSIDADE	78
GRÁFICO 25: TEMPO DIÁRIO NA UNIVERSIDADE ALÉM DAS AULAS	79
GRÁFICO 26: LOCAIS DE ENCONTRO FORA DA UNIVERSIDADE	81

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

FIGURA 1-LOCALIZAÇÃO FCT/UNESP:CAMPUS DE P. PRUDENTE.....	18
MAPA 1-CAMPUS FCT/UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE	22
MAPA 2- DISTRIBUIÇÃO DA ORIGEM DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA NO ANO DE 2018.....	23
MAPA 3-QUANTIDADE DE ESTUDANTES DO 2º E 3º ANO DE GEOGRAFIA POR CIDADE DE ORIGEM.	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO- UM BREVE OLHAR PARA O PASSADO: MINHA TRAJETÓRIA RUMO A GEOGRAFIA DAS JUVENTUDES E A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA.	11
2 A UNIVERSIDADE: TERRITÓRIO E LUGAR - SEÇÃO II.....	15
2.1 Contextualizando o curso de Geografia da FCT/UNESP.	15
2.2 Conceitos Geográficos fundamentais da pesquisa.....	27
3 METODOLOGIAS:REFERÊNCIAS, PROCEDIMENTOS E DADOS - SEÇÃO III.....	31
3.1 Discussão Bibliográfica e referencial de metodologias.	31
3.2 Dados Seção de Graduação e Questionário.	40
3.3 Objetivos mais próximos de serem respondidos.....	64
4 EXPERIÊNCIA(S) DE JUVENTUDE(S) NO 2º E 3º ANO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP - SEÇÃO IV	67
4.1 Trajetórias.....	68
4.2 Adaptação.	72
4.3 Locais de Encontro e Sociabilidade	76
4.4 Saúde Mental: Antes e Durante a Pandemia de Covid 19.....	84
4.5 Tempo Livre e Lazer	91
5 CULTURA UNIVERSITÁRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA - SEÇÃO V.....	95
5.1 Política.	99
5.2 Cultura “Academicista”.....	99
5.3 Relação Professor x Estudante.....	100
5.4 Evasão.....	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS- UM BREVE OLHAR PARA O FUTURO: DIANTE DAS NOSSAS DÚVIDAS E RESPOSTAS.....	103
REFERÊNCIAS.	107

1 INTRODUÇÃO- UM BREVE OLHAR PARA O PASSADO: MINHA TRAJETÓRIA RUMO A GEOGRAFIA DAS JUVENTUDES E A CONSTRUÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

Primeiramente, vale a pena apresentar os motivos e intenções com que esta pesquisa foi realizada e um pouco da minha trajetória. Esta é uma forma de situar o pesquisador, para dar a conhecer de onde eu falo, pois como Boff (1997) nos acrescenta, “a cabeça pensa onde os pés pisam”.

Nasci e vivi sempre em Presidente Prudente. Desde o 7º ano do ensino fundamental estava convicto que seria professor de Geografia, talvez pela influência de meu pai, que sempre se interessou pelo assunto, e pela profissão de minha mãe (assistente social), que sempre exigiu um lado geográfico.

Assim, ingressei aos 17 anos na FCT/UNESP, no ano de 2016. No segundo ano, fiz serviço militar e trabalhava também (além das aulas), fazendo com que meu anseio de participar de grupos de pesquisa e iniciação científica fossem adiados para o terceiro ano de curso (2018).

Durante toda minha graduação, sempre me interessei mais pelas questões humanas e sociais que são muito presentes na estrutura curricular do curso. Após a disciplina optativa “Geografia Social e Cultural”, lecionada pelo professor Turra Neto, que figura como orientador desta pesquisa. Interessei-me mais pelo extenso campo da Geografia Cultural, em especial pelos estudos que abrangiam a “Geografia das Juventudes”, pois a minha trajetória tão conectada a uma comunidade católica, sempre no meio jovem, fez com que meu interesse acerca da juventude fosse aguçado - assunto esse (juventudes) que tem sido desenvolvido pelo professor ao longo de sua carreira acadêmica.

A partir deste interesse, fui à procura do professor, sem ainda nada muito definido, antes de tudo, o professor propôs algumas referências sobre o tema e assim, gradualmente, lendo, me encontrando com o professor e com o grupo de Geografia das Juventudes (GeoJuves), no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), fui elaborando um projeto de pesquisa. Nessa busca de apreender mais sobre o tema, encontrei importantes autores como o próprio Turra Neto (2015), Pais (1993), Lima (2018), Menegon (2016) dentre tantos outros e outras, que confirmaram o quanto o tema precisava ainda ser explorado e me instigaram a continuar estudando e formulando o projeto de pesquisa. Enviamos o projeto para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no ano de 2019, eu já no meu quarto ano. Tivemos por duas vezes o projeto negado pela fundação, até que em 2020, na terceira

tentativa e durante a pandemia do Covid 19, aceitaram o projeto tão lapidado e alterado durante esses meses anteriores ao parecer positivo da FAPESP (processo: 2019/13022-9).

A pesquisa, estava interessada inicialmente no processo de adaptação dos estudantes do 1º e 2º ano de curso. A pandemia exigiu que o foco fosse para o 2º e 3º ano de curso, pois os calouros de 2020 não tiveram uma vivência universitária considerável. Frente a esses desafios, passamos a nos interessar por esses 2 anos que tiveram uma experiência de juventude mais integrada na universidade e a sua cultura.

Eu hoje, estudante do quinto ano de graduação do curso de Geografia da FCT/UNESP, tenho intenção de obter o diploma de bacharelado (já sou formado em licenciatura em Geografia). Também como estudante do curso de graduação em Geografia na FCT/UNESP, envolvo-me com atividades, espaços, meios e pessoas ligadas ao curso. A singularidade da Geografia perante os outros cursos e sua pluralidade interna me instigaram a buscar informações quantitativas e qualitativas das pessoas que compõem a graduação, em especial o segundo e o terceiro ano, que se apresentam como anos de adaptação e transição, além de vermos nesses anos os maiores números de evasão. O registro de atividades e identidades criadas também me motivaram na busca de um conhecimento mais aprofundado do que as meras especulações que explicavam os estereótipos, dilemas e tradições do curso – ainda que estas possam ser entendidas como imagens que circulam e fazem apelos aos estudantes ingressantes. Vale também colocar que o curso de Geografia tem certa tradição na FCT/UNESP, no bairro que circunda a universidade e na própria cidade, já formando estudantes há mais de 60 anos.

O fato de fazer parte do universo que pretendo estudar não torna essa pesquisa menos legítima ou menos objetiva. Tomando como base Velho (1985), em sua discussão sobre a “observação do familiar”, tenho que foi preciso desnaturalizar aquilo que me parece banal na vida de todo o dia e me perguntar o porquê de certas práticas, discursos, atitudes. Também inspirado em Haraway (1995), parto do pressuposto de que não há posição privilegiada a partir da qual o pesquisador poderia atingir um conhecimento mais verdadeiro da realidade. O que há são conhecimentos parciais, elaborados a partir de sujeitos que estão situados no mundo e não podem falar a não ser a partir desta situacionalidade, como já dito e referenciado nesse texto, com Boff (1997) e sua perspectiva do conhecimento a partir do nosso chão. Assim, somente a parcialidade e a explicitação desta no texto garantem a objetividade da pesquisa.

Com o recorte temático no campo da Geografia das Juventudes, escolhemos trabalhar especificamente a questão da cultura universitária dos estudantes do segundo e terceiro ano de

Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP Campus de Presidente Prudente (como já dito). Este universo de pesquisa é atualmente constituído por cerca de 110 pessoas, divididas em duas turmas, 69 pessoas no 2º ano e 41 pessoas no 3º ano.

Além disso, este universo é internamente diversificado, visto que os estudantes se diferenciam em inúmeros pontos, desde suas cidades de origem, passando pelos locais atuais de residência, formas de relacionamento com o curso e com a vida universitária em geral, aos estilos musicais e locais de convivência, bem como a questões ligadas ao gênero, classe de renda e cor da pele. Todos estes pontos devem ser abordados na pesquisa, pois, apesar de reconhecermos sua pertinência e diversidade, ainda falta saber quem de fato são, por quais percursos passaram para chegar à Geografia da FCT/UNESP e como foi e está sendo sua inserção na “cultura universitária” e no próprio espaço da cidade; e, sobretudo, que experiência de juventude o curso de Geografia da FCT/UNESP lhes permite viver?

Essa pesquisa tem como objetivos específicos os seguintes: (a) Conhecer o perfil dos/as estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia, seus percursos até o curso da FCT/UNESP, bem como suas experiências prévias de juventude; (b) Identificar os espaços e práticas de interação social, os percursos e rotinas dos estudantes, para conhecer suas formas de socialização e os tempos, espaços e práticas de sociabilidade informais, feitos de estudantes para estudantes; e (c) Conhecer os processos de socialização nos espaços mais institucionais extraclasse e como nestes contextos de interação participam da constituição da cultura universitária e da instituição da identidade dos estudantes ingressantes com o curso.

Ainda nessa introdução, vale colocarmos como seguirá nossa discussão ao longo do trabalho. Ele é composto por cinco seções. Primeiramente, vamos contextualizar o curso, a universidade e os devidos elementos que compõem esse universo estudado por nós, sabendo onde e em quais circunstâncias se situam os sujeitos sociais que tomamos como nosso foco de estudo, para que os dados explorados por nós possam revelar informações ainda mais profundas.

Após a contextualização, iremos fundamentar a nossa compreensão espacial através de dois conceitos geográficos que guiarão nossa análise e exposição dos resultados da pesquisa e que sempre serão retomados ao longo de nossas reflexões, os conceitos de território e lugar

Na seção III, faremos uma discussão das referências mais pertinentes a essa pesquisa no âmbito das metodologias, e abordaremos também os métodos utilizados e os respectivos

procedimentos aplicados nos últimos nove meses de pesquisa - aqueles possíveis de serem realizados em contexto de pandemia.

Doravante, bem fundamentados nas metodologias e resultados; discorreremos sobre a(s) juventude(s) dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia, usando dos dados qualitativos obtidos, elucidando temas como: trajetórias, adaptação, locais de encontro e sociabilidade, saúde mental, tempo livre e lazer. Vale pontuar, que é nas seções IV e V onde exploraremos melhor as ideias de experiência(s) de juventude(s) e culturas juvenis/universitárias, respectivamente, que orientam essa pesquisa.

Na última seção (seção V) trataremos da cultura universitária do curso de Geografia, ressaltando os tópicos: política, cultura “academicista”, a relação professor/a - estudante e a evasão (tão presente nesses anos iniciais).

Finalizando o nosso trabalho, faremos reflexões acerca da pertinência do curso de Geografia para a formação desses sujeitos que cruzam suas trajetórias à trajetória da Geografia, no campus da FCT/UNESP, bem como apresentamos nossas (in)conclusões diante dos objetivos almejados a priori.

2 A UNIVERSIDADE: TERRITÓRIO E LUGAR - SEÇÃO II

2.1 Contextualizando o curso de Geografia da FCT/UNESP.

Antes de focarmos no nosso objeto de estudo, vale a pena resgatarmos o texto de Oliveira (2012), que nos traz, de forma sucinta, a trajetória do curso de Geografia no Brasil. Segundo a autora, até o século XIX, a Geografia não era uma disciplina específica nas escolas de cunho jesuíta, até que em 1926 é criada a escola superior de Geografia. Nas décadas seguintes, um movimento chamado “escolanovismo”, liderado por Anísio Teixeira, teve impacto no pensamento geográfico. Tal movimento buscava uma escola que conversasse com os interesses do projeto de identidade nacional e a construção de uma nação ainda pouco integrada e planejada pelos próprios meios. A escola da Universidade de São Paulo (USP) com forte influência francesa, vai trazer as ideias de Vidal de La Blache (geógrafo dos mais proeminentes da Escola Francesa de Geografia) para a formação dos professores de Geografia. A relação homem-natureza é tomada com o objeto de estudo no início do pensamento geográfico nacional, tendo como foco os estudos regionais.

A partir dos anos de 1950, as tecnologias de mapeamento e orientação espacial se revelaram pertinentes e revolucionárias, impactando também o pensamento geográfico, que ficou mais técnico e menos preocupado com a formação pedagógica dos professores.

Nas décadas seguintes, há um aumento de escolas particulares Brasil afora, e a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) surge, se posicionando de forma crítica à privatização do ensino. Ela sofre também com a ditadura militar, pois sempre uma resistência a redução de carga horária das ciências humanas nas escolas, redução dos salários dos professores e censura e perseguição aos mesmos.

A década de 1990, com a recém redemocratização, nos trouxe a “ditadura do mercado” e as escolas desde então precisam ter professores versáteis, numa lógica competitiva e produtivista. A autora, diante da onda neoliberal, que segundo ela impera até hoje, rompe com as tentativas do passado de um planejamento de ensino participativo, uma escola/universidade com preocupação de formar cidadãos e não apenas mão de obra, Oliveira (2012, p.7) afirma que:

O modelo de formação docente, proposto para toda América Latina e no Brasil a partir de 1990, desconsidera os antecedentes, toda a experiência e coloca a formação como uma necessidade exclusiva do docente, dissociada das condições de trabalho, das motivações, da estrutura/recursos de trabalho. Além disso, enfatiza Dourado (2001) que esse modelo impossibilita a participação dos professores no plano; dissocia a gestão administrativa da pedagógica, conteúdo de métodos.

À medida que o mercado do bacharel em geografia cresceu e se complexificou, a formação de professores foi deixada de lado, acompanhando a degradação do trabalho docente, bem como sua desvalorização salarial e social.

Vale a pena apreendermos esse histórico, pois uma das grandes reclamações e descontentamentos que vimos por parte dos estudantes foi a cultura “academicista” (palavras colocadas pelos próprios estudantes), que muitas vezes deixa de lado a preocupação com a formação para o ensino nas escolas e foca apenas na pós-graduação; mas vamos ainda explorar melhor esse tema.

Ainda no âmbito de compreendermos a universidade no contexto nacional, segundo Neves e Martins (2016), a universidade antes de tudo, diferenciando-a de centro universitário ou instituto, é caracterizada por ter autonomia didática administrativa e financeira e por ter presente um número expressivo de mestres e doutores, voltados para o ensino, a pesquisa e a extensão.

Ristof (2014) afirma que, de 1991 a 2012, houve um crescimento de 171% das instituições de ensino superior, com um salto correspondente no número de matrículas que, no período, passou de um pouco mais de 1,5 milhão para mais de 7 milhões, o que indica a existência de uma enorme demanda represada.

Segundo Neves e Martins (2016), a universidade pública no Brasil não deu conta de oferecer vagas suficientes à demanda (demonstrada acima), demanda essa que foi respondida pelas universidades particulares, com incentivos fiscais e programas do governo (principalmente nos Governos dos presidentes Lula e Dilma), que hoje têm mais estudantes que as públicas. Porém, apesar da graduação ser mais “privada”, os cursos de pós-graduação estão mais presentes nas universidades públicas, apesar da recente vinda de cursos de Master in Business Administration (MBA’s) do exterior ao país.

Vasconcelos (2016), baseado em dados do Censo de 2010, afirmou que as universidades particulares correspondiam a 70% das matrículas no ensino superior, e que da população total de jovens no Brasil entre 18 e 24 anos (24 milhões de pessoas), apenas 19% ingressaram na graduação.

Assim percebemos que os estudantes da FCT/UNESP podem ser considerados privilegiados, tanto por terem acessado a educação superior, quanto por estarem em uma universidade pública, já que esta não é a realidade nem da maioria dos jovens entre 18 e 24 anos do país, nem daqueles que chegam à universidade. Desta forma, o recorte temático escolhido por nós não pode servir de base para analisar a cultura universitária da juventude brasileira como um todo, pois não daria conta de responder situações completamente diferentes das analisadas nesta pesquisa.

Para nos situarmos espacialmente, colocamos uma figura e um mapa que mostram a localização da universidade no contexto da cidade de Presidente Prudente, e a representação do campus.

FIGURA 1-UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE - IMAGEM DE SATÉLITE-22°1' Sul,
51°4' Oeste.



Fonte: Qgis, Google Satélite 2021.

A figura acima nos traz importantes informações, principalmente das dimensões do campus e sua proximidade com locais de encontro pontuados pelos estudantes que colaboraram conosco nessa pesquisa. Os dois círculos vermelhos indicam as duas grandes áreas do campus, que tem sua área Norte (círculo de cima) próxima ao Prudenshopping, o Habib's e ao Parque do Povo, enquanto o segundo círculo, mais abaixo, representando a área Sul do campus e tem proximidade maior com o Sesc Thermas, o Bar do Makoto, entre outros. Os locais citados revelaram importantes conteúdos do ciclo de encontros dos estudantes do curso de Geografia, que têm o campus e suas moradias (normalmente repúblicas próximas ao campus) como referência.

A FCT/UNESP tem 10 departamentos, oferecendo 12 cursos, são eles: Química, Física, Matemática, Pedagogia, Fisioterapia, Estatística, Engenharia Cartográfica e Agrimensura, Engenharia Ambiental, Educação Física, Ciência da Computação, Arquitetura e Urbanismo e Geografia.

Segundo Lima e Ribeiro (2013), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente foi criada pela Lei 4.131, de 17/09/1957, no governo do Doutor Jânio Quadros, na qualidade de Instituto Isolado de Ensino Superior. Vale pontuar, que o Oeste paulista nessa situação não tinha centros de ensino superior, apesar de Presidente Prudente já ser um importante centro econômico-administrativo.

Segundo UNESP (2016), a faculdade foi autorizada a funcionar através do Decreto Federal 45.755, de 13/04/1959, com os Cursos de Geografia e Pedagogia, tendo seu início no dia 03/05/1959.

Através do Decreto 191, de 30/01/1970, a Faculdade, juntamente com outros 14 Institutos Isolados do Ensino Superior, foi transformada em Autarquia de Regime Especial. Em 30 de janeiro de 1976, através da Lei 952, foi criada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e, a partir daí, esta Unidade recebeu a denominação de Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - IPEA. Nesta passagem, foram extintos alguns cursos, mas mantido o curso de Geografia. O departamento de Geografia, como mencionado antes, foi pioneiro na universidade, sendo instalado em 1959, e sua primeira turma de doutorado foi aberta em 1997. Hoje o departamento conta com 22 docentes, sendo um mestre e 21 doutores.

Por ser um dos primeiros cursos instaurados na universidade, tem certa tradição tanto na graduação, se confundindo muitas vezes a história do departamento de Geografia com a história da FCT/UNESP de Presidente Prudente quanto na pós-graduação, oferecendo assim, segundo o site da universidade, o maior quadro de grupos de pesquisa, centros e núcleos de estudo na FCT/UNESP de Presidente Prudente. São eles:

-Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde - CETAS -Centro de Estudos de Geografia do Trabalho - CEGET -Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical "Florestan Fernandes" - CEMOSI -Grupo de Pesquisa Gestão Ambiental e Dinâmica Socioespacial - GADIS -Grupo de Estudos sobre Dinâmica Regional e Agropecuária - GEDRA -Grupo de Pesquisa Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera- GAIA -Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições Regionais - GAsPERR -Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária - NERA -Núcleo de Apoio à Pesquisa e Ensino de Geografia - NAPEGe -Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde -Laboratório de Sedimentologia e Análise de Solos -Laboratório de Geocartografia (Pós-Graduação) -Laboratório de Climatologia -Estação Meteorológica -Observatório do Trabalho Istvan Mészáros - OTIM -Laboratório de Geologia, Geomorfologia e Recursos Hídricos
--

Além do grupo interdepartamental: -Centro de Estudos e Mapeamento da Exclusão Social para Políticas Públicas - CEMESPP E do grupo interuniversitário: - Núcleo de Pesquisa e Estudos Regionais – NUPERG

Assim, vemos a pluralidade de caminhos possíveis aos estudantes que pretendem fazer iniciação científica, além de revelar a diversidade das especializações dos 22 docentes do curso, já se mostrando antes de tudo, um curso que tem uma dimensão tão ampla quanto a própria Geografia Brasileira.

O próximo mapa é referente ao campus que, separado em 3 grandes áreas, nos mostra o

bloco de salas de aula de Geografia situado na área Sul, contendo na sua entrada uma praça (em amarelo). Essa praça, conhecida como a “Praça da Geografia”, é um importante ponto de encontro e sociabilidade, durante os intervalos, ou antes e depois das aulas.

Outros espaços que também foram bastante colocados e se revelaram importantes espaços de formação da cultura universitária foram o Restaurante Universitário (R.U), assim como a cantina, ambos também na área Sul e próximos ao bloco da Geografia.

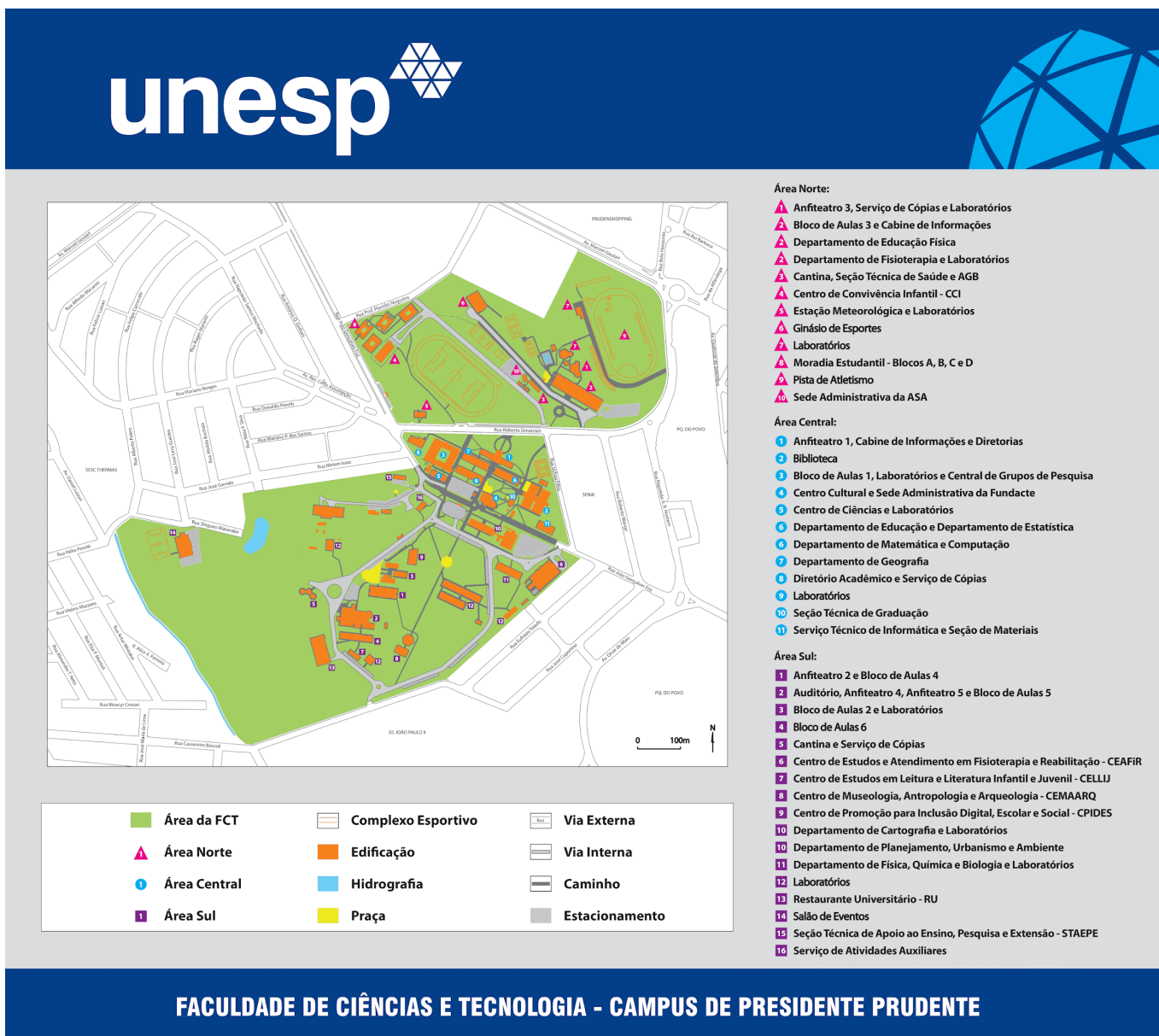
Na área central, há a biblioteca e uma praça a sua frente, ambos espaços importantes na sociabilidade dos estudantes do curso de Geografia.

O campus da FCT/UNESP de Presidente Prudente, podemos inferir, segue o modelo de campus das universidades norte americanas. Buffa e Pinto (2016) que em contrapartida ao claustro das universidades europeias, o território universitário norte americano foi sendo firmado em sítios e não apenas em prédios. Há espaços verdes e uma paisagem mais associada ao ambiente rural. O lugar de destaque das universidades norte-americanas são as bibliotecas e não mais as igrejas, como nas universidades antigas da Europa. O modelo do nosso campus, não distante da realidade dos outros campus universitários nacionais, é criticado por Buffa e Pinto (2016, p.829).

A crítica, já mencionada neste texto, feita por Hottin aos campus de algumas grandes escolas francesas parece mais pertinente aos congêneres brasileiros que, igualmente, sem as instalações e equipamentos fundamentais dos norte-americanos, acabam sendo um território fechado, quase nunca autossuficiente, mas que volta as costas para a cidade próxima.

A segregação, causada pelo modelo de campus, é a maior crítica feita a essa arquitetura. Segregação essa que se faz entre a academia e o povo, entre os cursos e entre a reitoria e os estudantes.

MAPA 1- FCT/UNESP-PRESIDENTE PRUDENTE - CAMPUS, 2020



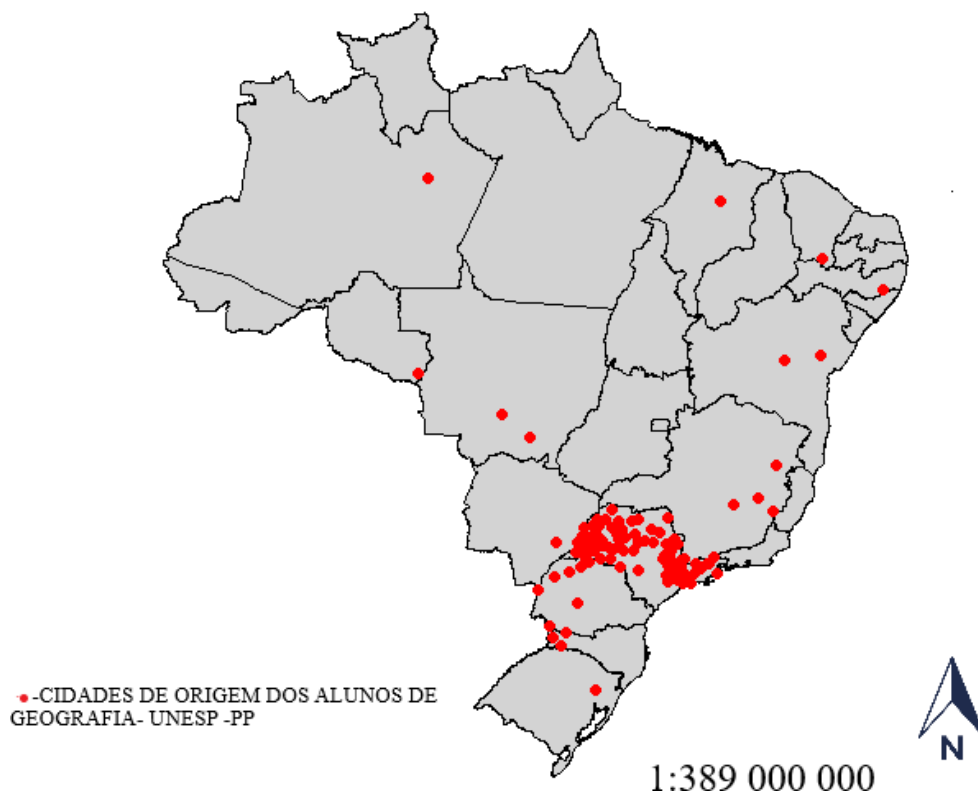
Fonte: Site Oficial da FCT/UNESP-Presidente Prudente, 2021

Dado esse panorama acerca da universidade, sua trajetória no tempo e no espaço, podemos então tratar dos estudantes que fazem do curso de Geografia ser o que ele é, considerando que se trata de trajetórias que vão aqui se encontrar.

Logo no começo da também pesquisa (2018), ainda na fase da proposição do projeto, fomos atrás de dados da seção da graduação referentes a todos os estudantes do curso. A partir desses dados pudemos conhecer as cidades de origem dos estudantes de toda a graduação (de todos os anos) e então elaborar o mapa 2.

MAPA 2- FCT/UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE - ORIGEM DOS ESTUDANTES DO
CURSO DE GEOGRAFIA NO ANO DE 2018

Distribuição da Origem dos Alunos do Curso de Geografia



Fonte: R Core Team (2018). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, URL <http://www.R-project.org/>. Seção de Graduação da FCT/UNESP.

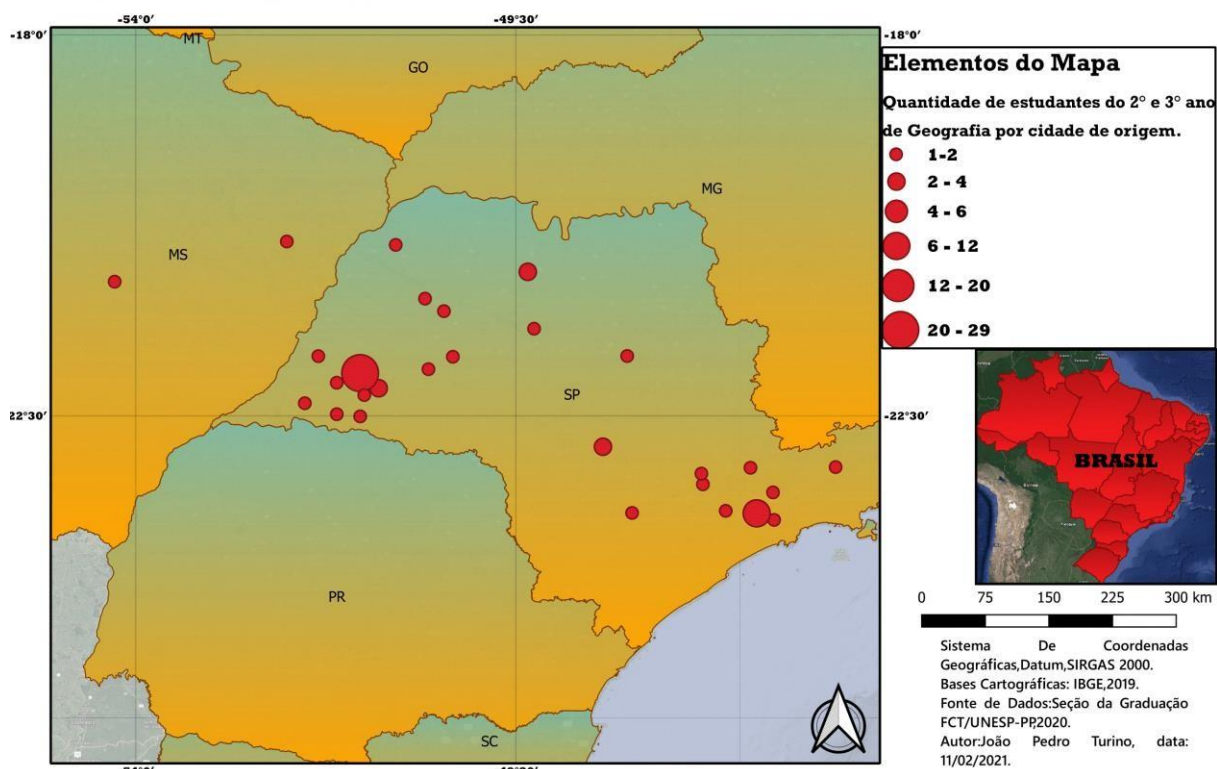
Autora: GRANZOTTO, D. C. T.

Este mapa, apesar de já ter sido alterado, devido a chegada de novos estudantes e a saída de muitos, nos revela o alcance nacional da graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, mas, sobretudo, sua relevância tanto no contexto regional (do Pontal do Paranapanema), quanto no estado de São Paulo como um todo.

Quando afunilamos nosso olhar, para os estudantes do 2º e 3º ano, já no ano de 2020, vemos apenas 2 graduandos de fora do estado de SP, tendo uma maioria esmagadora de estudantes oriundos da cidade de Presidente Prudente e da Grande São Paulo (como melhor veremos adiante), logo, os dois anos analisados, se mostram mais particularmente paulistas com foco no Pontal do Paranapanema e nas Regiões Administrativa de São Paulo e Campinas. Apenas 2 estudantes de origem sul mato-grossense.

Baseados em dados oferecidos pela seção da graduação, elaboramos outro mapa para melhor ilustrar nosso parecer.

MAPA 3- FCT/UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE – ORIGEM¹ DOS ESTUDANTES DO 2º E 3º ANO DE GEOGRAFIA (2020)



Fonte: Qgis, 2020.

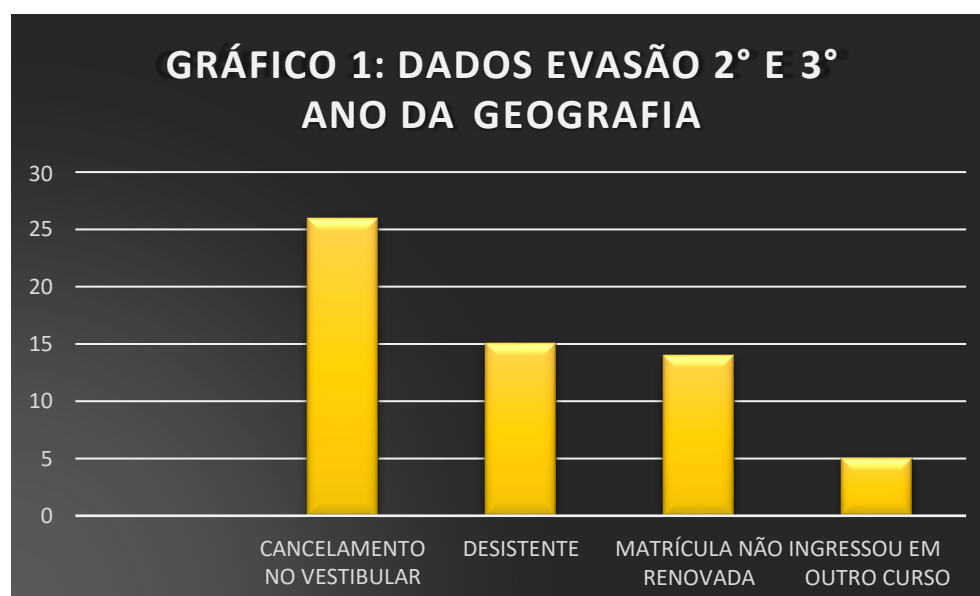
Paralelamente ao fato do curso atrair mais estudantes à escala local e regional, vale também dizer que a procura pelo curso no vestibular tem caído ano a ano, como demonstram os dados da Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista (VUNESP) sobre a relação candidato/vaga, de 2017 a 2021.

Como podemos observar na Tabela 1, o curso tem mantido uma média de 2 candidatos/vaga, no período considerado, o que revela não ser este um curso tão almejado pelos vestibulandos. Quando tratarmos dos motivos que levaram os estudantes que colaboraram com a pesquisa a cursar Geografia, trabalharemos estes dados e informações com mais profundidade. Mas já adiantando um pouco, o curso dificilmente se mostrou como sendo primeira opção ou exclusivo na projeção de vida dos estudantes entrevistados.

TABELA 1-RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA:GEOGRAFIA FCT/UNESP-PP (2017-2021)		
ANO	PERÍODO	CAND/VAGA
2017	MATUTINO	1,8
2018	MATUTINO	2,2
2019	MATUTINO	1,9
2020	MATUTINO	1,9
2021	MATUTINO	1,6
2017	NOTURNO	2,3
2018	NOTURNO	1,9
2019	NOTURNO	2,0
2020	NOTURNO	1,8
2021	NOTURNO	1,7

Fonte: Site Oficial Vunesp-2021

Somado a esse quadro de menor procura, temos por outro lado, altos índices de evasão, como demonstrado no Gráfico 1.



Fonte: Seção da Graduação, FCT/UNESP- 2020

¹Os dados de origem oferecidos pela seção da graduação remetem a cidade natal dos estudantes, havendo a possibilidade de terem residido em outros municípios antes da vinda a P. Prudente, porém quando esses dados foram comparados com os dados do questionário, o qual questionávamos a cidade de onde os graduandos vinham, as respostas se mostraram muito similares

A evasão pode se dar, segundo a Seção de Graduação, a partir de quatro procedimentos: cancelamento do vestibular, desistência (sem justificativa clara ou não reportada), matrícula não renovada e ingresso em outro curso.

O cancelamento no vestibular é o mais notório caso de evasão, podendo ser resultado de inúmeros fatores impossíveis de se abordar nesta pesquisa, pois não tivemos acesso às justificativas de evasão, ou o contato dessas pessoas, podemos apenas inferir sobre questões como outras opções de curso mais bem vistas pelo vestibulando, dificuldades financeiras para se mudar de cidade, desinteresse diante da localização da universidade (cidade média de interior no oeste paulista), etc. De todo modo, é uma ação que acontece, sobretudo, no primeiro ano do curso. Este representa, para as duas turmas, 26 pessoas.

O desistente é aquele que nem aguarda o fim do semestre, no meio do período desiste do curso e esse número também é significativo e representa uma ruptura mais radical, pois pode revelar que houve uma tentativa de conhecer o curso, de se adaptar, mas que esta não foi bem sucedida, seja porque não ocorreu a identificação, seja pela não adaptação aos ritmos da universidade, à cultura universitária e mesmo, à própria cidade do oeste paulista. Estes correspondem a 15 pessoas.

A matrícula não renovada se refere aos estudantes que, ao chegar ao final do semestre letivo, não renovam suas matrículas e abandonam o curso. As razões também neste caso são impossíveis de serem apresentadas nessa pesquisa. Os que não renovaram matrícula chegam a 14 pessoas entre as duas turmas analisadas.

E, por fim, a situação de transferência de curso, quando um estudante deixa o curso, mas não a universidade, apenas transfere sua matrícula. Este foi o tipo de evasão menos visto nos anos analisados, com 5 pessoas

De todo o modo, o número de estudantes que evadiram do curso de Geografia, entre as turmas que ingressaram em 2018 e 2019, chega a 60 pessoas. Se considerarmos que nos dois vestibulares foram aprovados 170 estudantes (85 em cada ano), temos então que, no período considerado, houve uma evasão da ordem de 35%.

Finalizando a apresentação desse panorama inicial, já podemos apreender determinados elementos que compõem o curso de Geografia estudado, tendo essa pesquisa o objetivo de conhecer a cultura universitária dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e seu papel na socialização de estudantes ingressantes no curso, tanto na construção de suas experiências de juventude, quanto na formação da identidade destes estudantes com o curso de Geografia; já nortearmos nossas (in)conclusões sabendo que nosso curso é um curso pouco procurado, com

altos índices de evasão. Em contrapartida, se mostra relevante para estudantes de todas as regiões do estado de São Paulo (como demonstrado no mapa 3).

Apesar do quadro não muito animador, é inegável que o curso de Geografia tem certa tradição de protagonismo na FCT/UNESP de Presidente Prudente, que oferece inúmeros caminhos para a iniciação científica e que tem grandes vínculos com a pós graduação, reconhecida entre as melhores do país (nota 7, a avaliação da CAPES). Contudo, nada disso parece ser suficiente seja para atrair a atenção de jovens em busca de curso superior, seja para reter aqueles que se aventuram a cursar Geografia. É, portanto, neste contexto, que as duas turmas consideradas ingressaram no curso e tiveram que lidar com estas questões, no seu processo de adaptação, o que tem sido relativamente bem sucedido, dada a permanência daqueles que colaboraram com a pesquisa no curso. Processo que não tem se dado sem seus próprios dilemas, como veremos adiante.

Mas, antes, é importante trazer dois dos conceitos geográficos centrais que vamos acionar na análise da cultura universitária do curso de Geografia e do processo de adaptação dos jovens estudantes, os conceitos de território e lugar.

2.2 Conceitos geográficos fundamentais à pesquisa.

Através da influência da Geografia Cultural, Humanista e Urbana, buscamos conceitos da Geografia que suprissem a nossa necessidade de falar da universidade, como um espaço não só palco de tudo que acontece, mas também parte da experiência de juventude e da cultura universitária. Dessa forma, os conceitos geográficos que se somariam à nossa discussão seriam *lugar* e *território*, ambos exprimem, nas definições encontradas por nós, significados pertinentes para pensar as culturas juvenis, os encontros, as sociabilidades e formas de convivência entre os jovens universitários estudantes do curso de Geografia.

Massey (1991) traz um conceito de lugar interessante, aquele onde há a interação, a troca, a reunião. Para a autora “trata-se na verdade, de um lugar de *encontro*” (1991, p.184); um encontro de múltiplas trajetórias em processo, que se iniciaram em outros contextos e escalas, mas que vão se encontrar no aqui/agora do lugar.

Assim, diante das diferentes formas de encontro, o lugar se amplia em escala e definição; os lugares passam a ser processos, com fronteiras não delimitadas (ao menos não claramente) e detentores de plurais identidades e significados, dependendo muitas vezes da

trajetória de cada estudante. A coexistência obriga a negociação, o que faz do lugar também um espaço da política.

Compreendemos a universidade muitas vezes como esse lugar, que está em processo de transformação, que se faz diferente a cada momento, é mutável, (des)construído pelos inúmeros encontros entre os estudantes que fazem do espaço universitário parte de quem são, que o fazem lugar. Esse encontro como já exposto em parte, é na maioria das vezes um encontro de trajetórias muitíssimo diferentes, origens diversas que no espaço universitário trazem suas experiências, recordando Turra Neto (2015), tão plurais e aleatórias. Trajetórias de vida que se ligam às trajetórias institucionais e mesmo à trajetória da Geografia Brasileira, feita em alguma medida na graduação e na pós graduação da FCT. Tudo isto se encontra no aqui/agora do lugar e o constitui na sua complexidade.

Vale também lembrar, que a universidade em uma perspectiva de lugar definido por Massey (1991), se mistura com o que não é institucional, com os seus arredores, com o cotidiano da cidade como um todo, cujo movimento a afeta e a constitui. Seja os cotidianos dos estudantes do curso de Geografia, suas formas de mobilidade na cidade, ou interurbana, já que muitos vêm diariamente das cidades vizinhas cursar Geografia, como posto por Freitas e Braga (2013), seja o cotidiano da própria vida universitária, nas aulas, nas refeições do RU, nos grupos de pesquisa e biblioteca, nas praças e caminhos do campus.

Porém, a universidade também se faz território. Turra Neto (2000) ao fazer um resgate de várias definições de território, em busca de elaborar um conceito que lhe permitisse abordar as culturas juvenis urbanas, argumenta que os territórios são uma construção social sobre determinado espaço que envolve uma apropriação simbólica e concreta. Definição próxima a de Haesbaert (2004, p. 23) para quem o território também guarda essa dualidade.

[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de funções quanto na produção de significados.

Logo, ainda nos baseando em Haesbaert (2004), entendemos o território funcional enquanto processo de dominação, quando há o princípio da exclusividade (unifuncional) e o território como recurso e valor de troca; o território se faz simbólico quando há o processo de apropriação, o princípio da múltipla territorialidade/identidade e a existência do território como símbolo (abrigo e lar). Assim, um mesmo espaço concreto pode ser ao mesmo tempo funcional e simbólico, em formas de apropriação e dominação que se chocam e se combinam. A

universidade é, sem dúvida, um território de exercício do poder institucional, das regras e normas que regem a vida universitária e estabelecem como tudo deve funcionar. Mas é também um espaço apropriado pelos estudantes, no fluir da sua experiência enquanto jovens universitários. Para muitos, o centro de sua vida social e da sua experiência juvenil. É assim, que neste encontro há sempre tensões, entre uma concepção de espaço universitário e uma vivência de espaço universitário, que negociam permanentemente, fazendo do campus um território contestado. Os jovens universitários ressignificam os espaços dos grupos, da biblioteca, das praças, ao espaço do diretório acadêmico.

Por outro lado, e pensando que a vida universitária não se limita à universidade ou ao espaço físico do campus, mas extrapola para a cidade, o território enquanto símbolo traz contribuições ao nosso debate acerca dos jovens estudantes universitários, o pertencimento presente nos discursos de quem faz parte de uma república, os espaços de sociabilidade no bar, no parque, e mesmo no shopping, indicam que a territorialidade da cultura universitária é mais difusa, embora que quando levado em conta os ambientes mais frequentados pelos estudantes que têm sua origem fora de Presidente Prudente se revela circunscrita a certo quadrante da cidade, enquanto os que sempre moraram aqui apresentam outros circuitos (como veremos mais adiante no texto). De todo modo, também aí ocorrem disputas e ressignificações de espaços, quando apropriados por jovens universitários, Santos (2014, p. 24) propõe, “A universidade é um território onde (a)os estudantes experimentam transformações de *habitus*...”.

Na sua busca por um conceito de território, Turra Neto (2000) aborda as culturas juvenis, em meio a uma cidade cada vez mais fragmentada e “privada”, em que emergem agrupamentos juvenis organizados em rede, que compartilham de símbolos, vivências, costumes e práticas e que demandam espaços de encontro, socialização e manifestação. Quando nos voltamos aos relatos oferecidos pelos entrevistados e questionados ao longo da pesquisa, percebemos que também na universidade cada vez mais pressionada a servir a uma lógica mercadológica e capitalista, como Chauí (2003) nos coloca; surgem práticas de ressignificação do espaço e do cotidiano do campus, como um simples piquenique de despedida aos estudantes prestes a desistir do curso, como relatado por uma das estudantes, aos movimentos de cunho político do curso, como as resistências a um ensino remoto precário e às pressas, no contexto da pandemia de Covid-19.

Concluindo nossa primeira reflexão acerca do território, voltamos a Haesbaert (2004), quando afirma que as lentes da pós modernidade tornam o território antes de tudo cultural (depois político-econômico), e quem usufrui do território tem certo privilégio pois há quem está

de fora, sem poder entrar. O território, assim, também é um recurso. E, para alguns estudantes, um recurso que lhes confere as possibilidades de se sustentar no mundo, uma perspectiva de ação política e de futuro profissional, uma rede de amizades e sociabilidade que lhe serve de espelho de si mesmo (como argumenta Pais - 2003, sobre o papel das culturas juvenis para os jovens). Quando entram e permanecem no curso, talvez seja porque este recurso lhes passa a ser vital.

Assim, o curso de Geografia da FCT/UNESP, que apesar de ser um curso pouco elitizado, se faz território de poucos, às vezes se mostra disputado, quando notamos as tantas desistências presentes no curso, aqueles que não se territorializaram, a militância protagonista no discurso dos estudantes e as exigências que a universidade como um todo faz.

Eis um desafio ao curso de Geografia da nossa universidade: ser menos um território de dominação e exclusão, e mais um território que propõe o encontro e se faz simbólico e um importante recurso na vida de um número maior de pessoas; mesmo que isso signifique ir na contramão da tendência, apontada por Chauí (2003), da competitividade já tão presente nas universidades brasileiras, decorrente da onda neoliberal.

Ao longo do texto vamos continuar trazendo os conceitos de lugar e território aqui apresentados, priorizamos tais definições, para que nossa ótica de análise seja sempre baseada nesses dois conceitos, sendo ambos fundamentos de nossa pesquisa.

3 METODOLOGIAS:REFERÊNCIAS, PROCEDIMENTOS E DADOS- SEÇÃO III

Nesta seção iremos abordar acerca dos procedimentos, referências, metodologias e os dados obtidos através de nossa investigação; vale salientar que os dados qualitativos, oriundos de entrevista e grupo focal serão mais adiante aprofundados.

3.1 Discussão Bibliográfica e referencial de metodologias

A pesquisa, como todas as outras, iniciou-se com um levantamento bibliográfico, ainda que este já estivesse em andamento antes mesmo da aprovação do projeto pela Fapesp. As leituras iniciadas para a construção do projeto foram ampliadas e aprofundadas, sobretudo considerando o debate em torno do que se entende por cultura universitária, cultura juvenil universitária, metodologia da pesquisa, o contexto das universidades no Brasil, adaptação e evasão. No levantamento bibliográfico, levamos em consideração as contribuições de Silva, Silva e Junckes (2009), que propõem uma busca de leituras relacionadas a um tema já estabelecido, ou seja, antes de qualquer levantamento, há a necessidade de definir um problema de pesquisa (os objetivos da pesquisa), a cautela com a escolha de textos e a atenção para evitar a leitura de textos que não contribuem com a pesquisa (valorização de tempo de leitura), estiveram presentes também em nosso levantamento. Os autores apresentam o termo “vigilância epistemológica” que seria a atenção para com as referências usadas, a busca por embasamento em tudo que é dito, comprovação por meio de dados e fatos e a disciplina dentro dos termos estabelecidos pela academia.

A maioria das referências utilizadas foi encontrada via internet, e após o levantamento de possíveis leituras, tivemos uma reunião (orientando e orientador) e com uma análise do resumo de cada artigo, tese, livro e algumas das ideias centrais expressas, em conjunto, selecionamos as referências em três tipos: *as mais relevantes e pertinentes à pesquisa*, essas seriam as lidas e fichadas de imediato; *as possíveis*, essas poderiam vir a ser interessantes à pesquisa, mas seriam deixadas para a leitura apenas se, ao longo a organização de dados, questionário e grupo focal (mais adiante as entrevistas) nos apontasse a necessidade do suporte desses textos, que abordavam temas mais específicos. E, por último, os textos *descartados*, esses consideramos fora do tema da pesquisa e de seus objetivos. Assim, foi o procedimento de levantamento bibliográfico.

Vale salientar que, ao longo dos meses, nas leituras, nos encontros com o grupo de Geografia das Juventudes (GeoJuvés), nas *lives* assistidas e nos próprios textos, encontramos outras leituras pertinentes à nossa pesquisa. Assim como também pontuam Silva, Silva e Junckes (2009), fiz sempre fichamento das leituras realizadas, com as ideias centrais, citações de colocações a somar na pesquisa e trechos que enriquecessem o debate acerca dos temas relacionados. O período de leitura e fichamento se deu em todos os meses dessa pesquisa (Junho de 2020 a Fevereiro de 2021).

Diante disso, logo em Julho, preparamos os documentos exigidos e enviamos ao comitê de ética os roteiros e o cronograma das metodologias que iríamos utilizar, e esperamos a aprovação do comitê. Após tal feito, trabalhamos tanto no levantamento de dados junto aos setores acadêmicos da FCT/UNESP, quanto na produção de dados primários. No primeiro caso, buscamos conhecer o perfil dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia, como forma de termos um panorama inicial do tipo de público atendido pela nossa pesquisa, solicitamos os dados de: escola em que estudaram, cor de pele, cidades de origem, justificativas de desistência (para entender um pouco dos motivos da evasão do curso, o que é uma preocupação do Conselho de Geografia) e se ingressos por meio de cotas ou não.

Depois do devido levantamento e tratamento dos dados, realizamos a aplicação de um questionário aos estudantes do 2º e 3º anos. O questionário foi via web, enviado pelo e-mail institucional da universidade, mas também foi enviado o link em grupos de *whatsapp*. Segundo Chagas (2000), o questionário é um conjunto de questões, feito para gerar dados necessários para os objetivos da pesquisa, criando uma relação entre o problema de pesquisa, seus objetos, a população a ser pesquisada e os métodos de análise escolhidos.

Chagas (2000) salienta também a necessidade de cautela na elaboração das perguntas. Estas podem dar espaço para respostas abertas, de múltipla escolha e questões dicotômicas (polarizadas – tipo sim e não), cada qual deve ser escolhida tendo em mente o tipo de dado que se deseja e o tipo de tratamento que eles demandarão. Tendo essas questões nos norteando, nosso questionário foi composto pelas seguintes perguntas:

A EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE ESTUDANTES DO 2º E 3º ANO DE GEOGRAFIA

- *Gênero*
- *Orientação Sexual*
- *De qual ano do curso de Geografia você é?*
- *Qual período você está matriculado(a)?*
- *Em qual escola você estudou?*
- *Se você é originalmente de fora de Presidente Prudente, responda, considerando o ano de 2019(se viajou todos os dias, ou morava em Presidente Prudente)*
- *Se você respondeu na questão anterior que é originalmente de outro município, responda: Veio para P. Prudente com qual intuito?*
- *O curso de Geografia era sua primeira opção?*
- *Comente sua resposta da questão anterior (resposta dissertativa)*
- *Quais foram as maiores dificuldades dos primeiros meses na universidade?*
- *Em relação as disciplinas, responda: Comente sobre os aspectos que encontrou mais dificuldade de adaptação (resposta dissertativa)*
- *Como foi o processo de se enturmar com outros estudantes do curso? Comente*
- *Participou (1º ano) ou já ajudou (anos seguintes) na semana de recepção aos calouros e/ou de Geografia?*

- *Você tem amizades com estudantes de turmas diferentes da sua? (dentro da Geografia).*
- *Você tem amizades com estudantes de outros cursos da universidade?*
- *Se você respondeu nas perguntas anteriores que tem amizades tanto dentro quanto fora da Geografia (muitas ou poucas), em que contexto essas relações foram constituídas? (resposta dissertativa)*
- *Qual sua principal fonte de renda?*
- *Se você respondeu na questão anterior às opções: "Trabalho informal ou formal", responda: Este trabalho atrapalha a sua vivência na faculdade?*
- *Caso tenha respondido que sua principal fonte de renda é "bolsa de pesquisa", responda: Às exigências da sua bolsa de pesquisa atrapalham sua vivência na faculdade?*
- *Quais espaços da universidade você se encontra(va) com seus amigos?*
- *Quanto tempo você passa(va) na universidade além das aulas, por dia?*
- *Quais locais você se encontra(va) com seus amigos de turma fora da universidade? (resposta dissertativa)*
- *O curso de Geografia da FCT/Unesp, na sua opinião, oferece boa formação para o mercado de trabalho (bacharel e licenciatura)?*
- *Já pensou em desistir do curso de Geografia?*
- *Se você respondeu na questão anterior que já pensou em desistir do curso (algumas ou uma vez), o que o fez permanecer no curso? (resposta dissertativa)*
- *Você pretende trabalhar com Geografia (como professor ou geógrafo)?*
- *Qual seu maior aprendizado com as pessoas do curso de Geografia (estudantes e professores), além dos conteúdos de aula e pesquisa? (resposta dissertativa)*

Segundo Chagas (2000), um bom questionário há de seguir uma lógica de informações, devendo conter os tópicos a seguir:

Solicitação de cooperação: Antes de se efetuar o questionário, a ética do pesquisador deve ser reafirmada no formulário, e solicitada a colaboração do questionado. Assim, no cabeçalho da página do questionário, apresentamos o seguinte texto:

“Esse questionário faz parte da pesquisa CULTURA UNIVERSITÁRIA E EXPERIÊNCIA DE JUVENTUDE DE ESTUDANTES DO SEGUNDO E TERCEIRO ANOS

DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP – PRESIDENTE PRUDENTE, conduzida pelo estudante João Pedro Turino Silva, sob a orientação do Professor Nécio Turra Neto.

A pesquisa visa compreender como estudantes do curso de Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente se relacionam com a instituição, qual o processo de adaptação na vida acadêmica e suas experiências de juventude na cultura universitária.

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa por meio desse questionário. Sua participação é totalmente voluntária, sem retornos financeiros e não oferece nenhum risco à sua integridade física ou psicológica, dado o teor das perguntas e também pelo fato de que o questionário é totalmente anônimo, seguindo as normas de ética de pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução no. 510/2016.

Caso não queira responder, não haverá nenhum problema e isso não acarretará em penalidades ou mudança na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador.

Por favor, nas respostas a seguir levar em consideração sua experiência de universidade antes da pandemia.

Desde já agradecemos a atenção”.

Instruções: O autor nos diz que o questionário precisa ser bem explicado, indicando com facilidade a orientação a ser preenchida pelo sujeito que irá responder.

Identificação: Questões simples que possam dizer quem é a pessoa que está respondendo o questionário. No nosso caso, estas questões envolveram: o ano em que estuda, seu gênero, seu período e origem.

Informações solicitadas:

As perguntas precisam traçar uma ligação entre o problema e os objetivos da pesquisa, as hipóteses postas, a população a ser analisada e os métodos utilizados.

O questionário foi elaborado na plataforma *Google Forms*, tornando a elaboração de gráficos mais simples e também mais prática a disseminação do mesmo, tendo um link de acesso:

<https://docs.google.com/forms/d/1s7bIZjBEloaLTsIjhgJgAHbH0J5XJM2cRh_JVdfX XnY/edit>

Também realizamos dois grupos focais para a produção de dados de outra natureza, na pesquisa. Segundo Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002), os grupos focais são grupos de discussão informal de tamanho reduzido, com o objetivo de obter informações qualitativas sobre o tema pesquisado. Seu objetivo é produzir uma fala em debate, por isso, é diferente de entrevista de grupo ou de entrevistas em geral. Sua execução é mais complexa do que as

metodologias anteriores, pois exige apoio de colaboradores, visto que para sua realização, deve contar com um mediador, um relator, um observador e um operador de gravação. Funções que poderão ser desempenhadas por pelo menos duas pessoas. O roteiro do grupo focal deve trazer um número bastante reduzido de perguntas que estimulem o debate, porque o objetivo não é que os membros do grupo respondam perguntas ao mediador, mas que debatam entre si a partir de questões que são gerais e comuns.

Diante da inédita situação vivida por nós nesse momento, a metodologia foi adaptada para a interação à distância, por meio da ferramenta *google meeting*, por meio de vídeo chamada gravada. Vale reforçarmos aqui a distinção entre a entrevista e o grupo focal, o primeiro apresenta dados singulares e personalizados, enquanto o segundo amplia as ideias, contradições, (des)acordos e opiniões, de estudantes jovens que compartilham de muitas experiências e da própria cultura universitária. Tivemos como roteiro do grupo focal a seguinte ordem de questões:

INTRODUÇÃO (10 minutos)

Iniciar fazendo os agradecimentos e pedindo autorização para gravar. Neste momento falo que apesar de sabermos os nomes, eles estarão sob sigilo ético e nunca serão revelados/publicados além de ler o termo de concordância aos mesmos. Provavelmente usaremos a plataforma do google meeting.

Apresentar então o objetivo da pesquisa: Conhecer a cultura universitária dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP e seu papel na socialização de estudantes ingressantes no curso, tanto na construção de suas experiências de juventude, quanto na instituição da identidade destes estudantes com o curso de Geografia (com foco no segundo e terceiro anos).

Apresentar então a dinâmica do grupo: não é um jogo de perguntas e respostas, mas um debate entre os presentes. Todas as opiniões interessam, pois leva as pessoas a pensarem. Falo do meu papel no grupo, que eu não participo da discussão, eu apenas coloco algumas perguntas. Também apresento o papel do relator presente, que não fará parte da discussão, mas irá relatar nosso debate.

Em seguida apresentar-se e solicitar que todas façam uma apresentação também, considerando: nome, idade, ano da graduação e período (matutino ou noturno).

TODOS PROVAVELMENTE JÁ SE CONHECEM - saber se são de Prudente, ou vieram morar em Prudente para estudar. Se só estudam; estão em projetos de pesquisa e/ou coletivos

QUESTÕES DE PARTIDA (30 minutos)

Há uma cultura universitária na FCT-UNESP e mais particularmente no curso de Geografia (seria diferente dos demais cursos)? Que cultura seria esta?

O que se aprende como estudante de Geografia da FCT, para além da sala de aula?

As pessoas se transformam ao longo do curso?

QUESTÕES ESPECÍFICAS - a serem retomadas, caso tenham aparecido, a serem introduzidas, caso ainda não compareceram (20 minutos)

Quais os locais de encontro e sociabilidade entre os estudantes de Geografia?

O que estes estudantes mais costumam fazer no seu tempo livre como lazer?

Os coletivos e grupos de pesquisa contribuem de alguma forma para adaptação na vida universitária? Como?

QUESTÃO PROVOCATIVA (10 minutos)

O grupo considera saudável a vida acadêmica e a cultura universitária de Geografia da FCT? (relações na sala de aula, nos grupos de pesquisa, nas relações de sociabilidade)

QUESTÃO DE FECHAMENTO (5 minutos)

Se há uma cultura universitária e na Geografia, como você se relaciona com ela?

Alguma questão que alguém gostaria de colocar para o grupo?

O primeiro grupo focal foi realizado e gravado no final de 2020 e durou uma hora e cinquenta e três minutos, a transcrição foi feita com base em Gatti (2005), que recomenda que para o exame das informações com o grupo focal, sejam retomados os objetivos da pesquisa, assim fazendo uma análise guiada pelas premissas e fundamentos da nossa busca por respostas, a transcrição deve ser feita de forma cautelosa, levando em conta o comportamento, reações e consensos ou contradições que o grupo teve sobre os diversos temas.

Esse grupo foi constituído por 6 estudantes, 3 do segundo ano e 3 do terceiro, tendo eu como mediador², todos do grupo expressaram suas ideias acerca das provocações e

² Como nunca havia feito grupo focal antes, havíamos pensado inicialmente que o professor orientador poderia conduzir o primeiro, e eu ficaria na qualidade de relator, ao mesmo tempo em que aprenderia. Contudo, pouco antes do grupo acontecer, o professor julgou que esta não seria uma boa estratégia, tendo em vista que os/as estudantes participantes do grupo foram ou ainda eram seus alunos e alunas. Este fato poderia causar certo constrangimento e tirar a liberdade de fala dos/as participantes. Então, assumi a mediação do grupo e julgamos

contribuíram para a nossa pesquisa. A busca pelos estudantes foi tentar encontrar diversas posições socioeconômicas, de gênero e cidades de origem, podendo assim abranger as várias trajetórias pessoais presentes no curso de Geografia.

O segundo grupo focal foi realizado e gravado em Janeiro de 2021 e durou um pouco mais de uma hora, a transcrição também feita com base em Gatti (2005), apenas 5 dos 6 convidados compareceram ao grupo focal, com 2 integrantes do terceiro ano e 3 integrantes do segundo ano, eu também mediei esse grupo focal, que seguiu o mesmo roteiro, mas teve menos falas que o primeiro, por isso, o tempo também mais curto. As trajetórias apresentadas durante o grupo focal também se mostraram diversificadas.

As entrevistas, foram orientadas segundo os critérios apresentados por Colognese e Mélo (1998), que indicam uma série de cuidados para que esta "conversa interessada" seja mais eficiente, ainda que reconheçam que não é possível evitar todos os ruídos de comunicação. Trabalhamos com o roteiro específico e com entrevistas semi-estruturadas, também segundo as definições destes autores e assim fizemos a transcrição das 4 entrevistas realizadas. As entrevistas seguiram o seguinte roteiro:

que, como seria gravado em vídeo chamada, o professor poderia mesmo ser dispensado da qualidade de relator do grupo.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa: Cultura Universitária e Experiência de Juventude de Estudantes do Segundo e Terceiro Ano de Geografia da FCT/UNESP- Presidente Prudente

- *Relate um pouco de sua história antes da faculdade, qual escola estudou e de qual cidade você veio, como foi sua formação no Ensino Médio, seu envolvimento na escola.*
- *Por quê escolheu Geografia? Era a sua primeira opção?*
- *Por quê escolheu a Unesp-PP?*
 - *Como tem sido sua adaptação na vida universitária da FCT/UNESP desde o primeiro ano até hoje?*
- *you demandou auxílio de permanência estudantil? Com foi este processo?*
- *Onde foi o primeiro lugar que você morou? Onde você mora agora?*
 - *Você frequenta a universidade, além das aulas? Descreva seu cotidiano como estudante de graduação?*
 - *Quem são as pessoas que compõem sua rede de amigos na FCT ou em Presidente Prudente? (sala; do curso; da fct como um todo; de fora da fct)*

10. Onde e quando você se encontra(encontrava) com os amigos da universidade? E o que normalmente vocês fazem juntos? Descreva suas atividades no tempo livre:

11. Você considera o curso de Geografia diferente dos outros cursos? Em que/Por quê? (em termos de cultura universitária)

12. Você já pensou em desistir do curso? Se sim, por quê? Se sim, o que fez você mudar de ideia?

13. Você tem socializado nessa quarentena com os outros estudantes? De que forma?

14. Como anda seu humor na pandemia e com as aulas remotas?

15. O que você considera que aprendeu, que contribuiu com sua formação como pessoa e como estudante na FCT, para além dos conteúdos das disciplinas e mesmo da sala de aula?

16. Você se considera diferente de quando entrou? Diferente em que? E ao que você atribui essas mudanças?

Foram entrevistado(a)s 2 estudantes do terceiro ano e 2 do segundo, via *google meet*, todas as entrevistas foram gravadas e trabalhadas de forma que pudesse ser feito uma comparação entre os temas em comum colocados no roteiro da entrevista, para assim analisarmos as diferenças e semelhanças entre os discursos. Para tanto construímos um quadro, em que nas colunas estavam os temas abordados e nas linhas o(a)s entrevistado(a)s. Assim, pudemos de forma sintética ter uma visão do conjunto de cada entrevistado/a bem como do conjunto das respostas para cada tema.

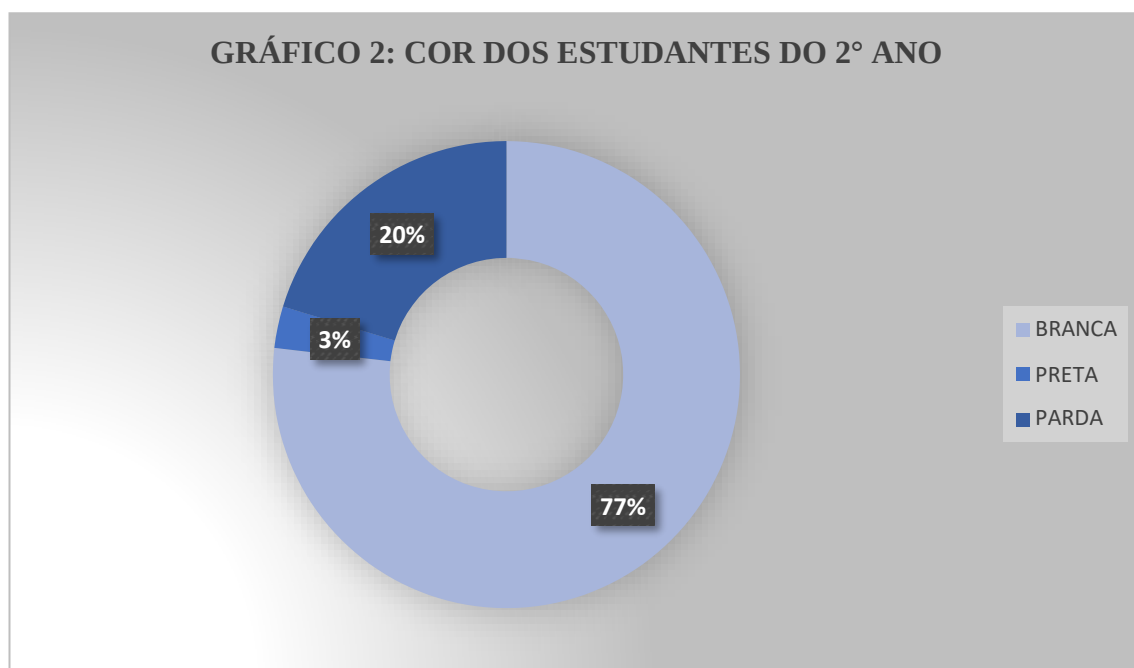
Usando todas essas metodologias, referenciadas nas obras acima citadas, tivemos acesso a muitos dados e informações que somados ao arcabouço teórico nos indicam caminhos para compreender a questão em foco nesta pesquisa. Assim, no que se segue, primeiro faremos uma análise dos dados quantitativos e, mais adiante, junto com a discussão teórica, analisaremos os dados qualitativos, oriundos das entrevistas e dos grupos focais.

3.2 Dados Seção de Graduação e Questionário

Como exposto anteriormente, a primeira fonte de dados quantitativos foi a Seção de Graduação, que nos forneceu os dados atualizados até o mês de Agosto de 2020. Assim, criamos gráficos e ilustrações que nos fossem pertinentes, sintetizando as informações solicitadas.

O 2º ano é composto por 69 pessoas ao todo, 34 no período noturno e 35 no matutino. Das 69 pessoas, 53 se autodeclararam brancas, 14 pardas e apenas 2 pessoas se autodeclararam pretas.

Trazendo esses números para porcentagem, temos os dados organizados no Gráfico 2. Logo notamos que a porcentagem de autodeclarados brancos é muito superior aos autodeclarados pretos e pardos. Então, apesar de vermos políticas importantes de democratização da universidade, apresentadas por Ristoff (2014), como a política de cotas, Enem como auxílio na nota do vestibular da Vunesp, e políticas de permanência estudantil como moradia, auxílio permanência e outros, o curso de Geografia em específico ainda é grandemente constituído por pessoas brancas, não sendo assim reflexo real da sociedade brasileira.



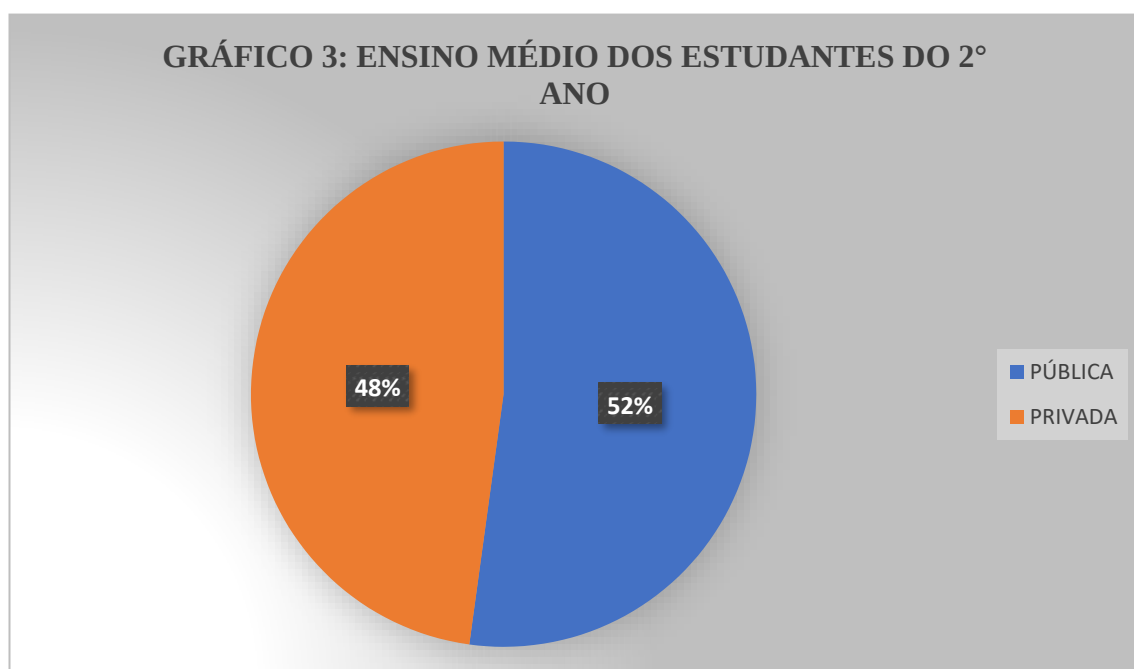
Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

Podemos ver que mesmo um curso pouco concorrido quando comparado a outros cursos na FCT/Unesp, ainda não consegue se mostrar tão diversificado quanto deveria. Estes dados são referentes aos estudantes que ingressaram no ano de 2019 e tiveram uma experiência de pouco mais de um ano na universidade, interrompido pela pandemia no ano de 2020, logo é algo muito recente. Percebemos assim que estamos ainda distantes de um curso pluralmente racial como nosso país, situação parecida com a apresentada por Ristoff³ (2014), que mostra que, apesar do crescimento exponencial de matrículas e número de universidades dos anos de 1992 a 2012, a Universidade brasileira ainda é elitizada, visto que a população da universidade é 20% mais branca que a população brasileira.

³Ristoff (2014) utilizou os dados do Enade, avaliando assim o quadro nacional universitário.

Nesse cenário, vale pontuar que os cursos de licenciatura se mostraram mais acessíveis, pois, como apresenta o autor, “apenas o curso de História, a exemplo do que se observa nas licenciaturas e nos cursos de baixa relação candidato/vaga em geral, tem percentuais muito próximos aos da população brasileira branca” (RISTOFF, 2014, p.731).

O Gráfico 3 traz a porcentagem de estudantes oriundos de escola pública e de escolas particulares. No segundo ano, 36 pessoas são oriundas de escolas públicas e 33 pessoas são oriundas de colégios particulares. A estreita maioria de estudantes oriundos de escola pública pode ser indicativo do efeito positivo das políticas de cotas. Como exposto por Ristoff (2014), em um país onde a maioria dos jovens estudam ou estudaram em escola pública, é justo que a maioria dos estudantes do ensino superior público também seja oriundo do ensino público. Porém, notamos que, em muitas situações, as universidades públicas recebem mais estudantes oriundos de escolas particulares do que públicas. Mesmo na Geografia, há que se pontuar que a diferença é pouca, logo ainda há poucos estudantes de escola pública no nosso curso. Podemos citar como uma das causas o filtro do próprio vestibular, como argumentam Oliveira e Silva (2010), que elimina aqueles que não tiveram acesso ao ensino que prepara para o ingresso a universidade, mesmo sendo um curso com pouca procura, a informação sobre o vestibular, seu conteúdo, data, valor e formato, muitas vezes nem chega aos estudantes com menor condição de renda.

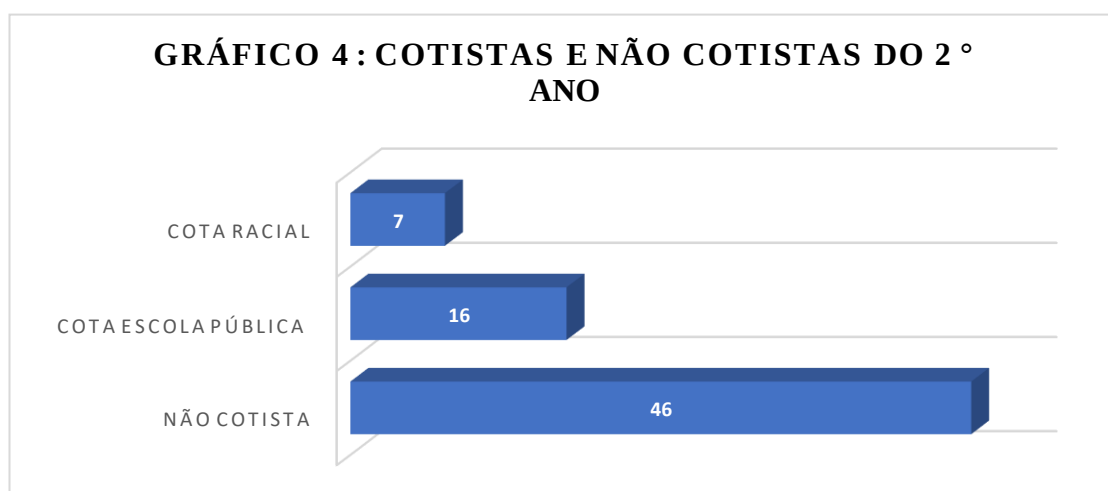


Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

Os cursos de licenciatura não têm tradição de atrair estudantes dos estratos mais altos de renda, o que faz com que sejam, de alguma forma, menos concorridos e mais acessíveis, diferente de cursos como medicina e as engenharias. Como Ristoff (2014, 739) afirma,

[...] não deixa de ser surpreendente que em Medicina o percentual tenha permanecido o mesmo do segundo para o terceiro ciclo do Enade (de estudantes oriundos de escolas públicas) e que nos cursos de Licenciatura o percentual de estudantes da escola pública, embora alto, continue a crescer.

Como demonstra o Gráfico 4, a maioria dos estudantes do segundo ano não são cotistas, mas vemos a forte influência das cotas na constituição do segundo ano. O número considerável de pardos e oriundos de escola pública podem ser explicados através da política de cotas: 7 pessoas com cota racial, 46 pessoas não cotistas e 16 pessoas com cotas de escola pública.



Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

O terceiro ano do curso de Geografia é constituído por 41 pessoas, divididas entre os períodos matutino e noturno. Também tem maioria branca (como demonstrado no gráfico abaixo). Já vemos um número bem menor perante os 69 estudantes do segundo ano, logo a evasão já se mostra evidente quando comparado ao número total de estudantes entre o segundo e terceiro ano. Vale dizer que são ofertadas no vestibular 85 vagas que costumam ser preenchidas no primeiro ano. Assim, temos uma turma no terceiro ano que teve mais de 50% de evasão.

Nesta turma, não muito diferente do segundo ano, a porcentagem parda é relevante, mas ainda muito inferior à quantidade de brancos, enquanto a quantidade de autodeclarados pretos

é muito pequena. Em números reais, a quantidade de estudantes por autodeclaração de cor é de 53 pessoas brancas, 2 pretas e 14 pardas, como demonstrado em termos percentuais no Gráfico 5.



Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

No terceiro ano, vimos uma maior diferença entre estudantes oriundos do ensino público e privado, pois, 14 pessoas estudaram o ensino médio em colégios privados, ao passo que 27 concluíram a educação básica em escolas públicas (Gráfico 6).

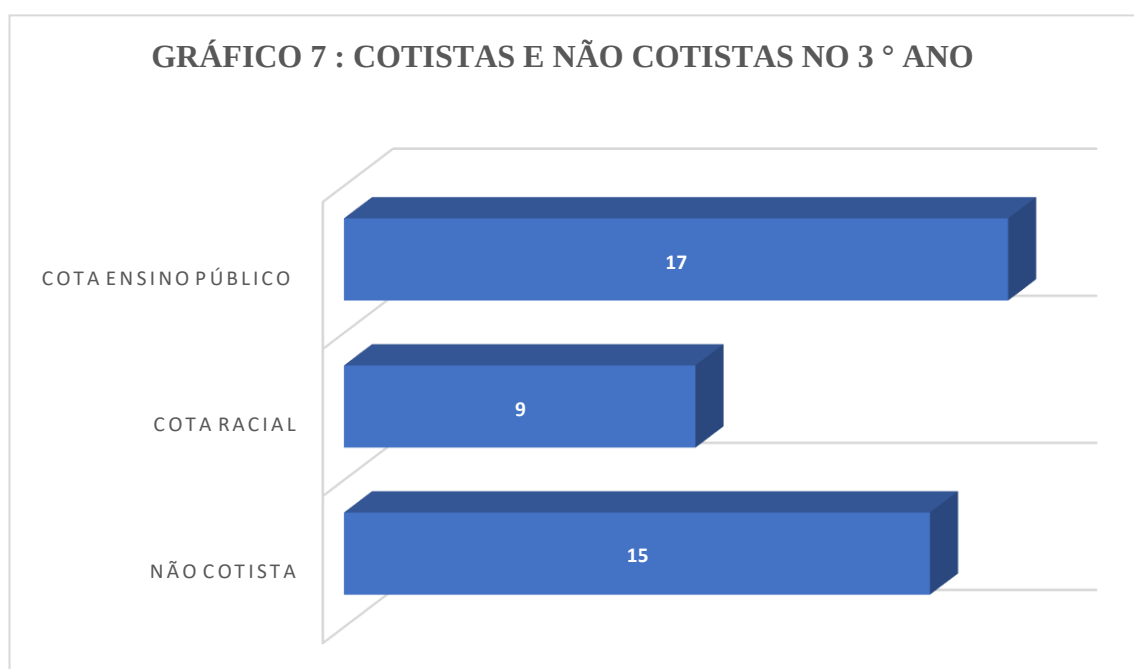
Vale salientar que a trajetória desses estudantes que ingressaram no curso de Geografia impacta e afeta suas decisões, (con)vivências e experiências de juventude na cultura universitária da FCT/UNESP, como colocado por Oliveira e Silva (2010).



Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

O Gráfico 7 apresenta o curioso dado de que para o terceiro ano do curso, o número de cotas supera o de não cotistas. Isto pode ser um indicativo de que os estudantes que ingressaram no curso por meio de cota permaneceram no curso, o que parece não ser o caso de muitos não cotistas. Logo, não podemos relacionar a evasão exclusivamente com a origem escolar dos estudantes do curso. Nesse sentido, é pertinente citarmos Oliveira e Silva (2010, p. 25), quando afirma que

[...] existe uma pequena parcela de estudantes da rede pública de Ensino Médio que é aprovada nos exames vestibulares das mais concorridas carreiras em universidades públicas. Esses alunos superam as barreiras educacionais, sobrevivem ao ritual de passagem [...] e ainda conseguem concluir a graduação frente às adversidades da desigualdade de condições no acesso à universidade.



Fonte: Seção de Graduação, FCT/UNESP – 2020.

O maior percentual de cota está relacionado ao ensino público, logo notamos que o curso de Geografia em si ainda é majoritariamente branco, visto tanto nos dados do segundo como no terceiro anos.

Entre os dois anos analisados, podemos diferenciar a quantidade de estudantes remanescentes, que no terceiro ano é bem menor, confirmando a necessidade de uma atenção especial a esses anos que são foco de evasão. É importante salientar que a pandemia ao longo

do ano de 2020 e a necessidade do ensino remoto foi mais uma adversidade ao prosseguimento dos estudos dos graduandos, podendo ser um ano em que se agrave ainda mais o número de evadidos do curso. Elemento esse relatado em nossas conversas informais ao longo da pesquisa.

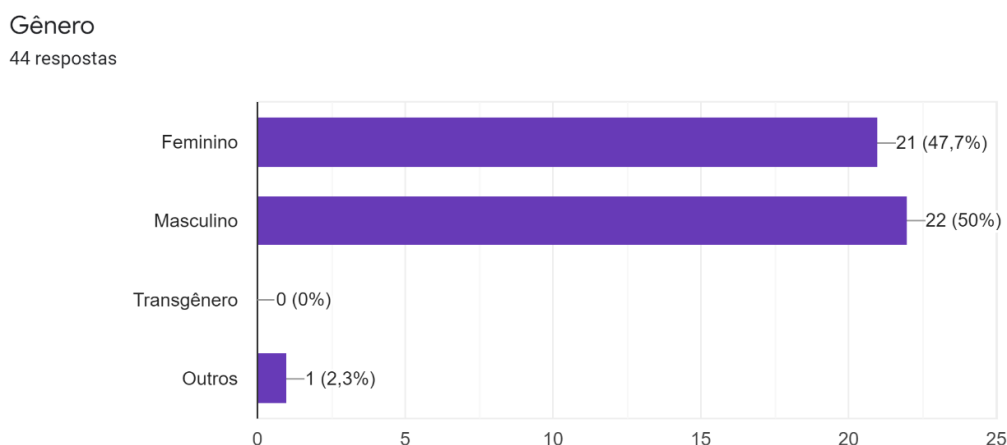
Seguindo nossa exposição dos dados quantitativos, analisamos em seguida os dados quantitativos produzidos pelos própria pesquisa a partir do questionário.

O questionário via Google Forms ficou aberto para resposta no período de Setembro e Outubro de 2020.

Tivemos ao todo 44 respostas, o que representa 40% dos estudantes que estão ainda matriculados nos anos considerados. O questionário versou acerca de perguntas que nortearão nossas próximas discussões e as pautas traçadas no grupo focal e nas entrevistas, mais adiante apresentados.

Para o questionário, não apresentamos distinção entre estudantes do 2º. ou 3º. ano, de modo que as informações serão sempre tratadas em conjunto. Iniciamos a apresentação dos dados qualitativos, traçando um perfil dos respondentes. No que se refere ao gênero, o Gráfico 8 apresenta uma pequena diferença entre rapazes e moças e apenas uma pessoa apresentou a opção: outros.

GRÁFICO 8: GÊNERO DOS ESTUDANTES DO 2º E 3º ANOS DO CURSO DE GEOGRAFIA

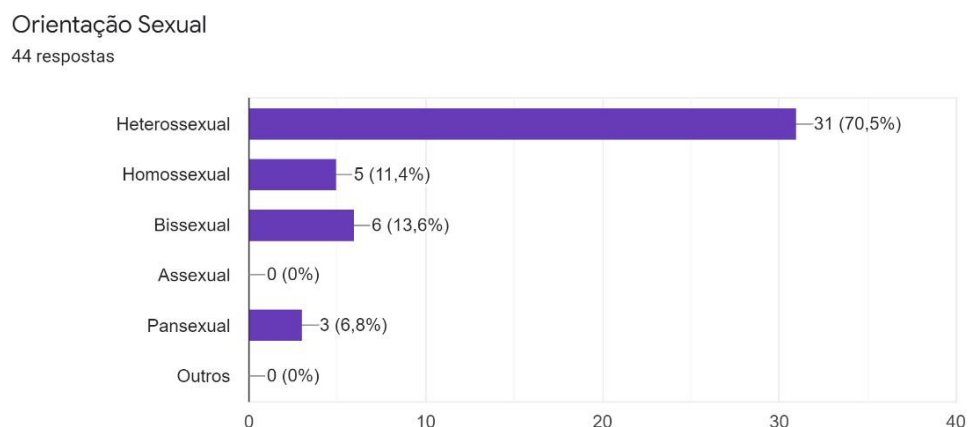


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020

Na segunda questão, perguntamos sobre a orientação sexual dos estudantes. Apesar da superioridade clara daqueles que se autodeclaram heterossexuais, é significativo o percentual dos que se autodeclaram homossexuais, bissexuais e pansexuais.

Segundo dados apresentados em uma reportagem de 2017 no blog *Brasil de Fato*, a população LGBTQIA+ no Brasil chega a 10%, enquanto que a porcentagem no curso de Geografia nos 2 anos analisados é de 31,8%.

GRÁFICO 9: ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ESTUDANTES DO 2º E DO 3º ANO DO CURSO DE GEOGRAFIA

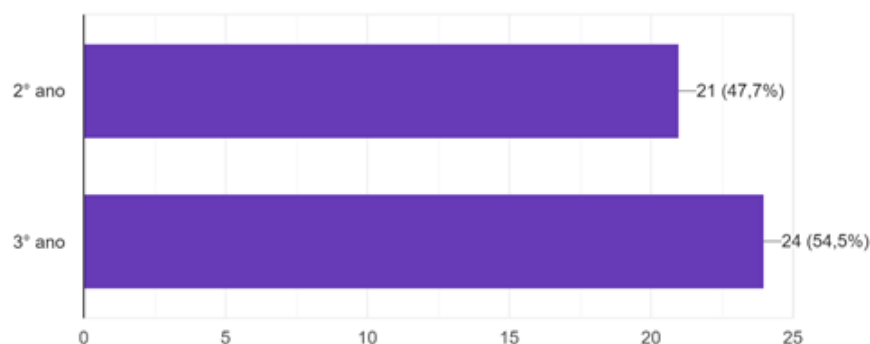


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Vale pontuar que a questão do gênero e da orientação sexual são pertinentes para a elaboração da experiência de juventude e da cultura universitária, tendo em vista as adversidades e desafios de ser mulher [e ter outras orientações sexuais] em um espaço de universidade construído e imaginado para homens héteros, como salienta Costa (2020), podendo ser um elemento que atrapalhe ou ajude na adaptação. A terceira e a quarta questão tratam apenas de distinguir os estudantes do segundo e terceiro anos e seus respectivos turnos. Como vemos nos Gráficos 10 e 11, o questionário teve maior adesão dos matriculados no matutino e nos estudantes do terceiro ano, logo, quando analisados os dados oriundos do questionário, a questão de quem são os que responderam foi levada em conta.

GRÁFICO 10:ANO ATUAL DO ESTUDANTE (2º OU 3º) NO CURSO DE GEOGRAFIA

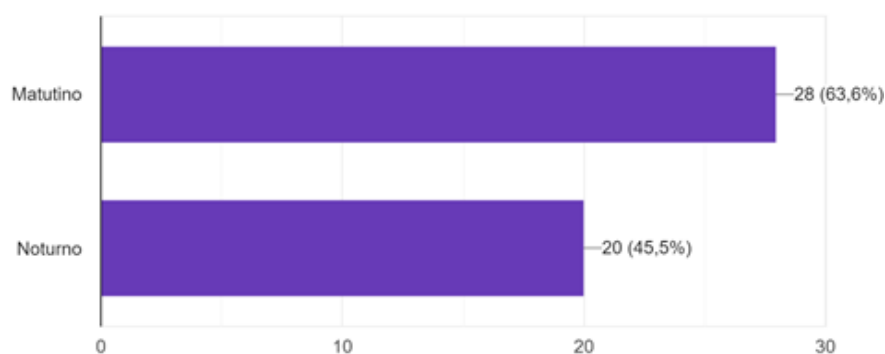
De qual ano do curso de Geografia você é?



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

GRÁFICO 11:PERÍODO MATRICULADO NO CURSO DE GEOGRAFIA

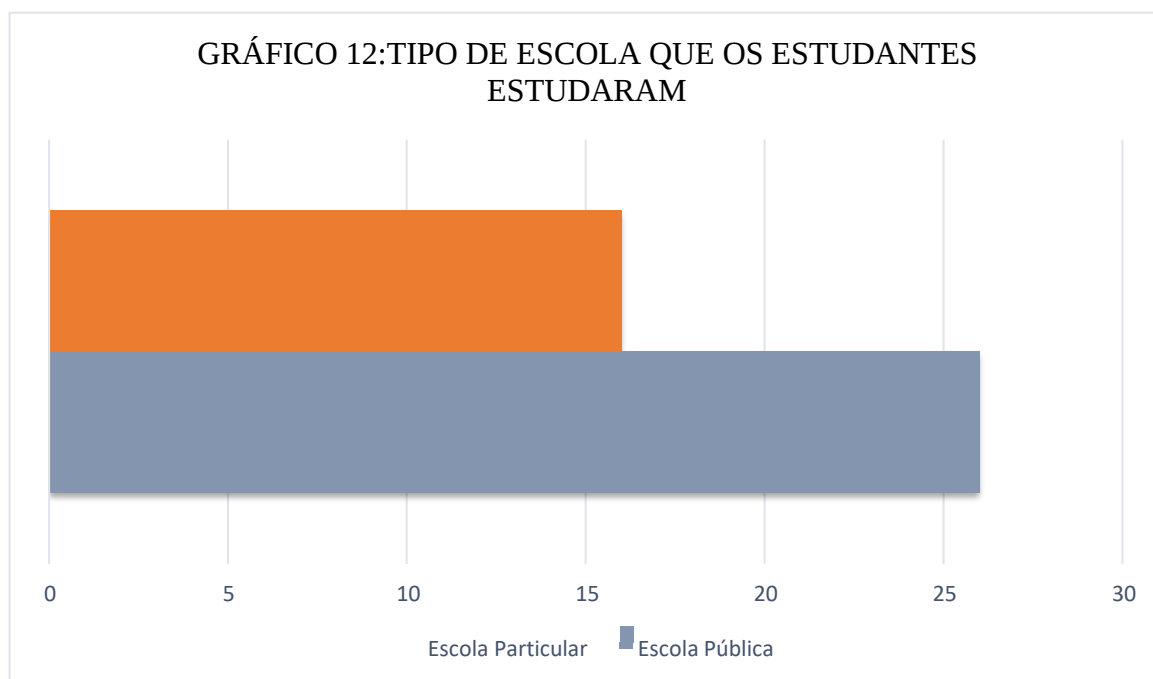
Qual periodo você está matriculado(a)?



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Assim, apesar dos estudantes do 3º ano serem em número menor que os estudantes do 2º, foram estes os que mais responderam ao questionário. Em termos percentuais, dos 41 matriculados no 3º. ano, 58% da turma respondeu, enquanto no 2º. ano, este percentual foi de pouco mais de 30% (em relação aos 69 matriculados e que estão efetivamente acompanhando o curso).

Reforçando o nosso interesse nas trajetórias dos estudantes, é reafirmada a superior quantidade de estudantes oriundos da rede pública escolar, tal como já havíamos confirmado pelos dados da Seção de Graduação. O Gráfico 12 demonstra que dentre os respondentes, 26 são oriundos de escola pública e 16 de colégios particulares, vale pontuar que tivemos 2 respostas afirmando que estudaram em ambos os tipos de escola.



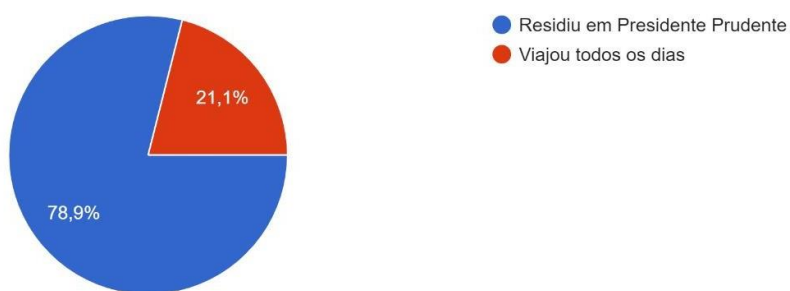
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Pelo questionário, também foi possível perceber a relevância no número de estudantes que viajam diariamente para a cidade de Presidente Prudente para estudar. Spósito (2001) demonstra a relevância da cidade em sua região, já que esta se constituiria numa cidademédia, com papéis de intermediação na rede urbana. A oferta de educação superior é um dos elementos que confere centralidade para Presidente Prudente na rede urbana regional. Logo, todos os dias, estudantes universitários que cursam Geografia [bem como outros cursos] na FCT/UNESP, viajam para estudar. Sua situação de migrantes pendulares faz com que tenham uma vivência particular na universidade. Assim, a cultura universitária e a experiência de juventude dos estudantes do 2º e 3º ano da Geografia é, em parte, permutação e vivência em ônibus com viagens intermunicipais. O ônibus passa a ser parte da realidade universitária desses estudantes, se estende enquanto “lugar” como já tratado por nós, referenciando Massey (1991). Este é também o argumento apresentado por Freitas e Braga (2013) e também Pires (2013). Mas há

de se colocar também que a maioria dos estudantes que não é originalmente de Presidente Prudente passou a residir na cidade em repúblicas, na moradia estudantil ou com familiares, como pode ser demonstrado no Gráfico 13.

GRÁFICO 13: ONDE RESIDEM OS ESTUDANTES ORIUNDOS DE OUTRAS CIDADES

Se você é originalmente de fora de Presidente Prudente, responda, considerando o ano de 2019:
38 respostas



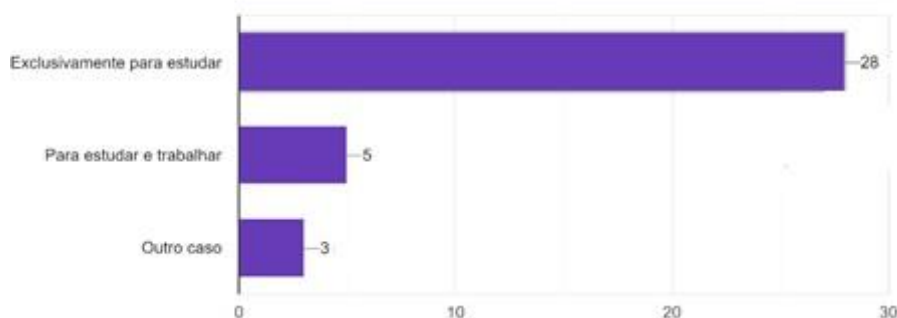
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

A maioria dos estudantes afirma ter vindo para Presidente Prudente apenas para estudar, enquanto uma pequena parte veio para estudar e trabalhar. Apenas 3 respondentes afirmaram que vieram para Presidente Prudente por outros motivos, como pode ser observado no Gráfico 14.

É interessante notar também que do(a)s 44 estudantes que responderam, 38 são oriundo(a)s de fora de Presidente Prudente, revelando assim, a possibilidade das respostas estarem mais de acordo com a vivência e experiência de universidade dos estudantes que se mudaram para a cidade, sobretudo, para estudar.

GRÁFICO 14: COM QUAL INTUITO O ESTUDANTE SE MUDOU PARA P. PRUDENTE

Se você respondeu na questão anterior que é originalmente de outro município, responda: Veio para P. Prudente com qual intuito?

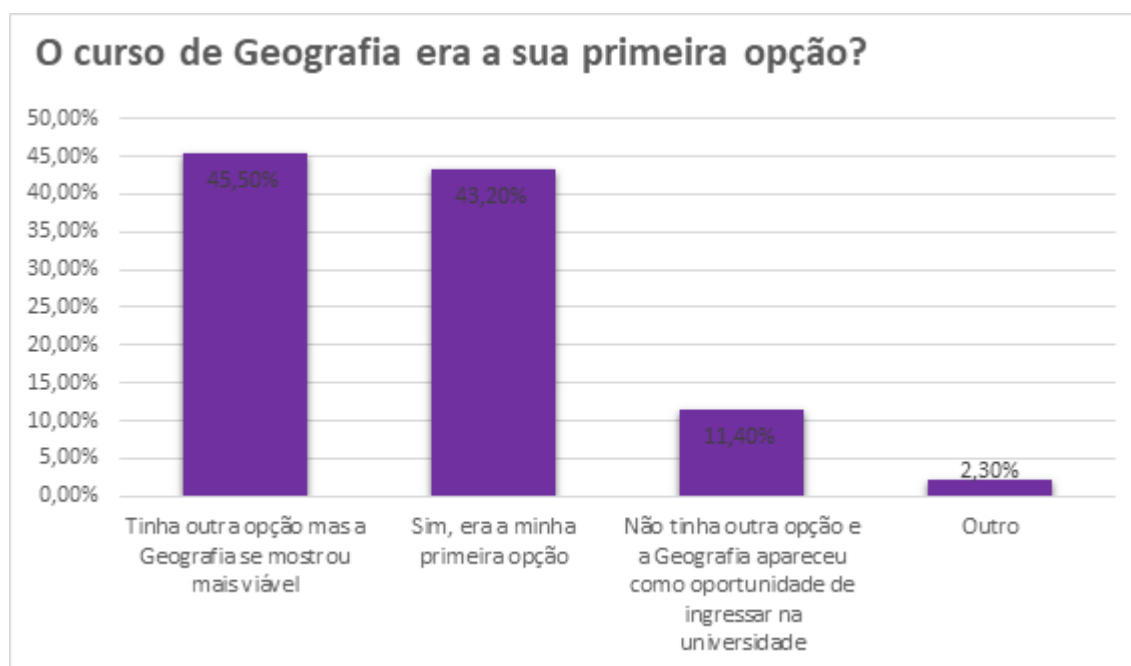


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020

A partir dos dados apresentados no Gráfico 15, podemos discorrer sobre as três respostas mais selecionadas, quando a questão foi sobre a escolha do curso de Geografia como opção no vestibular. São elas: “Sim, era a minha primeira opção”; “Tinha outra opção, mas a Geografia se mostrou mais viável”; “Não tinha outra opção, e a Geografia apareceu como oportunidade de entrar na universidade”.

A resposta que coloca o curso como primeira opção pode nos revelar certa disposição e vontade maior para o ingresso na faculdade, tendo o curso como primeira opção, pode fazer da transição do ensino médio para o superior, menos traumática. Porém, a segunda opção de resposta, e também a mais respondida, mostra que para a maioria dos estudantes que responderam ao questionário, a Geografia não era a primeira opção, mas se mostrou a mais viável, talvez pela baixa concorrência, alto número de vagas ou outros fatores. Contudo, como não foi a primeira opção, o curso se mostra não como prioridade para os planos desses ou dessas estudantes. E, por fim, a terceira resposta revela a condição de muitos jovens, a falta de opção, sendo a escolha pelo curso quase não sendo uma verdadeira escolha, talvez “porque para muitos jovens, o futuro se encontra desfuturizado” (PAIS, 2003, p.12). Mais adiante, relacionaremos essa desesperança e falta de opção na escolha do curso, com as respostas obtidas no grupo focal e nas entrevistas.

GRÁFICO 15: GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Na questão da posição do curso entre suas opções para o vestibular, solicitamos também uma resposta dissertativa, comentando e justificando a resposta de forma sucinta. Tivemos 44 respostas, e achamos que convém colocar aqui algumas das que mais apareceram, ainda que nem sempre com as mesmas palavras.

“Sempre foi minha única opção.”

Seguindo a lógica da primeira opção de resposta na questão anterior, obtivemos algumas respostas dissertativas afirmando o gosto preferencial pela Geografia, adquirido na escola ou em cursinho pré-vestibular (muitos por influência do professor da escola ou do cursinho).

“Minha 1 opção era ciências sociais, mas me apaixonei pela Geografia e não tenho pretensões de sair.”

Essa fala expressa uma situação em que o estudante se simpatiza com o curso de Geografia, mesmo este não sendo a primeira opção. Tivemos muitas respostas do tipo, tendo como a primeira opção cursos como: História, Relações Internacionais e Arquitetura.

“Querida história, porém, por conta da distância e dinheiro não consegui. Então, a Geografia se mostrou uma ótima alternativa”.

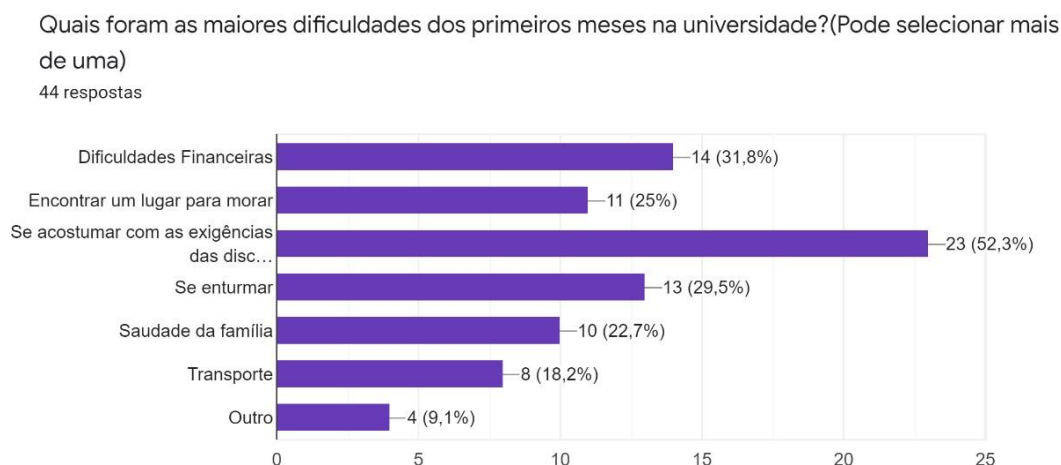
Na resposta acima, o estudante mostra que, diante das adversidades financeiras, optou pelo curso de Geografia, que era mais viável (financeiramente).

São escolhas de futuro feitas em meio a um campo de possibilidades concertos, com o qual os estudantes precisam dialogar para traçar seus projetos. As opções mais reduzidas são também indicativos das experiências de juventude pretéritas e a suas formas de inserção na vida acadêmica.

“Não tinha condições de morar fora, muito menos de pagar uma faculdade particular, e dos cursos que havia na minha cidade, a Geografia era é o que eu mais me identifico”.

A questão que interrogava o estudante acerca das dificuldades presentes no primeiro ano, ou seja, o ano de adaptação ao curso, de territorialização na cultura universitária, está apresentada no Gráfico 16. Nele percebemos que problemas como dificuldades financeiras, encontrar um lugar para morar, se enturmar e a saudade da família são elementos que tornam a adaptação desses estudantes mais difícil. Porém, a questão que mais se destaca é a dificuldade em corresponder às exigências das disciplinas do curso. Com uma abordagem tão diferente da do ensino médio, como colocado por Bueno (1993), as próprias disciplinas do curso fazem da transição para a universidade um desafio. No caso do nosso curso, leituras, trabalhos e conteúdos mais densos do que os exigidos na escola básica podem se constituir em fatores de sofrimento para os estudantes.

GRÁFICO 16: MAIORES DIFICULDADES NOS PRIMEIROS ANOS DE UNIVERSIDADE



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Na pergunta a seguir, pedimos que respondessem dissertativamente sobre as maiores dificuldades de adaptação, e assim como já fizemos, separamos algumas que julgamos ilustrativas da maioria das respostas e que são pertinentes ao nosso debate.

“O 1º foi o mais complicado, pegar o ritmo da universidade é difícil, muito conteúdo e também são conteúdos complexos, os textos acadêmicos não são fáceis pra quem acabou de sair do ensino médio. Mas hoje já é bem mais tranquilo, não tenho tantas dificuldades.”

A resposta acima foi com certeza uma das mais repetidas, é como se a lógica de horários, de estudos e as novas responsabilidades fossem uns dos elementos que mais dificultam a adaptação do estudante que está ingressando no curso, esse “ritmo” colocado no excerto acima abrange todas essas dimensões da transição, desde os longos textos exigidos no curso, aos conteúdos tão mais complexos. Souza, Lourenço e Santos (2016) demonstraram os inúmeros impasses dos estudantes universitários em sua adaptação e o grande desafio se dá na relação com o tempo: tempo de leitura, de lazer, de estudo, de aula e de descanso.

“Muita leitura, trabalhos excessivos e prazos curtos, não considerando muitas vezes os alunos que levavam jornada dupla (como era meu caso - trabalhava durante o dia e ia pra faculdade a noite - até sair do emprego)”

Nesse caso, vemos uma fala de um estudante que, não exclusivamente, se viu na dialética entre o estudo e o trabalho, apresentando as limitações dessa condição de estudante diante das exigências acadêmicas.

“Adaptação ao lugar, o ambiente universitário”

O ambiente universitário, como colocado por um dos estudantes, é também analisado por Souza, Lourenço e Santos (2016) que nos apresenta a condição do calouro nos primeiros dias nesse tal ambiente universitário. O trote, as festas, as (des)conversas e os (des)encontros entre os estudantes podem ser fundamentais à adaptação na nova vida. Vale também colocar que a adaptação do estudante pode variar de acordo com seu gênero e sua trajetória. Como argumentam Oliveira e Silva (2010), a universidade, muitas vezes, desempenha o papel de reafirmar as desigualdades de nosso país, desde o vestibular, limita os que vêm de classes menos abastadas. Por outro lado, Costa (2020) afirma que a mulher estar presente na universidade e estudar já é um ato subversivo, independentemente de sua classe (a classe atenuaria sua dificuldade), pois é um espaço refém também da onda neoliberal, e mesmo que pública, a universidade exclui e hierarquiza os gêneros.

Demos seguimento ao questionário, interrogando sobre como foi o processo de se enturmar entre os estudantes, solicitando também respostas dissertativas para esta questão.

“Em minha experiência, [não] tive absolutamente nenhum problema em me enturmar, tanto na minha turma quanto em turmas diferentes de outros anos e cursos, mas, acredito que a Geografia em geral tem um problema com isso. Todos estudantes (em sua maioria) são receptivos e prestativos, procuram dar o máximo de atenção possível aos calouros, porém, desde que esses se enquadrem na linha de pensamento e posicionamento político e no que diz respeito a questões sociais. Toda e qualquer divergência, por mais simples que seja, acaba na segregação do diferente, seguido por taxações baratas, rótulos de estereótipo, calúnia, perseguição e entre outros meios de comportamento tipicamente de intolerância extrema, o que prejudica esse processo crucial de se enturmar, que tem um peso absurdamente forte na permanência (ou não) do indivíduo no curso, pois presenciei (e ainda presencio) alunos e alunas quererem e até mesmo saírem do curso por causa da falta de diálogo, ordem e acolhimento de pessoas que pensam minimamente diferente.”

A questão acima sobre a intolerância e falta de diálogo entre os estudantes foi uma resposta que apareceu mais de uma vez no questionário, no trecho acima vemos o estudante até relacionando isso com a permanência dos estudantes no curso.

“Normal, isso não é um problema para mim, mas assim que cheguei, o grupo que tive aproximação, curiosamente, era composto [de] paulista[no]s, assim como eu. Eu lembro que não gostava muito do ambiente da sala no começo, porque só os homens falavam, e mesmo com essa percepção não conseguia fazer a diferença na sala e me colocar.”

Neste caso, é comentada a aproximação das pessoas oriundas de uma mesma cidade (São Paulo), que como já vimos tem forte expressão na origem dos estudantes, enquanto que a condição de mulher também impactou sua experiência na sala de aula, como Costa (2020) nos afirmou, acerca da presença da mulher dentro da universidade já ser em si um ato de resistência.

“Foi tranquilo, tenho facilidade em me enturmar e fui muito bem acolhido pelos meus veteranos.”

No excerto acima há o parecer de um bom acolhimento e recepção por parte dos veteranos, que facilitou o processo de adaptação na universidade. Tivemos muitas respostas desta natureza, enquanto outras disseram ter sido difícil, mas de alguma forma superaram as adversidades e hoje são enturmados.

“Num primeiro momento eu fiz meu “grupo”, meses depois, ainda no 1 ano, meu grupo praticamente inteiro trancou, sobrando só eu.”

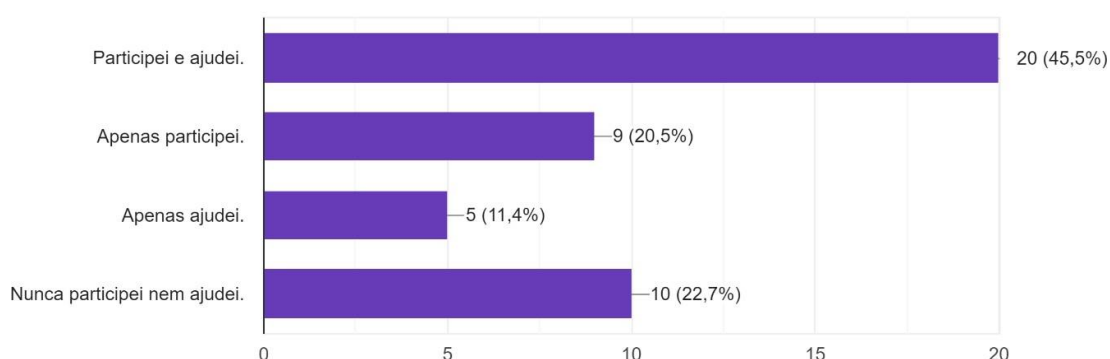
A última resposta dessa pergunta selecionada por nós mostra a relevância do tema da evasão, que é presente na experiência de universidade dos estudantes de Geografia.

Abaixo, percebemos que o número de pessoas que participaram e ajudaram na semana de recepção aos calouros é bem superior aos que apenas participaram ou ajudaram. Porém, o número de pessoas que nunca participaram nem ajudaram é expressivo, dez pessoas não se envolveram com a semana de recepção.

GRÁFICO 17: PARTICIPAÇÃO OU COLABORAÇÃO NA SEMANA DE RECEPÇÃO AOS CALOUROS DA GEOGRAFIA

Participou (1º ano) ou já ajudou (anos seguintes) na semana de recepção aos calouros e/ou de Geografia?

44 respostas

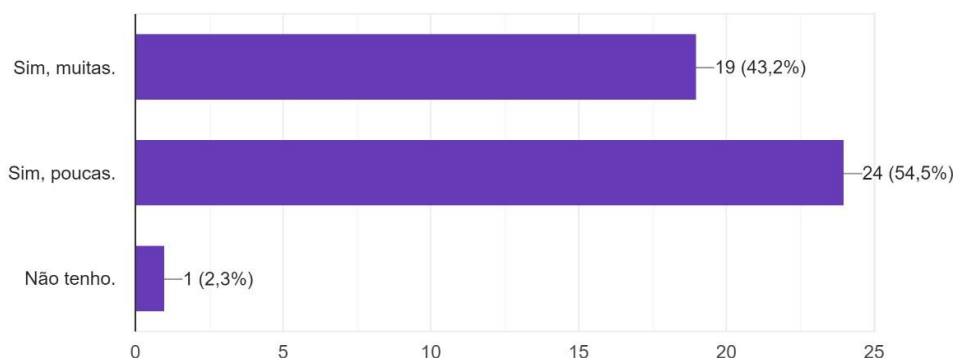


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Os estudantes do segundo e terceiro anos se mostraram envolvidos com outras turmas dentro da Geografia, apenas uma pessoa respondeu não ter amigos em outra turma, como demonstra o Gráfico 18.

GRÁFICO 18:AMIZADES COM ESTUDANTES DE OUTRAS TURMAS DO CURSO DE GEOGRAFIA

Você tem amizades com estudantes de turmas diferentes da sua? (dentro da geografia)
44 respostas



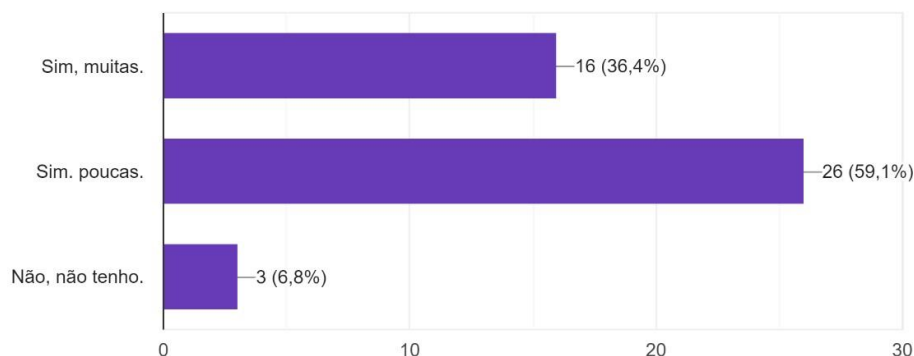
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Na resposta organizada no Gráfico 19 também apreendemos que há abertura a amizades para além do curso, muito provavelmente promovidas pelas festas, moradia, atlética, bateria e eventos que abrangem todos os cursos, questão que será mais discutida na próxima questão. Contudo, é evidente que há uma endogenia nas redes de amizade e sociabilidade, visto que a maioria tem poucas amizades com pessoas de outros cursos.

GRÁFICO 19:AMIZADES COM ESTUDANTES DE OUTROS CURSOS

Você tem amizades com estudantes de outros cursos da universidade?

44 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Na situação a seguir vemos respostas escritas acerca das amizades constituídas com estudantes de outros cursos.

“Esperando os ônibus de viagem, na lanchonete, na biblioteca, festas, redes sociais, laboratórios, etc...”

Os espaços citados na resposta acima foram comuns em muitas das respostas, estes se revelam locais que contribuem também na construção das culturas juvenis, na perspectiva escolhida em nossa pesquisa, tratam-se de “terminais de conexão”, ideia apresentada por Turra Neto (2008) citando Carrano (2002), que demonstra o aspecto territorial das culturas juvenis, entrepostos de uma rede de sociabilidade que fortalecem os laços desses estudantes. Os diversos universos e contradições no ponto de ônibus, nos coletivos, na biblioteca, nas festas e laboratórios se encontram. Se por um lado são tão plurais e diversos em trajetórias, por outro, compartilham de algo em comum, fazem parte da universidade e do curso, são parte da cultura universitária.

“São pessoas que conheço do meu dia-a-dia, que moram perto de mim ou frequentam a Igreja que participo”

Este comentário se destaca dos outros quando nos informa que, ao frequentar uma igreja, o estudante estabelece laços de amizades com estudantes da FCT/UNESP de outros cursos, Sharma e Guest (2012) vão nos demonstrar como a religiosidade de cristãos no campus universitário pode colaborar na adaptação desses estudantes e construção de laços, ao passo que

pode também reforçar certos preconceitos. Outros espaços citados são encontrados na maioria das respostas, mas esse espaço em específico foi citado apenas por um dos respondentes.

Essas respostas nos revelam que a cultura universitária, tão fundamental nessa pesquisa, transcende a instituição e a sala de aula e se faz de forma orgânica nos (des)encontros dos estudantes nos mais diversos locais de encontro e interação na cidade. E, ainda que possamos identificar um circuito específico de encontro e sociabilidade entre estudantes da FCT/UNESP, há aqueles que já eram frequentados por estudantes originários da cidade e que continuam a sê-lo mesmo depois de passarem à condição de universitários. Esta questão será mais aprofundada no decorrer desse texto.

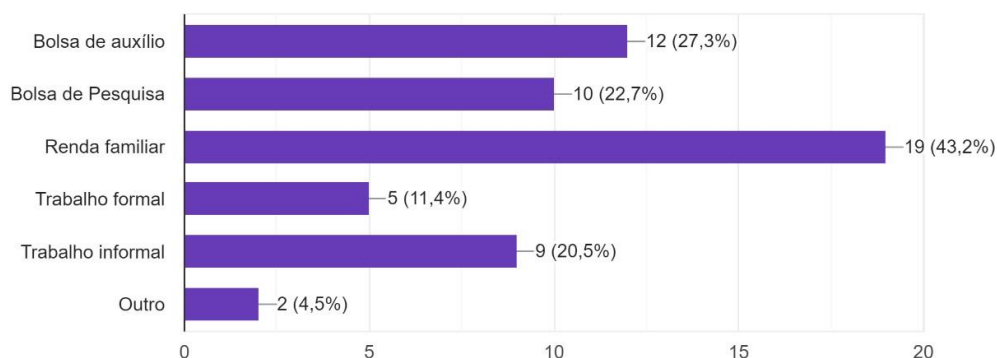
O Gráfico 20 mostra as principais fontes de renda dos estudantes que responderam ao nosso questionário. A renda familiar se mostra com maior porcentagem. Logo, podemos dizer que a maioria dos respondentes ainda depende de auxílio econômico dos pais. Ao mesmo tempo, destacamos as outras formas de renda, como a bolsa de auxílio, que corresponde a 27,3% das respostas, mostrando que muitos dos estudantes dependem diretamente das políticas de permanência da universidade. Há também um número considerável de estudantes que têm a bolsa de pesquisa como principal fonte de renda, mostrando assim a força da iniciação científica no curso de Geografia da FCT, o que corresponde ao seu papel de importante centro de produção de conhecimento geográfico no Brasil. Este dado é relevante pois a bolsa de iniciação científica garante também a permanência de estudantes na universidade. Assim, é notório que estudantes do 2º e 3º anos do curso já estão envolvidos em projetos de pesquisa.

Há que se pontuar também que 20% dos respondentes se colocam como trabalhadores informais, sendo bem superior aos que têm um emprego (formal). Somando os que trabalham formalmente ou informalmente, ou seja, que dividem seu tempo entre o trabalho e os estudos, temos 31% dos questionados, o que equivale a uma parcela maior do que aqueles que recebem auxílio.

GRÁFICO 20: PRINCIPAL FONTE DE RENDA DOS ESTUDANTES

Qual sua principal fonte de renda?

44 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

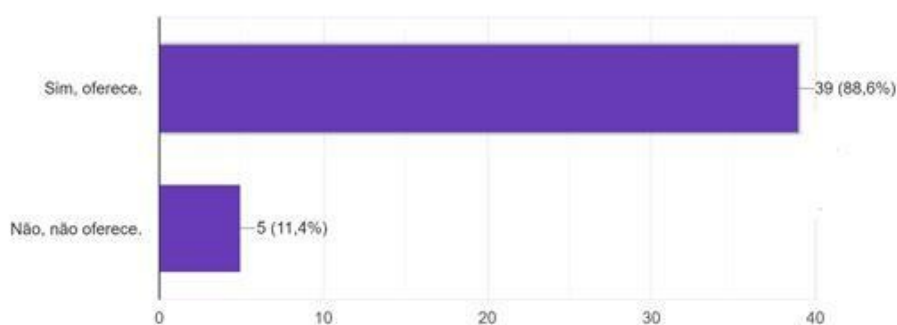
Seguindo a estrutura do questionário, as questões a seguir seriam acerca dos locais de encontro e sociabilidade, dentro e fora da universidade. Pensando em uma mais profunda interpretação e correlação dos dados e informações, adicionamos essas questões em específico a seção IV, onde discorreremos sobre os espaços de encontro e sociabilidade, articulando-os com os resultados das entrevistas e dos grupos focais realizados.

Sendo assim, três gráficos a frente, demonstramos as respostas ao questionário diante da avaliação feita pelos estudantes sobre o curso, ou seja, como avaliam a formação que estão recebendo. A maioria dos questionados se mostrou contente com o que o curso oferece enquanto formação para o mercado de trabalho. Apenas 5 pessoas não consideraram que estão tendo uma boa formação, conforme demonstrado no Gráfico 21.

GRÁFICO 21: O CURSO DE GEOGRAFIA COMO BOA FORMAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO

O curso de geografia da FCT/Unesp, na sua opinião, oferece boa formação para o mercado de trabalho (bacharel e licenciatura) ?

44 respostas



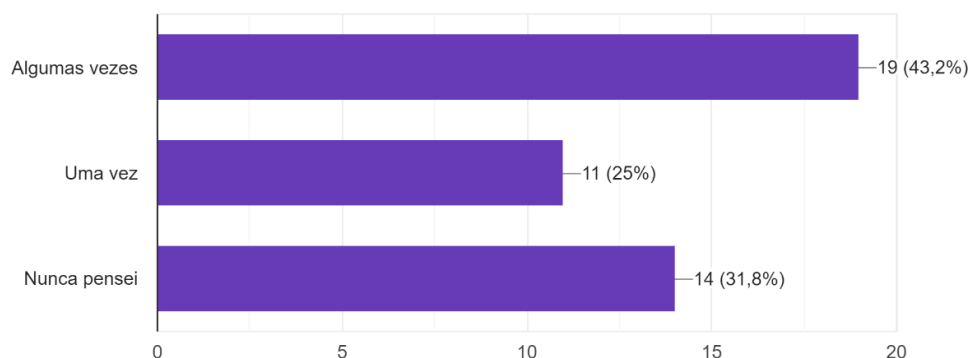
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Diante do quadro de evasões, perguntamos em seguida se o estudante já havia pensado em desistir do curso. As respostas se mostraram diversas, mas a maioria já pensou algumas vezes em desistir do curso, 31% nunca pensou, e 25% pensou apenas uma vez, como demonstrado no Gráfico 22.

GRÁFICO 22:POSSIBILIDADES/PENSAMENTOS DE DESISTÊNCIA DO CURSO

Já pensou em desistir do curso de Geografia?

44 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Na mesma linha de raciocínio, em uma resposta por extenso solicitamos que justificassem o porquê de terem continuado no curso. Separamos algumas das respostas mais relevantes, que expressam ideias comuns ao conjunto:

“Não ter pra onde voltar”

A frase acima é carregada de desesperança e angústia, sentimentos apontados por Pais (2006) como comuns aos jovens em um mundo tão incerto e exigente. Coutrim, Carioca e Dulci (2009) nos colocam também relatos dos estudantes com medo de não atingirem seus objetivos, de falharem no mercado de trabalho e a desesperança perante o futuro. Mas, o “não ter para onde voltar” nos permite inferir algo ainda mais profundo: o fato da pessoa não contar com “suportes existenciais” (CARRANO, 2011), que a sustentam no mundo fora da universidade. Estes suportes são tanto de natureza material, mas também afetiva e social. Assim, vê-se obrigada a seguir no curso como única forma de manter o vínculo com a universidade.

“Já ter feito mais de um ano, e ter um diploma é importante mesmo eu não querendo seguir na área da Geografia”

Na segunda resposta selecionada, também expressando um sentimento de obrigação e ausência de possibilidade, como já tratado aqui anteriormente, frases com posições parecidas se fizeram presentes nessa questão. O diploma passa a ser o mais importante. Como argumenta Chauí (2003), a universidade pública torna-se universidade operacional, deixando de exercer

seu propósito, uma forma de emancipação pelo conhecimento, o desenvolvimento pessoal e a formação em si.

“Meu amor, em primeiro plano e acima de tudo, pela Geografia. Sou apaixonado por Geografia, e apesar das tentações, vou permanecer. A Geografia é parte da minha identidade.”

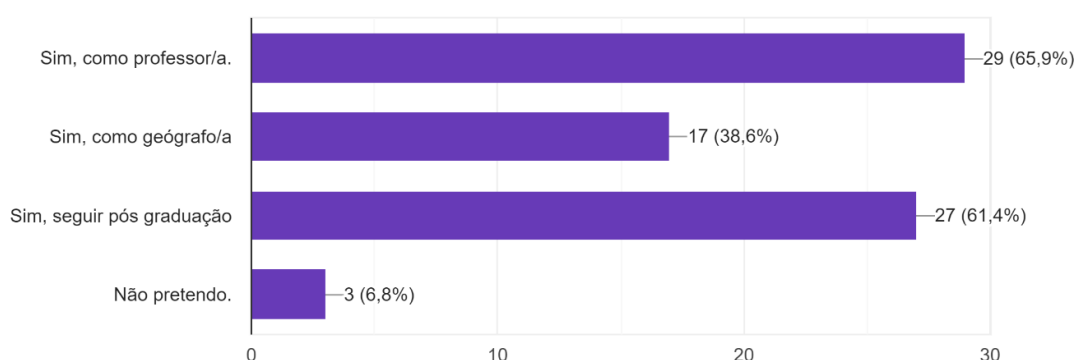
Em contraste às respostas anteriores, essa frase remete a uma pessoa que sente afeto pelo curso e diz ter a Geografia como parte da sua identidade, afirmação essa que nos leva a aprofundar nossa investigação acerca do curso e seus estudantes enquanto parte da cultura universitária.

Ainda dentro da formação oferecida pelo curso, questionamos se os estudantes pretendem trabalhar com Geografia. O Gráfico 23 mostra que 65% afirmaram que sim, como professores; 38% afirmaram pretender ser geógrafo(o)s, 61% ambicionam seguir pós-graduação e apenas 6% não pretendem trabalhar com Geografia. Estas respostas nos mostram que o desejo de cursar pós-graduação é presente de forma intensa nesses dois anos, assim como lecionar.

GRÁFICO 23:PRETENSÃO DE TRABALHO RELACIONADO COM O CURSO(PROFESSOR/GEÓGRAFO)

Você pretende trabalhar com geografia (como professor ou geógrafo)?

44 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Por fim, questionamos: “Qual o maior aprendizado com as pessoas do curso de Geografia (estudantes e professores), para além dos conteúdos de aula e pesquisa?” A resposta era por extenso. Assim, selecionamos as mais representativas e pertinentes a nosso texto.

“Inúmeras desconstruções, olhar crítico para tudo e todos, contato com uma pluralidade de pessoas”

Várias respostas ressaltavam o olhar crítico e a convivência com universos e trajetórias plurais. “Desconstrução” foi outra palavra bastante utilizada nas respostas.

“O conteúdo do curso é simplesmente incrível, me faz renascer todo dia, criticar e ver o mundo com outros olhos (muitas vezes, fico bem abalada, mas faz parte). Porém, as pessoas (alunos/professores) são extremamente hipócritas e individualistas. Vivem apenas dentro de suas bolhas e preocupados com suas vidas e agem com total preconceito e exclusão se algo grave ocorre com algum aluno.”

Apesar de uma postura crítica nessa resposta, poucas foram as que tiveram um tom de denúncia ou reclamação acerca dos estudantes e professores. Os professores do curso foram, em geral, bastante elogiados, como parte dessa contribuição fora da sala de aula. Mas esse comentário conota uma perspectiva da contribuição da geografia mais dentro da sala de aula, em seu conteúdo e criticidade do que fora dela, enquanto menos institucional e mais relacionada com a vivência.

“As diferenças de ideia, a ter mais paciência”

A palavra paciência também foi bastante empregada nas colocações dos estudantes, podendo nos indicar que a paciência é exigida na vivência fora da sala de aula, ou compartilhada e ensinada.

3.3 Objetivos mais próximos de serem respondidos

Para guiar nossa primeira aproximação de resposta aos nossos objetivos, usaremos dos objetivos específicos da pesquisa, para que assim possamos seguir este texto já com certos direcionamentos. O nosso primeiro objetivo foi conhecer o perfil dos/as estudantes do segundo e terceiro anos de Geografia, seus percursos até o curso da FCT/UNESP, bem como suas experiências prévias de juventude. Assim, a partir do exposto nessa seção, já podemos traçar o perfil mais comum dos estudantes de Geografia desses dois anos. São em sua maioria pessoas brancas, oriundas de escolas públicas, que tinham em seus planos outras opções de curso, mas que, por inúmeras razões, encontraram no curso de Geografia uma das opções possíveis, dificilmente o curso de Geografia se mostrou como primeira opção ou um “sonho de vida”, nos projetos de futuro dos estudantes.

A relação com o curso desses estudantes é em geral positiva, com aspirações de se exercer a profissão de geógrafo, professor(a) e/ou seguir estudos em pós-graduação. Vale pontuar que o estudante desses anos, em sua maioria, já pensou em desistir do curso, mas permaneceu nele, às vezes, por razões extra acadêmicas. Também é notório que a maior parte tem amizades fora do curso e em outras turmas de diferentes anos da Geografia. Passa boa parte do seu dia na universidade, mora em Presidente Prudente, são em sua maioria (quase totalidade) paulistas, sobretudo, de Presidente Prudente e sua Região Administrativa, ou da Grande São Paulo, ou ainda alguma outra cidade do interior paulista (pouquíssimos estudantes do litoral).

Tendo como segundo objetivo identificar os espaços e práticas de interação social, os percursos e rotinas dos estudantes, para conhecer suas formas de socialização e os tempos, espaços e práticas de sociabilidade informais, podemos identificar certos espaços dentro e fora da universidade em que se promove a sociabilidade que constrói a cultura universitária. Ainda que esta questão seja aprofundada mais adiante, adiantamos que o Prudenshopping, o bar, praças e o Parque do Povo (um parque da cidade próximo a universidade), as repúblicas e as festas fazem também parte do circuito das interações entre os estudantes do curso, revelando que esse circuito se mantém próximo/dentro da universidade (com algumas exceções, sobretudo, para os estudantes naturais de Presidente Prudente). Os coletivos e os grupos de pesquisa se revelaram importantes na adaptação, afirmação e integração dos estudantes, que consideram seus respectivos espaços e tempos pertinentes à vivência universitária e experiência de juventude dos mesmos, sendo importantes pontos a serem analisados no próximo objetivo.

Por último, temos como terceiro objetivo específico conhecer os processos de socialização nos espaços mais institucionais extraclasse e como nestes contextos de interação participam da constituição da cultura universitária e da instituição da identidade dos estudantes ingressantes com o curso. Neste objetivo, a universidade é pensada como formadora além da sala de aula e o curso de Geografia enquanto construção dos coletivos, grupos de pesquisa, moradia, tradições, festas, eventos e encontros. Esses processos de socialização parecem ser marcantes para todos estudantes do segundo e terceiro anos, que colocam a vocação política do curso, aplicada também e principalmente, fora da sala de aula, como importante elemento na formação da cultura universitária, assim como a sensibilidade com os calouros, diante de um trote que se preocupa com a integridade do estudante que ingressa o curso.

Foi mencionada também a boa relação com os professores, nem sempre contemplada nos outros cursos, diferenciando assim a cultura universitária construída pelos estudantes do curso de Geografia e a dos outros cursos. Palavras como “paciência” e “diálogo” apareceram

no questionário, quando perguntados acerca dos ensinamentos do curso aos estudantes fora da sala de aula. A convivência com o diferente, saber escutar e também sua hora de falar foram elementos presentes na nossa investigação até agora, mostrando-se como fundamentais na instituição da cultura universitária do curso de Geografia.

4 EXPERIÊNCIA(S) DE JUVENTUDE(S) NO 2º E 3º DO CURSO DE GEOGRAFIA DA FCT/UNESP - SEÇÃO IV

A partir dos procedimentos acima referidos, a segunda parte desta pesquisa contemplou a realização de 4 entrevistas e 2 grupos focais. Os dados qualitativos oriundos dessas metodologias, nos fizeram compreender melhor a experiência de juventude desses estudantes, separamos assim em diferentes temas nossa análise, para melhor orientar a nossa discussão, em conjunto com o referencial teórico.

Antes de analisarmos nossos dados e nossas informações vale a pena pontuarmos o nosso entendimento sobre juventude(s).

Assim, avançamos no título da nossa pesquisa para a “experiência de juventude”.

Antes de tudo, convém apresentar a ideia trazida por Turra Neto (2015), de juventude enquanto uma experiência, que pode ser vivenciada de diferentes formas, pelos diferentes sujeitos, com forte influência do contexto socioespacial em que ela acontece. Assim as experiências de juventude dos jovens no contexto universitário são diferentes daquelas vividas por jovens cujos grupos de pares são constituídos tendo como referência outros laços que não a universidade. Para o autor, há, inclusive, aqueles sujeitos que, dado o contexto social pouco protetivo e a maior vulnerabilidade social, são jovens no que se refere à idade, mas não vivem a experiência da juventude. Ou, como diriam Margulis e Urresti (1996), há jovens que não são juvenis.

Ainda segundo Turra Neto (2015), é justamente nesta fase de vida que se formam as características culturais que marcarão o sujeito ao longo da vida. E suas experiências culturais vêm justamente da vivência em grupo de pares, a partir dos quais o “eu” se vê espelhado pelo grupo e este é um campo fértil e importante de constituição da identidade (ligada ao reconhecimento e autorreconhecimento), como argumenta Honneth (2013).

Martins e Carrano (2011), abordando mais a relação entre jovens e escola, afirmam que os jovens em espaços adultos e institucionais (re)agem e se manifestam no espaço, ao mesmo tempo que herdam certas práticas instauradas na instituição. Assim, podemos pensar que a relação dos jovens com o espaço universitário constrói uma juventude específica, que ressignifica espaços, ocupa e transforma, fazendo de suas experiências de juventudes algo (com)partilhado e criando ali naquele contexto certo modo de ser jovem que se torna hegemônico e ao qual os novos ingressantes podem ou não se adaptar. Isto não significa que esta cultura juvenil universitária hegemônica seja a única vivida na universidade, nem que seja fixa, porque tanto as trajetórias e condições dos sujeitos de viver a universidade variam imensamente, quanto porque os novos integrantes a cada vestibular podem tensionar certas práticas estabelecidas e fazê-las mudar.

Assim, como experiência, a juventude pode ser experimentada de diversas formas. Velho (2006) nos recorda que existem várias maneiras de ser jovem, assim como várias maneiras de ser universitário.

Nosso debate ao longo desse tópico será acerca de trajetórias, adaptação, locais de encontro e sociabilidade, saúde mental: antes e durante a pandemia e tempo livre/lazer.

4.1 Trajetórias

Visto que há variadas origens e trajetórias dos estudantes antes da universidade, e sua chegada até a FCT/UNESP, os processos de inserção/territorialização dos estudantes na cultura universitária e nesta nova experiência de juventude também podem ser muito variados. Martins e Carrano (2011) argumentam que a juventude não pode ser entendida apenas como um conceito fechado, mas plural, o que remete às diversas culturas, as desigualdades de acesso e a forma de apropriação de símbolos e bens materiais. Assim, a trajetória de cada indivíduo perpassando todos esses elementos, o faz ser o jovem que é. Velho (2006) traz a ideia de “campo de possibilidades”, campo no qual os jovens se movem, elaborando seus projetos de futuro e realizando suas trajetórias em negociação com ele.

Velho (2006) afirma também que a família tem um papel importante, e que a construção de sua trajetória dialoga com seu cotidiano e consequentemente com contexto socio[espacial]. Por “projeto” o autor entende como sendo uma conduta organizada para se atingir um objetivo. Diante das expectativas individuais, há todo um contexto social (e espacial) que aponta os limites para as escolhas. Nesse contexto, há crises e choques entre os projetos individuais, os sonhos e desejos e as obrigações, imposições e limitações. Segundo Pais (1993), os cursos de vida se realizam em amálgama e sincronização entre os tempos individuais e históricos mais amplos, mas também entre os projetos dos jovens e aqueles das suas famílias (que considera também os ciclos de vida dos seus membros constitutivos). Os projetos de vida dos jovens, sua transição para a idade adulta se realiza, portanto, como uma negociação complexa, em que múltiplos fatores são equacionados.

Nas entrevistas e nos grupos focais com jovens universitários do curso de Geografia da FCT/UNESP, tivemos diversos relatos de trajetórias, mas podemos trazer aqui alguns que elucidam certas tendências por serem as mais comuns.

A primeira questão que podemos distinguir em meio a tantos relatos, é que a opção pela Geografia não se deu de forma exclusiva e única, tal como já havíamos identificado com o questionário. Podemos, talvez, inferir que isto decorre da desvalorização da profissão docente nos últimos anos, como apontado por Oliveira (2012). Em todos os casos, havia a possibilidade de se cursar outro curso, ou a intenção de apenas ter um diploma, dificuldades financeiras, e frustrações no vestibular ou outros casos.

Hopkins (2006), pesquisando jovens universitários ingleses, identificou que nas falas dos estudantes se colocava o ingresso na universidade mais como parte da conquista de uma autonomia, de certa liberdade (principalmente aos oriundos de outras cidades) e projeção para uma situação econômica melhor (o diploma como chave para ter uma vida melhor, muito exposto nas falas dos estudantes que também trabalhavam).

Bueno (1993) vai nos lembrar que a escolha do curso no vestibular, dificilmente, é feita de forma amplamente analisada. Poucos são os estudantes que prestam o vestibular com um acompanhamento ou apoio durante sua tomada de decisão, como exames vocacionais e pesquisas/conhecimentos acerca das diferentes oportunidades. Os que têm as condições de realizarem uma escolha verdadeiramente embasada são também os que têm mais acesso a informações privilegiadas que circulam pouco nas escolas públicas. Nesse campo, a família é um elemento fundamental no (des)incentivo da escolha do curso, seja no que se refere ao suporte material, seja no que se refere ao suporte emocional.

Vale a pena, antes de colocarmos algumas das falas dos dois grupos focais, tão pertinentes a nossa discussão, trazermos as trajetórias do(a)s quatro estudantes entrevistad(a)s.

O relato abaixo demonstra um pouco do que estamos argumentando neste tópico. Revela a incerteza em cursar Geografia, de uma estudante do terceiro ano que entrou no curso pelas vagas remanescentes do vestibular de Arquitetura (sendo que já havia cursado Química na FCT/UNESP de Presidente Prudente):

“...eu não sei se você sabe, mas existem as vagas remanescentes, que são aquelas vagas que por exemplo a nota de corte das cotas passou a minha posição entendeu? Aí essa posição até onde foi a gente ganha o direito de escolher outro curso para fazer, aí abriu pra Geografia, eu disse: ‘tudo bem, eu presto Geografia. Faço um ano de Geografia e depois vou tentar transferência para arquitetura’. Entrei em Geografia, três ou dois meses depois, então eu perdi todo aquele impacto com os bichos de conhecer, só que eu já tinha vantagem que eu era da bateria, então, eu conhecia grande parte do pessoal da faculdade. Então, não fiquei nada deslocada, consegui me adaptar muito bem com o pessoal né.

Enfim, entrei na Geografia, fiz o primeiro ano da Geografia, me apaixonei pela Geografia e descobri que o que eu deveria ter feito, tipo, desde o começo.” (Aluna do 3º ano, branca)

Tendo origem em Presidente Prudente, mas cursando um curso técnico junto com o ensino médio em outra cidade (Engenheiro Coelho) em um colégio interno adventista, a trajetória dessa estudante perpassa outros cursos e espaços como: curso técnico, trabalhos e estágios; teve contato com uma Geografia convidativa e interessante apenas quando já dentro da universidade, revelando não ter se interessado pela disciplina durante o período escolar. A mesma estudante relata a relação que tinha com a disciplina de Geografia no ensino médio.

*“...como eu estudei em um colégio interno e era religioso a matéria de Geografia era uma matéria extremamente renegada por todos assim, sabe, porque era uma matéria que era para ser crítico e lá era tipo assim: as pessoas acham que é assim... mas a gente sabe que na Bíblia não é desse jeito... então eu nunca tive o contato com um professor f*** de Geografia, assim tipo, de falar ‘nossa vai lá e faça Geografia’”(Aluna do 3º ano, branca)*

Com semelhanças e diferenças, em uma outra entrevista, o estudante se disse desinteressado em estudar, ingressando na universidade mais por uma questão de obrigação. Oriundo de um município próximo a Campinas, chamado Artur Nogueira, esse estudante revelou trabalhar desde os 14 anos e se virar desde sempre, buscando seu sustento e sua própria renda. Após uma experiência bem sucedida de lecionar informática (percebeu que gostava de lecionar, independente da matéria) e considerando Geografia escolar, prestou o vestibular na FCT/UNESP de Presidente Prudente, junto com o curso de Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

“...antes de eu vir para cá para Prudente eu não fazia a menor ideia do que fazer, facu essas coisas, eu já dei aula de informática... no colégio Objetivo e, tipo mano, chegou no Terceiro Colegial, meio que assim, meus pais falaram que eu precisava fazer uma faculdade, acho que foi meio que uma pressão, saca? Porque eu particularmente nunca quis estudar nada não...” (Aluno do 3º ano, branco)

Os estudantes do segundo e terceiro ano se mostraram vocacionados a outros setores, atividades e disciplinas, como já falamos. Mas há também outro fator que conduziu estudantes até o curso, aquilo que era realisticamente possível dentro do campo de possibilidades. Alguns estudantes com menor renda e moradores de Presidente Prudente escolheram o curso pelo baixo custo (não gastar com moradia fora e ser em uma universidade pública), aliado à possibilidade de ingresso num curso que é menos concorrido, como na trajetória de nossa próxima entrevistada. Oriunda de Presidente Prudente, a entrevistada mora na zona Norte da cidade, frequentando outros circuitos, e outras realidades.

O trabalho fez parte da sua vida desde o ensino médio, este concluído no colégio IE Fernando Costa, localizado no centro da cidade (escola pública). Ingressou em uma universidade particular não muito distante de sua residência (Toledo), na intenção de cursar Arquitetura, e o fez por um ano e meio, deixando o curso por não mais ser financeiramente viável.

“...depois da escola eu cheguei a fazer um ano e meio de Arquitetura, fiz uma faculdade particular, mas aí eu acabei trancando e eu sempre trabalhei né ?Desde o ensino médio também, aí prestei o vestibular enquanto ainda tava trabalhando, eu tava trabalhando até no shopping também, eu prestei vestibular para UNESP para passar em Arquitetura, mas como eu não passei em arquitetura... eu escolhi Geografia, ainda bem que escolhi, porque eu não ia dar conta de arquitetura e eu me encontrei na geo, então, também tô feliz com o curso”.(Aluna do 2º ano, negra)

A quarta entrevistada faz referência a uma trajetória também singular, uma estudante do segundo ano oriunda de Itapetininga, estudou em colégio particular e fez cursinho, não entrando na universidade logo depois de finalizar o ensino médio.

Revelou ter sido diagnosticada com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e que sempre insistiu em prestar o vestibular em Geografia na UNESP de Rio Claro (mais próximo a sua cidade), mas quando decidiu mudar e prestar em Presidente Prudente passou de primeira. Vale pontuar também que Geografia não foi sua primeira opção, nem exclusiva em seus planos, mas devido a presença de um professor, como já visto em outras trajetórias nessa pesquisa, começou a se interessar por Geografia.

“Primeiramente não queria geografia, tava entre Artes Cênicas e Letras, foi um professor de Geografia meu, que me fez desistir de Letras, e eu comecei a perceber que Letras é muito difícil; eu comecei a me interessar pela Geografia e Artes Cênicas, e fiquei sempre nessas duas..., mas a minha ideia era seguir como professora mesmo. Nisso, eu fiz quatro anos de cursinho: eu fiz um ano no Anglo, 1 ano estudei sozinha em casa, ensino a distância (EAD) e dois fiz um cursinho no objetivo, daí eu nunca passava, minhas notas eram sempre baixas, tanto que agora fez três anos de quando eu tinha 20 eu fui diagnosticada com TDAH, aí sei lá toda vez eu sempre prestava para Rio Claro e nada, eu falei: quer saber ?Meu lugar não deve ser lá !Aí eu olhei a grade de Prudente, olhei a grade de Rio Claro eram parecidas, mas aqui é mais voltado para humanas; ah vou tentar lá né vai que..., acabou que eu passei deu super certo e eu tô lá”(Aluna do 2º ano, branca)

Assim, as trajetórias expostas nessas entrevistas revelam certos encontros; a ausência de uma escolha certa e única pelo curso de Geografia, personagens que somaram, forçaram ou não colaboraram com essa decisão, como o professor de Geografia do cursinho, os pais que obrigaram o jovem a cursar alguma universidade e o professor no colégio interno que tornou a disciplina pouco atrativa e crítica; mas de qualquer forma, a figura de adultos compareceram em 3 dos 4 trechos selecionados das entrevistas.

Essa figura, categorizada por nós como “mensageiro(a)” da Geografia, também apareceu no segundo grupo focal, aquela/e professor/a que despertou o encanto pela disciplina, que a fez parecer legal e que, portanto, colocou a Geografia no horizonte de possibilidades de escolha para jovens concluintes do ensino médio (ainda que não como única e exclusiva opção). No momento dessa fala, os estudantes do segundo grupo focal falavam sobre a adaptação e a trajetória de cada um, e nas falas anteriores e seguintes manifestaram vários nomes (alguns em comum) e personagens que colaboraram na trajetória, desde professores a estudantes (veteranos e calouros como eles no dado momento).

“...eu entrei na universidade motivado por uma professora por quê depois eu comecei a me apaixonar tanto pela Geografia que ela passou a ser parte da minha identidade”. (Grupo Focal 2)

Santos (2014) indica que a universidade faz parte da subjetivização dos estudantes, logo a universidade também se faz contundente nessa trajetória, que há de seguir seu rumo para além da universidade, como dito por um dos nossos participantes de um dos grupos focais:

“...a universidade não vai ser para sempre a gente vai sair” (Grupo Focal 1)

Perante essa finita, mas fundamental experiência, os estudantes procuram meios de se adaptar ao novo cotidiano, ambiente e exigências do meio universitário, sendo este o próximo tópico a nos auxiliar a compreender a(s) experiência(s) de juventude(s) dos estudantes de Geografia da FCT/UNESP.

4.2 Adaptação

A adaptação dos estudantes do curso se fez e se faz de forma diversa, muito por conta das trajetórias de cada estudante e suas respectivas situações/condições. Hopkins (2006) reconhece que a vivência na universidade e socialização dos estudantes se faz de acordo com sua classe, logo, os que necessitam trabalhar têm reduzida sua vivência de juventude dentro da universidade, ou ao entorno de uma cultura universitária, ou tende a vivê-la de forma mais marginal.

De fato, isso foi visto na nossa pesquisa, onde os estudantes com melhor condição de renda podiam dedicar-se aos coletivos, ao movimento estudantil e se inserir em projetos nos grupos de pesquisa. Porém, nesse processo de adaptação tem grande papel a recepção dos veteranos para com os calouros.

Essa recepção ora elogiada, ora criticada, colabora na adaptação dos estudantes na transição tão complicada entre a escola e a universidade.

Bueno (1993, p.12) afirma que as questões financeiras, apesar de duras, não são a maior causa de uma má adaptação e, conseqüentemente, a evasão do curso. Quando em sua análise no curso de psicologia da USP, de Ribeirão Preto, o autor ainda afirma que

Há a dificuldade de adaptação à mudança de cidade, de uma metrópole cosmopolita para uma cidade média do interior, acarretando limitações, seja de um pequeno município para uma capital, acarretando ameaças. Há a dificuldade de adaptação à vida universitária. Deixa-se, na maioria das vezes, um colegial ou um cursinho com orientação rígida e meramente reprodutora de conhecimento para enfrentar uma universidade que exige iniciativa e exercícios de crítica, acarretando um choque; às vezes, a mudança se opera no sentido contrário, quando o aluno vem de um colegial dinâmico para enfrentar aulas expositivas sem nenhuma motivação, acarretando decepção.

Assim, a ruptura vivida nesta transição da educação básica para a superior e, em muitos casos, da casa e tutela da família, para certa independência, deveria ser trabalhada e acompanhada para que seja menos traumática. Souza, Lourenço e Santos (2016) mostraram a importância da recepção, o alívio diante de amparo nas primeiras semanas (relatado pelos estudantes em diários), a dificuldade e impasse diante do tempo para lazer, estudos e aulas, bem como a relevância das amizades na experiência dos jovens na universidade.

Na linha do exposto por Bueno (1993), obtivemos um relato sobre o choque que se tem, ao se deparar com o caráter político do curso de Geografia (mais adiante melhor demonstrado). A palavra “choque” foi usada em várias falas, quando se tratava da transição escola-universidade, mas principalmente, em relação à mudança de cidade:

“...o curso da Geografia como é uma ciência voltada muito para humanidade, a gente tem não só uma consciência que é muito boa mas tem uma militância muito forte. Não é no curso, mas as pessoas que frequentam esse curso, às vezes, pode até vir uma cobrança dessas pessoas para quem não é tão ativo, não é acostumado... quem chega assim se assusta, até tipo, no ensino médio você não tem contato com essas coisas... a militância da Geografia muito forte não do curso mas das pessoas que frequentam esse curso...” (Aluna do 2º ano, branca)

É importante notar a diferenciação que a estudante fez entre as pessoas que frequentam o curso, que seriam as responsáveis pelo ativismo político, e o curso em si que não se envolveria com tais atos (dimensão institucional).

Outra fala que podemos trazer para ilustrar este “choque” inicial remete não tanto a questões políticas, mas traz dimensão de consciência, tão mencionada no primeiro grupo focal:

“...então cheguei aqui, cai na realidade, porque aí você cai na realidade. Você vê quanto você é privilegiado porque você tem o mínimo. Eu acho que eu ganhei muita consciência sabe?” (Grupo Focal 1)

No primeiro grupo focal realizado por nós, houve quase consenso de que o “trote” do curso de Geografia é pouco traumático e cuidadoso com os calouros, sendo diferenciado dos outros cursos, sendo avaliado como algo positivo na cultura universitária da Geografia. As duas falas abaixo seguem essa ideia, que de forma positiva analisaram o trote da Geografia como saudável e respeitoso, no debate em questão, quase todos os estudantes pontuaram suas experiências na semana de calouro, e não houve discordâncias, ou outras posições acerca do trote do curso, elencado como importante elemento da cultura do curso.

“...nunca vou esquecer assim do dia do meu trote que até para pintar de tinta era uma coisa que era pedido... entendeu? (Grupo Focal 1)

“Eu concordo com a L não só essa questão do trote né porque por exemplo, a gente ver outros cursos apelidando as pessoas com certos apelidos constrangedores, eu conheci uma menina também asiática de outro curso, foi apelidada de hentai, eu não gostaria de ser chamada assim...” (Grupo Focal 1)*

Na entrevista e no segundo grupo focal foram colocados outros pontos, em uma das entrevistas um dos estudantes criticou a semana de recepção dos calouros na Geografia:

“...você repara mano na galera de presença da Fisioterapia, eles raspam os cabelos de todos os bichos, fazem o semáforo, aí eles fazem uma festa, mano, que acontece na república, minha república, diga-se de passagem, aí tipo ele tem um apadrinhamento tá ligado? Alguém do ano mais velho apadrinha um bicho mais novo aí tipo assim eles começam uma família. Tipo isso aí existe esse apadrinhamento, que podia ter na geo mas não tem”. (Aluno do 3º ano, branco).

Esse mesmo estudante passou por dificuldades financeiras, sua família não conseguiu mantê-lo estudando fora de casa, em Presidente Prudente, e então precisou trabalhar. Isto faz com que passe pouco tempo na universidade, ao passo que está sempre envolvido nas festas da

república onde mora. Trata-se de uma república tradicional no contexto unespiano, o que tem facilitado sua sociabilidade ao longo dos primeiros anos. Segundo seu relato, os laços constituídos neste universo da república são um dos fatores que faz com que permaneça no curso.

O segundo grupo focal teve posições diferentes quanto ao trote e a semana dos calouros (primeira semana dos estudantes na universidade), mas em certo ponto da discussão, reconheceram que o trote da Geografia é mais livre - quem se interessar participa e quem não, não precisa. Em certo momento da discussão, o trote do curso foi colocado como “fraco”, sem ser algo muito pertinente à experiência de juventude de seus estudantes, não houve discordância quanto ao fato do trote.

Outro elemento que foi bastante colocado é a ajuda que os grupos de pesquisa, coletivos, CaGeo, alguns veteranos e professores têm na adaptação, vários personagens e agentes também foram citados como no primeiro grupo focal.

“...esse negócio de veterano e bicho é bem pontual mesmo na Geografia não é tão forte como por exemplo na fisioterapia que é o mesmo curso que tem na FCT e é muito diferente...é bem assim como eu posso falar: livre se você quiser você se une ou não, você decide o que você quer fazer.” (Grupo Focal 2)

“...o que me manteve mais assim foram alguns amigos veteranos porque eles me ajudaram quando eu precisava ...e eu comecei a fazer um estágio com o professor B e entrei no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA) ... o Professor B* e Professor G* eles me ajudaram bastante na adaptação” (Grupo Focal 2)*

Vale também pontuar uma exposição de uma das estudantes do segundo grupo focal, que na condição de mãe, diz ter se sentido mais acolhida em espaços fora da sala de aula, e outros espaços até fora da universidade, mas onde estavam presentes os colegas de sua turma. Como apontado anteriormente por Costa (2020), a universidade é pensada e arquitetada para a ocupação de homens (em sua maioria brancos), logo o espaço universitário pode se mostrar hostil às mulheres de diversas formas, desde sua condição de mãe a práticas machistas tão parte do cotidiano, como as interrupções da fala em tom de superioridade por parte de homens, durante debates na sala de aula. Durante o trecho abaixo, houve comentários de estudantes, dizendo que lembravam do dia que aconteceu tal fato. Depois, houve certo silêncio. Mudamos então de tema.

“...eu me senti muito mais acolhida como mãe nos espaços da universidade fora da sala de aula do que dentro da Universidade na sala de aula, eu acho que é isso.” (Grupo Focal 2)

Frente a esses relatos, podemos tratar a adaptação do curso de Geografia como fortalecida nos espaços fora da sala de aula, mas é preciso também ressaltarmos a importância da relação amistosa entre professores/as e alunas/os, que colabora com uma adaptação mais saudável.

Mas antes de tudo essa adaptação se mostra complexa e muito envolvida com a trajetória dos jovens que chegam à universidade, suas condições e situações adversas e diversas podem corroborar ou atrapalhar sua adaptação.

Somados esses relatos com os dados quantitativos antes colocados, vemos que acontece um evento de recepção dos calouros e que a maioria dos estudantes participa do evento, mas não há uma cobrança, ou pressão para que se participe, como parece haver nos outros cursos da unidade. Por outro lado, essa liberdade, ainda que preserve o respeito com os recém chegados, pode também evidenciar que o evento de recepção é algo com pouco compromisso e tradição, porque, afinal de contas, não há muito o que se comemorar por fazer Geografia, já que assim como aqueles que estão entrando nem sempre estão realmente a fim de cursar Geografia, aqueles que já estão também não têm certeza se devem ou querem permanecer, o que cria uma situação ambígua, em que toda comemoração pode soar artificial.

Ainda sobre a questão da adaptação, Santos (2014) evidencia como a universidade pode incentivar ou atrapalhar a prática de leitura dos jovens, aquilo que soa como obrigação, castigo ou pena, tende a causar traumas e não contribuem com a adaptação do jovem ao ambiente universitário, nem a suas práticas como a leitura. Para este autor, “a juventude vive em busca do seu lugar” (SANTOS, 2014, p.63). Alguns dos relatos de estudantes que colaboraram com essa pesquisa possuem um tom de busca, muitos nem veem o curso de Geografia como seu lugar, ou que vieram de outros cursos e encontraram esse lugar no curso de Geografia, a ciência do espaço, pode ou não contribuir na busca desse lugar desses estudantes, talvez essa busca possa ser respondida pela universidade em si, oferecendo espaços de convivência, lazer, leitura e outras práticas que colaborem na construção de um espaço que os jovens possam se sentir bem.

O próximo tópico, também relacionado com adaptação, nos revela outra dimensão da experiência da juventude e da cultura universitária do curso de Geografia.

4.3 Locais de Encontro e Sociabilidade

Vários dos locais de encontro e que são também os locais de sociabilidade, já foram revelados ao longo das páginas anteriores, mas vale colocarmos aqui novas localidades citadas nas entrevistas e nos grupos focais somadas aos dados do questionário, amparados pela concepção de lugar de Massey (1991).

Antes de tudo convém trazer uma ideia da sociabilidade, que na perspectiva de Blanc e Farias (2011, p.7) pode ser entendida “[...] enquanto processo de sociação produz conteúdo, estabelece significado para práticas e legitima identidades e modos de vida”.

Assim Blanc e Farias (2011) vão entender a juventude enquanto fase de vida em que se afirma a individualidade do sujeito, em relação à família de origem. Para isso, é importante a interação com outros jovens. Como argumenta Pais (1993), os amigos oferecem um espelho para a construção da identidade dos jovens. E esta interação demanda locais de encontro. No caso das culturas juvenis universitárias, isto não é diferente e, ainda que ela aconteça nos espaços próprios da instituição, há espaços de encontro mais autônomos, constituídos no campo da pura sociabilidade.

Feixa (2003) argumenta que é na distância do poder e das instituições, que as culturas juvenis emergem, logo têm no lazer e na sociabilidade, no tempo livre, enfim, seu tempo/espaço privilegiados. Pais (1993), também colabora com esta ideia, ao afirmar que as culturas juvenis são culturas do tempo livre. Nesse tempo/espaço, a figura autoritária do “mundo adulto” e institucional não adentra, não organiza, não dita as normas (ao menos de forma plena), ainda que alguns sejam dentro do próprio campus, há certa liberdade entre os estudantes.

Pais (2006) classifica esses diferentes espaços em seu texto, como o *espaço estriado* que seria aquele limitado e confinado, controlador; enquanto o *espaço liso* é nômade, livre ao caos e a performance, onde os encontros se realizam de forma mais livre e propícia, no labirinto do espaço liso, a experiência constrói e gera as sensibilidades juvenis. Porém, essa dualidade se complexifica em alguns casos, como iremos ver, quando por exemplo um ambiente de pesquisa, que pode ter um caráter acadêmico, institucional, se faz também espaço de conversa e sociabilidade, ou a própria biblioteca, como espaço não só da leitura, mas também do encontro.

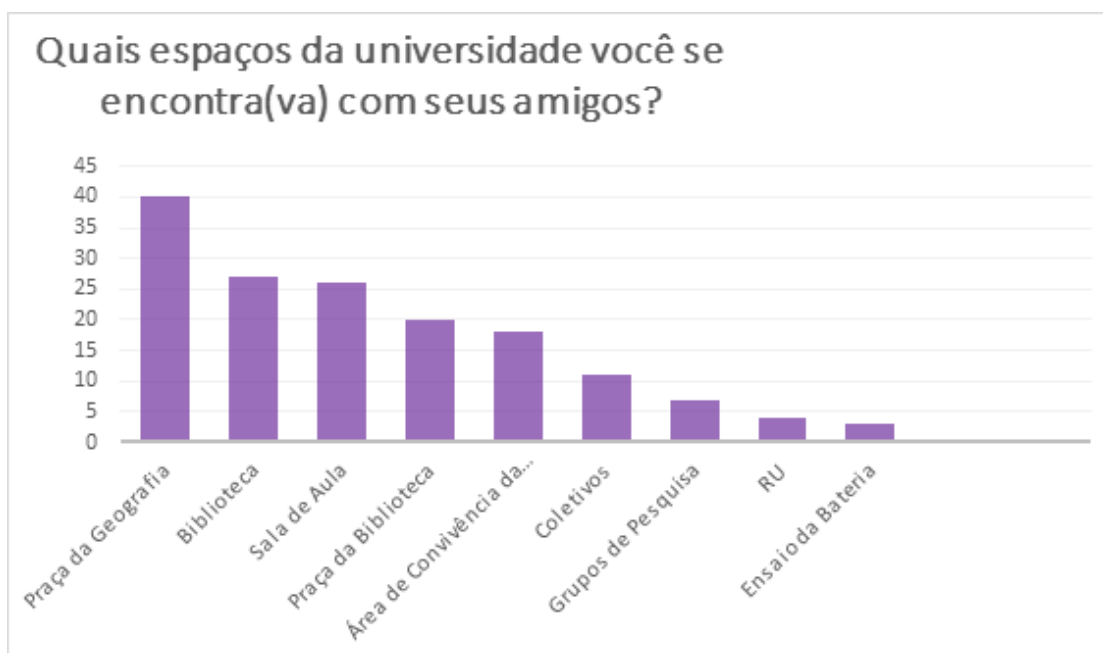
Retornando aos dados do questionário, no Gráfico 24 podemos visualizar os espaços de encontro dos estudantes (antes da pandemia). O espaço mais mencionado foi a praça da Geografia, que está localizada na frente do Discente IV, em que as aulas do curso são lecionadas. Portanto, durante os intervalos, antes e depois das aulas, a praça se torna um lócus de encontro entre os estudantes, principalmente os estudantes de Geografia. A biblioteca se mostrou o segundo espaço mais escolhido. Este que talvez tenha sido arquitetado como espaço

de estudo, é ressignificado pelos estudantes, e apropriado também como espaço de convivência e encontro.

Como já dito na discussão acerca do território, Santos (2014) vai nos dizer da transformação proporcionada dos jovens para com o espaço universitário. Ou como afirmou Pais (2006), as culturas juvenis tendem a ressignificar os espaços físicos, transformando-os em espaços sociais, dando-lhes outros significados pelos usos. Assim, a universidade também experimenta transformações de seus espaços, como a biblioteca.

Em terceiro lugar, a sala de aula se mostrou espaço de encontro dos estudantes, antes, durante e após as aulas.

GRÁFICO 24: OS ESPAÇOS DE ENCONTRO NA UNIVERSIDADE



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

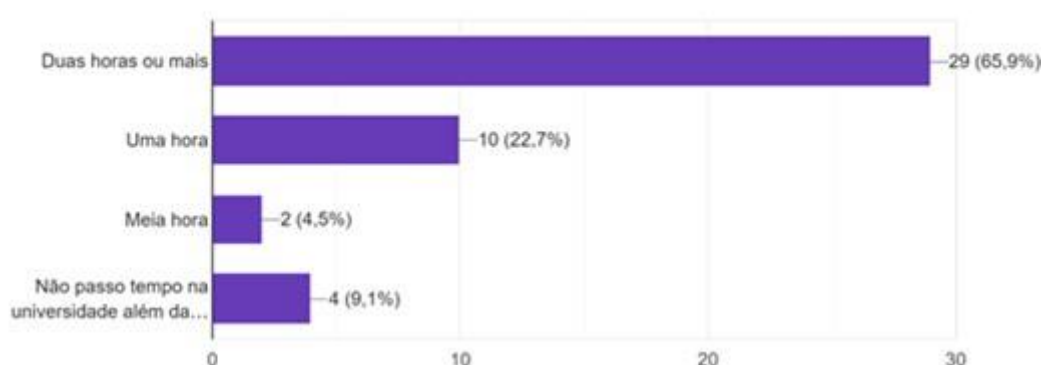
Na FCT/UNESP, o acervo da biblioteca está colocado no subsolo, enquanto no mesmo prédio há uma área para convívio, e na parte de fora do prédio uma praça. A praça e a área de convivência somam uma porcentagem maior que a sala de aula e chega próximo das menções à praça da Geografia, sendo um espaço importante de convivência não só para o curso, mas para os estudantes de toda a unidade. Outros dois espaços bastante citados foram os coletivos e os grupos de pesquisa. Como pontuamos antes, os grupos de pesquisa parecem colaborar com a construção da cultura universitária e experiência de juventude, visto que são espaços em que

estudantes passam boa parte do seu tempo semanal. Os coletivos também têm papel importante nesse quesito, visto que são locais de construção de projetos, ações e de elaboração de identidades juvenis de forma mais autônoma em relação aos espaços e tempos mais formais de interação – sala de aula, biblioteca e grupos de pesquisa.

No Gráfico 25, vemos as respostas diante da indagação acerca do tempo que os estudantes passavam na universidade, para além do horário de aulas, antes da pandemia do Covid 19. A grande maioria afirmou passar duas horas ou mais na universidade, além do horário de aula, isso nos possibilita apreender que a convivência na universidade não se limita às atividades em sala de aula, estendendo-se no tempo e no espaço, colaborando com os dados anteriores quanto aos usos dos espaços.

GRÁFICO 25:TEMPO DIÁRIO NA UNIVERSIDADE ALÉM DAS AULAS

Quanto tempo você passa(va) na universidade além das aulas, por dia?



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020.

Lima (2018) demonstra que o lazer que está intrínseco à cultura universitária (festas, eventos e esportes) e o tempo livre são fatores importantes na construção de culturas juvenis. Quando ambos são realizados dentro da universidade, ou a partir das redes de interação social constituídas a partir dela, a universidade passa a ter uma dimensão maior, para além da sala de aula. Parece que no caso em que estamos estudando, a universidade já não é apenas um local de estudo para a maioria dos estudantes que responderam ao questionário. Algo além das aulas faz com que eles permaneçam mais tempo no campus, como a realização de trabalhos em grupo, os estudos ligados às atividades de iniciação científica, projetos de extensão, movimento estudantil, dentre outras atividades.

Assim, existe uma vida universitária que se faz em tempos e espaços de sociabilidade e interação social, em que mesmo um “não fazer nada juntos” tem condições de acontecer. Para Pais (1993) este ócio vivido com os outros é condição para a elaboração de uma cultura juvenil distinta.

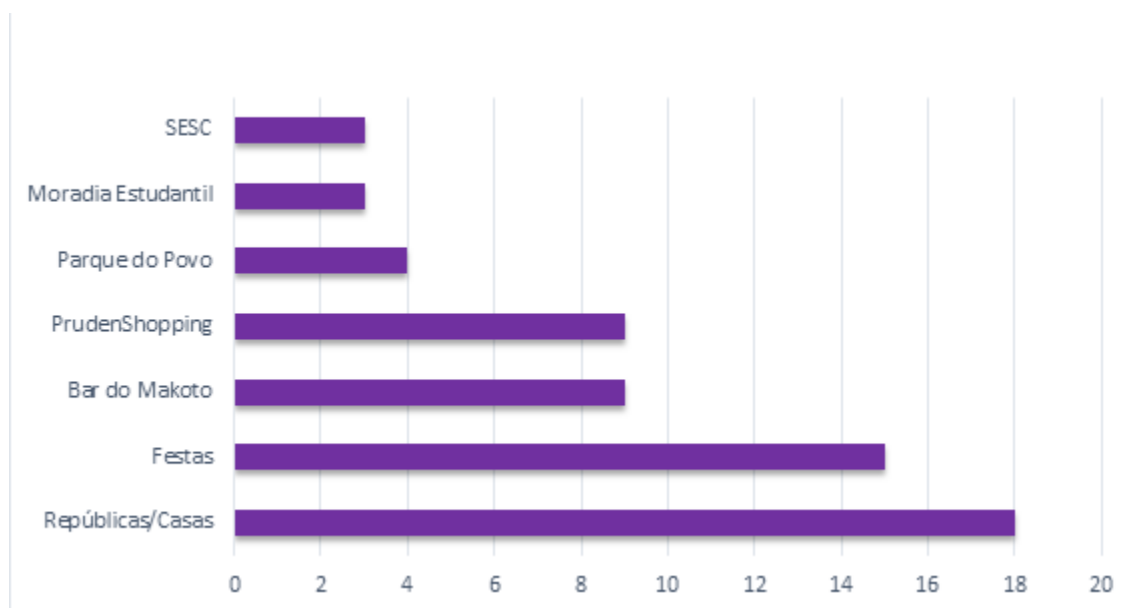
O Gráfico 26 nos mostra os espaços onde se dão os encontros desses estudantes fora da universidade. Como podemos observar, os espaços mais citados foram, respectivamente: Repúblicas e casas de estudantes, festas, Prudenshopping e Bar do Makoto (que fechou suas portas durante o ano de 2020, no transcurso da pandemia). A análise que pode ser feita é que todos esses espaços fazem parte de um circuito próximo a universidade (talvez algumas das repúblicas podem ser distantes, mas a maioria delas tendem a ser próximas ao campus), sendo de fácil acesso (todos podem ser alcançados a pé a partir da universidade). Para as festas que acontecem em locais mais distantes, os organizadores disponibilizam ônibus que saem do campus, fortalecendo assim a ideia de que a cultura universitária aqui analisada⁴, se manifesta também nos arredores da universidade (não só dentro dela), estendendo-se eventualmente para áreas mais distantes.

A ideia de circuito aqui tratada está na perspectiva de Turra Neto (p.456, 2008), para quem:

Magnani (2005) no seu levantamento dos circuitos dos jovens urbanos na metrópole paulistana, também identificou o termo *cena* e o vinculou ao termo *circuito*, ao qual ele busca conferir maior precisão conceitual. Para ele, *cena* e *circuito* [...] supõem um recorte que não se restringe a uma inserção espacial claramente localizada. No caso do *circuito*, ainda que seja constituído por equipamentos físicos (lojas, clubes), inclui também acesso e frequência a espaços virtuais como chats, grupos de discussão e fóruns na internet, ademais de eventos e celebrações. [...] o que distingue *circuito* de *mancha* [de lazer] é o fato de o primeiro não apresentar fronteiras físicas que delimitam seu âmbito de sociabilidade. *Cena*, entretanto, apesar de compartilhar com o *circuito* essa característica de independência diante da contigüidade espacial, é mais ampla que ele, pois denota principalmente atitudes e opções estéticas e ideológicas, articuladas nos e pelos circuitos. Se estes são formados por equipamentos, instituições, eventos concretos, a *cena* é constituída pelo conjunto de comportamentos (valores, regras) exibidos e cultivados por aqueles que conhecem e frequentam os lugares “certos” de determinado *circuito*. Em suma, pode-se “frequentar” o *circuito*, mas “pertence-se” a tal ou qual *cena*; enquanto aquele alude à rede, esta tem como referente os atores sociais, suportes dos sinais de pertencimentos e escolhas no próprio corpo, na roupa, no discurso; um é identificável na paisagem, enquanto a outra se manifesta nas atitudes.

⁴ O questionário revela a realidade vivida em maioria, pelos estudantes que se mudaram para Presidente Prudente para estudar, ao longo da pesquisa, se percebeu que os circuitos dos estudantes que sempre moraram em Presidente Prudente podem variar mais, se estender para além do envolvimento à universidade. Todavia parece ocorrer um acréscimo de lugares e espaços, não substituição, pois vários dos locais citados no questionário estiveram também presentes nos relatos dos estudantes prudentinos.

GRÁFICO 26: LOCAIS DE ENCONTRO FORA DA UNIVERSIDADE



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes do 2º. e 3º. anos do curso de Geografia da FCT/UNESP, 2020

Nas entrevistas, os dois lugares mais citados foram as repúblicas e o Bar do Makoto. Já tratado aqui, tratava-se de um bar próximo a universidade, ao lado de uma praça (onde os estudantes ficavam também) onde havia a liberdade de se colocar as mesas e cadeiras na calçada que beira o bar localizado em uma esquina. O bar se mostra nas falas como um espaço de descontração.

“a gente cola em festa de república, a gente vai bastante mano, em festa de “rep” a gente cola em goma mesmo...vou muito em festa mano”. (Aluno do 3ºano, branco)

“Goma” é uma gíria para casa, residência dos outros estudantes, no caso, onde há festas e encontros. Além das festas, as repúblicas se mostraram locais também de encontros menos agitados, mas igualmente importantes na sociabilidade, como no relato abaixo:

“...geralmente a gente chama a galera para ficar vendo TV, fazendo literalmente nada, ou na casa um do outro, a gente curte fazer, tipo, almoço, janta com a galera... a gente faz ou pede comida, tomar uma na praça do Makoto, role de república”. (Aluna do 2º ano, branca)

Novamente aqui aparece a ideia do “não fazer nada juntos” na experiência da juventude. Segundo Lima (2018), corroborando com outros autores, como Pais (1993), a sociabilidade jovem se relaciona com a territorialização, e a atividade a ser exercida para essa sociabilidade pode ser não fazer nada, ser jovem inclui não fazer nada. Além da república, a praça ao lado do

Bar do Makoto é citada, também é citada como parte de um circuito formado por estudantes de Geografia, nas suas práticas de sociabilidade.

Numa perspectiva humanista, Malta (2011, p.14) traz as repúblicas como sendo lugares, por serem espaços que compartilham de afetos e símbolos. As festas e os trotes marcam as liturgias de cada república, que se organizam entre amigas ou concorrentes e que são importantes na constituição de laços e pertencimentos:

Como argumentamos, os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades em nível simbólico e prático. A descrição da cidade contemporânea não concerne necessariamente ao ambiente edificado, mas na incursão das pessoas nos espaços urbanos através de suas práticas e modos de vida espacializantes. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo e apropriações dos lugares constituídos de usos próprios, o que conforma um conjunto centrado por processos identitários coletivos como a praxe acadêmica, e descentrados, quando enunciam forte hibridez cultural e fragmentação espacial no contexto relacional das cidades.

Assim, as repúblicas, o bar e a praça começam a fazer parte de um circuito de lazer e tempo livre dos jovens da universidade, como também identificado por Lima (2018), em sua pesquisa da cultura universitária em Três Lagoas-MS. Ainda, vemos em outro relato de entrevista uma frase que conversa com a espontaneidade e incerteza do jovem no mundo de hoje, como colocado por Pais (2006).

“...aí lá na praça encontra umas pessoas e ali mesmo você já resolve o que vocês vão fazer, festinha, se a gente vai descer na pronta entrega, se a gente vai para o Parque do Povo... é isso aí, é a vida baseada na aleatoriedade...” (Aluna do 3º ano, branca)

No primeiro grupo focal, os lugares acima referidos também vieram à tona, mas se destacou na conversa o encontro e a sociabilidade propiciados pelo esporte; além de uma ressignificação do RU e dos passeios e compras no Shopping.

“...toda terça-feira eu vou jogar bola no núcleo Morumbi é sempre um espaço que historicamente sempre foi um espaço de encontro” (Grupo Focal 1)

Quando questionado acerca de locais de encontro e sociabilidade, um dos estudantes citou o núcleo Morumbi, unidade vinculada à Unesp, mas em outro bairro, cuja qual tem uma quadra; o esporte apareceu em outra fala, mas dessa vez por parte de uma estudante que sempre morou em Prudente e disse não ter alterado muito seus locais de encontro e sociabilidade:

“...eu acho que para quem mora aqui a espacialidade acontece diferente porque você já tem o seu lugar já...” (Grupo Focal 1)

Realmente, foi notado nas falas dos estudantes que sempre moraram em Prudente, ou nas dos estudantes que trabalhavam ou trabalham, uma outra relação com os espaços de encontro e sociabilidade, não tão limitados aos arredores da universidade; podendo ser relacionado com amigos de infância, da escola, do serviço, da igreja e outros.

Na mesma questão em debate, o Restaurante Universitário (R.U) apareceu quase em todas as falas, mas nesta em específico é demonstrada a ressignificação do espaço, colocado por Pais (1993) e Feixa (2003). O RU torna-se local de paquera. A fala também cita o Shopping próximo a universidade, fazendo referência principalmente ao seu ambiente climatizado, que diante de temperaturas altíssimas se faz muito convidativo.

“...um dos lugares que me marcam é O RU, porque é muito engraçado, eu comentei com alguns amigos tipo parece que é um lugar de paquera...o shopping também, chega aquele domingo que você tá cansado da faculdade, de estudar e tá 40° , eu penso: Oh meu Deus que que eu vou fazer? Tomar um milk-shake condicionado andando no corredor do shopping ...”(Grupo Focal 1)

Em outra citação sobre o shopping, dessa vez ligada ao cotidiano de compras, evidencia que esta passa a reunir os colegas e deixa de ser uma atividade pontual e pragmática e para ser um momento com os amigos. É nesse cotidiano vivido em comum, que as culturas juvenis vão se formar e os laços se fortalecem, como posto por Pais (1993) e Feixa (1999). Como no primeiro grupo focal todos se conheciam, os locais de sociabilidade quando apontados, relembavam momentos e histórias relatados por alguns deles, ao mesmo tempo que traziam risadas de alguns dos integrantes mais envolvidos com outros nesses locais de encontro e sociabilidade, enquanto os mais distantes desses circuitos ficavam em silêncio, esperando sua vez de falar ou ser convocado pelo mediador.

“...no shopping né? Fazer compra todo mundo junto é semanal, você nem tem coisa para comprar, mas gasta um pouco mais de compra...” (Grupo Focal 1)

No segundo grupo focal, tivemos repetições dos espaços mais frequentados, mas se destacaram dois espaços não citados, e a biblioteca como unanimidade, soou como o espaço mais importante para a maioria dos participantes do grupo focal, presente na fala de quase todos, as falas se mostraram em mais sintonia nesse tema do que o primeiro grupo focal, todos os integrantes falaram de seus usuais locais de encontro e sociabilidade.

O primeiro espaço não citado nas entrevistas e no primeiro grupo focal foi o Jopana's, cantina da universidade, que tem cadeiras e mesas para a refeição. O segundo não citado anteriormente foi colocado por parte da rotina de uma estudante que trabalha e mora um pouco distante da universidade.

“...mais raramente eu encontro eles na rodoviária assim quando eles vão embora aí eu sempre que eu posso a gente vai lá se despedir” (Grupo Focal 2)

Como muitos estudantes são de fora, o retorno às suas respectivas cidades de origem é recorrente, e essa estudante relatou que algumas vezes se encontrou com os jovens prestes a partir, em tom de despedida.

A biblioteca se mostrou ser o espaço mais frequentado pelos estudantes, que a ressignificam, se tornando um espaço para além da leitura e estudo.

“...é um lugar assim que você vai encontrar alguém da Geografia e festa e biblioteca que o povo vai chorar, estudar...” (Grupo Focal 2)

Diante desses relatos, todos podemos ver que existe de fato na experiência de juventude(s) nos dois anos analisados, muitos espaços em comum, que já fazem parte da tradição e cultura universitárias do curso de Geografia.

Conscientes disso, Feixa (2003, p.140) nos adianta que: “Assim, pode dizer-se que as culturas juvenis constroem mais do que uma urbe visível, uma verdadeira cidade secreta [...]”

Essa cidade secreta, desenhada pelos estudantes analisados, é parte do seu cotidiano, logo, da cultura universitária do curso de Geografia, cujo alcance vai além da instituição.

4.4 Saúde Mental: Antes e Durante a Pandemia de Covid 19.

A saúde mental é um tema que tem sido mais abordado nos últimos anos e também compareceu no debate universitário, no movimento estudantil e no próprio conselho do curso de Geografia.

Souza, Lourenço e Santos (2016) vão apresentar a preocupação com a “carreira” já se dá nos primeiros anos de curso e a pressão acerca das novas dinâmicas que a universidade abriga, como as avaliações, os conteúdos, a criação ou não de laços. Em uma universidade que cada vez mais necessita responder a pressões neoliberais, como visto ao longo do texto, as exigências de um estudante operacional e bancário, como Freire (1980) nos coloca, vão ser fatores de intensificação de estresse e ansiedade.

Ao longo das entrevistas e grupos focais, a questão da saúde mental foi abordada em todas as conversas, e há unanimidade na concepção de que a universidade não é um ambiente saudável. Foi um tema que despertou o interesse e a identificação de todos, logo, é preciso ser destacado, apesar de não ser o foco da nossa análise. Assim, a pandemia e o ensino remoto que tem sido aplicado na FCT/UNESP, ao longo do ano letivo de 2020 parecem ter piorado a situação. Também o ensino remoto é insuficiente e estafante.

Para introduzir nosso debate acerca desse tema, vale citar uma das falas no primeiro grupo focal que a estudante coloca a preocupação com a saúde mental como um dos fatores diferenciais da cultura universitária da Geografia, quando comparada com a dos outros cursos. É importante situar que a questão da saúde mental tão comentada pelo primeiro grupo focal, nesse primeiro momento não foi tão afirmada pelo grupo, pois no momento, estavam discutindo acerca dos elementos que edificam a cultura universitária do curso de Geografia, aparecendo então outros temas.

“...a questão de saúde mental, eu percebo que existe simpatia maior entre nós...”
(Grupo Focal 1)

Para que possamos distinguir a situação atual daquela anterior à pandemia do Covid 19, primeiro apresentaremos as colocações acerca da saúde mental antes do ensino remoto.

Na primeira entrevista realizada, o estudante revelou já não se sentir bem no curso. Afirmou que continua apenas pelo diploma e, por estar no 3º ano, já não compensa mais desistir, o que revelou ser desgastante, antes mesmo do ensino remoto.

“aquele negócio, tipo você fazer algo que você não curte, mano, e é tipo obrigado...tô lá por quê?” (Aluno do 3º ano, branco)

O descontentamento e desânimo já vistos em outras partes desse texto são parte da experiência de muitos estudantes do curso, que desistem ao longo dos anos, o trecho acima foi dito por um estudante que diz não ter desistido por não “compensar”, revelando uma perspectiva pragmática do curso. Esse mesmo estudante teve a necessidade de trabalhar durante toda a graduação, logo, traz em sua trajetória a necessidade de cumprir com “obrigações” mesmo que em desacordo com o seu gosto. Como apresentado por Oliveira e Silva (2010), vários estudantes com situações financeiras mais vulneráveis (e no caso que não aderem às políticas de permanência estudantil) percorrem outra forma de experimentar a universidade e seus respectivos cursos.

Ainda nas entrevistas, uma das estudantes do 2º ano se mostrou ativa na resistência a um ensino remoto no curso de Geografia, gerando embates com o conselho do curso, e demonstrando em sua fala certo descontentamento com as posições dos professores diante das

condições remotas de ensino, mas reafirmando o primeiro trecho colocado nesse tópico, da preocupação e empatia dos estudantes do curso de Geografia entre si (senso de coletividade). *“...fiz muito parte de quando a galera tava contra o EAD tava muito ativa nisso...então assim eu percebi que é mais nós por nós.” (Aluna do 2º ano, branca)*

As entrevistas não seguiram uma resposta comum sobre o tema, talvez na saúde mental durante a pandemia do Covid 19 tenha sido, com falas traçando paralelos entre si.

No primeiro grupo focal, o tema da saúde mental foi o mais discutido, com exposições de todos os participantes, e de certa forma com uma pauta em comum, que é a necessidade da “fuga da universidade”. A carência de se frequentar outros espaços além dos circuitos dos universitários e do próprio campus foi expresso pelos estudantes, como se não aguentassem mais ter de ficar no espaço universitário e seus arredores. Um tempo longe disso tudo - todos os estudantes revelaram práticas ou anseios do tipo.

A fala abaixo demonstra o esgotamento de uma das estudantes integrantes do primeiro grupo focal que tem um histórico de problemas psicológicos, acentuados pela universidade, segundo a mesma. Após a fala dessa estudante, o(a)s outro(a)s integrantes também expuseram situações em que desejaram fugir, ou estiveram sob estresse, se mostrando ser um tema comum a todos os presentes na discussão.

“...não aguento mais olhar para a cara das pessoas da faculdade” (Grupo Focal 1)

A mesma estudante relatou viagens de fim de semana, ou a busca por outros espaços que não frequentassem as pessoas da universidade; revelou também a aversão a certos espaços muito cheios, não se sentindo confortável em um dos locais mais citados como sendo tradicionalmente espaço de encontro e sociabilidade. A fala da estudante não gerou espanto nem singularidade, outras exposições foram feitas abordando outras situações como a seguinte a ser citada.

No excerto abaixo o estudante também se coloca como invisível, o restaurante universitário, espaço de paquera e de encontros para uns, causou discordância para esse estudante que não se sente confortável no local. O mesmo estudante revelou também odiar comparar as respostas depois de uma avaliação e que procura sempre sair da bolha da universidade, seja no futebol, que pratica com os amigos semanalmente, na Batalha do Vale (evento de rap que acontece próximo ao Parque do Povo, no qual são realizadas batalhas de rima), ou viajando pra casa de um amigo.

“por exemplo o RU, foi falado aí, mas pra mim é um espaço que eu me sinto invisível, que eu odeio, ao ponto de passar medo.” (Grupo Focal 1)

Percebemos assim, que os espaços de sociabilidade e encontro citados por alguns do(a)s integrantes do grupo de discussão representam espaços que invisibilizam, revelando as diversas formas de se relacionar com os espaços da universidade. Ainda na discussão desse tema, o estudante adicionou a seguinte fala:

“Então, tipo, eu lembro uma vez que eu fui, em 2018, eu saí de uma prova da T não era de Geopolítica, era a prova de regionalização, que eu estudei que nem louco pra prova, que nem maluco, aí fiz a prova. Aí eu não gosto falar o que eu respondi pros outros, aí na praça da Geografia ficou aquela comparação de respostas, bateu aquela tensão tão grande... aí que que eu fiz dia seguinte? Eu conversei com os amigos que eu tinha numa outra cidade e falei: Amigos estão aí? Vou para aí por 3 dias... aí só de viajar só de eu me instalar em um outro rumo fora da Universidade e voltei totalmente diferente com uma carga totalmente diferente, acho que é criar mecanismos para tirar essa ansiedade, sempre faço isso, porque eu acho que o espaço aqui... a gente tem que sair um pouco né”. (Grupo Focal 1)*

Ainda sobre a vontade de fugir, da rotina universitária, uma das estudantes do terceiro ano que tem como cidade de origem uma cidade próxima acrescentou:

“Exatamente isso que a L falou tipo como sou de fora eu ainda tenho o privilégio de voltar se eu quiser uma vez por mês, porque é relativamente perto, mas eu me inseri totalmente em uma rotina da universidade, então eu tenho aula, vou pro RU e laboratório e minha vida virou isso, ano passado pensei que ia surtar de vez, isso se já não surtei, foi bem complicado mas deu tudo certo consigo resolver as coisas”. (Grupo Focal 1)*

O cotidiano tão envolvido com as obrigações da vida acadêmica passa a ter caráter hostil em determinadas exigências da universidade. Ainda no primeiro grupo focal, um estudante residente na moradia universitária pontuou sua situação:

“Então você falar na universidade ter saúde mental, imagine para quem mora dentro da própria universidade... porque você tá todo dia com as mesmas pessoas, do mesmo lugar e não tem pra onde você sair, porque você mora ali é o único lugar que tem para você ficar...”

O estudante ainda acrescentou a péssima sensação de se passar nas avaliações com a assistente social, preocupado em não passar e não ter onde ficar, pois não tem condições de pagar um aluguel, dependendo da moradia.

Como notamos, nesse momento, houve mais testemunho de suas respectivas e subjetivas dificuldades e adversidades no contexto universitário, do que uma conversa sobre o tema, apesar de haver concordâncias entre o(a)s estudantes.

No segundo grupo focal, com menos envolvimento e falas sobre o tema, as exposições pareceram se restringir às exigências dos professores; textos muito extensos, atividades com pouco tempo para serem feitas, carga de leitura com alto grau de dificuldade e descaso perante a incapacidade de realizar determinadas atividades por parte dos professores para com os estudantes. O tema da saúde mental caminhou para esse ponto, sendo a maior reclamação feita pelos estudantes ao longo do grupo focal. Também neste grupo, cada um foi trazendo seus relatos e experiências, sem que tivéssemos de fato um debate ou confronto de ideias.

No primeiro excerto a ser colocado, a estudante resgata um incidente ocorrido há um tempo atrás, que se tratou de um suicídio de uma estudante do 5º ano do curso de Geografia.

“...foi ano retrasado, teve uma aluna que se suicidou, acho que ela era do quinto ano; tem professor que não tem noção de nada, acha que a gente vive o dia inteiro para ficar lendo os textos e a gente não tem nada, não tenho uns problemas pessoais, não tem noção, passa várias coisas para a gente ler e aí a gente faz o que dá, porque a nossa vida não é só universidade”. (Grupo Focal 2)

Essa estudante relatou antes da pandemia do Covid 19 sempre ter feito alguns trabalhos informais, logo sua rotina não girava em torno da universidade, como visto em falas anteriores, a rotina dessa estudante por conta da sua trajetória e realidade, se modula também em outros espaços e atividades.

Outro estudante, que revelou já ter pensado em desistir do curso, reclamou da falta de apoio por parte da instituição e da hipocrisia do curso, ao se assumir preocupado com a saúde mental, mas não fazer nada para mudar a realidade.

“...isso que me deixa batido com a Geografia é muito isso: ‘a gente se preocupa com a saúde mental’, mas não tão fazendo nada pra ajudar...” (Grupo Focal 2)

Os outros estudantes que abordaram o assunto, continuaram a trazer perspectivas muito próprias, como uma estudante que colocou a sua condição de mãe como desafio maior para ser ler os textos, devido a pouca disponibilidade de tempo, enquanto o outro estudante relatou a experiência de viajar diariamente da sua cidade origem para Presidente Prudente, e dividir o tempo com as leituras, ditas por ele exageradas e descabidas, o que se torna maçante. A questão de lidar com o tempo e o ritmo da universidade está muito presente nos estudos de Oliveira e Silva (2010), que revelam relatos onde o tempo dificilmente está a favor do estudante, pelo contrário, sempre está em falta, ou desorganizado, ou insuficiente. Situação que se agravou muito na pandemia do Covid 19, com o ensino remoto. Questão de unanimidade entre os estudantes.

Nas entrevistas, avaliando o ensino remoto, um dos estudantes se mostrou com falta de rotina e dificuldade de cumprir os prazos exigidos, outra que trabalha e estuda ao mesmo tempo, relatou o estresse como sendo algo que a afeta, e que chegou a ter alergias devido a tanto estresse durante o ensino remoto e a pandemia do Covid 19.

O estresse se fez presente em todas as falas, revelando ser uma questão presente na atual realidade de todos os entrevistados. Apesar disso, uma estudante se mostrou um ponto fora da curva, quando falando da questão de saúde mental, falar menos de si e mais dos outros, revelando se preocupar com os colegas a ponto de usar um gorro de natal na cabeça durante o mês de dezembro nas vídeo aulas, pra alegrar um pouco a turma. Mas mesmo essa estudante fez colocações sobre a dificuldade tida no ensino remoto e na pandemia do Covid 19.

*“Sabe quando você vive no automático? eu dou conta do EAD, eu tô dando conta de cuidar da minha família, de ficar de olho neles e em mim... sem esquecer de mim, mas eu já me esqueci várias vezes durante essa quarentena, ta f***. Tô vivendo...Nem me lembro o que fiz durante o dia”. (Aluna do 2º ano, branca)*

Nas entrevistas ainda, uma das estudantes teve como uma das primeiras falas da nossa conversa reclamações acerca das exigências de uma professora em determinada disciplina. A estudante disse ter acontecido muitas coisas ao mesmo tempo, relacionamento abusivo, problemas de saúde de sua mãe e a pandemia do Covid 19, fazendo com que esteja muito estressada, usando de atividades como Yoga para se manter mais calma.

“Nossa, tadinho do meu irmão, assim tem dias que nem eu tô me suportando, tem dias que eu fico aqui no meu quarto, eu acendo incenso, faço yoga... assim porque tá nossa senhora né, minha energia de matar todo mundo; uma coisa que me salvou também nessa quarentena foi o yoga, velho, isso me ajudou legal de ficar mais calma de respirar. É engraçado né, mas aprendi a respirar no yoga, porque essa semaninha aí de férias eu não sei se ela está sendo agradável, ou não na verdade, eu tô mais ansiosa nessa semana porque a semana que eu tenho para botar tudo em dia, para botar tudo em ordem, para fazer 30.000 trabalho que os professores mandaram...”. (Aluna do 3º ano, branca)

A mesma estudante revelou estar fazendo terapia e muito feliz por isso, tendo furado a quarentena para se encontrar com amigos no momento em que teve um término complicado em um relacionamento abusivo.

No primeiro grupo focal, não houve um ponto comum entre todos (com exceção da insatisfação perante o ensino remoto), mas podemos dizer que o conflito com relação ao tempo

durante essa pandemia do Covid 19 tem se atenuado, tal conflito já citado e referenciado antes, como escrito por Oliveira e Silva (2010).

A primeira colocação foi feita sobre uma perda recente de uma estudante, que não foi a única que teve tal experiência, que se mostrou dolorosa, após sua fala, outro(a)s estudantes em apoio e solidariedade criticaram também o modelo de ensino remoto proposto, e compartilharam outras situações.

“Esse formato EAD, é complicado, por mais que eu faça aulas no meeting eu tenho hora pra cumprir, agora que tenho a bolsa Fapesp preciso participar de todos os congressos, semana da Geografia e tals, um mês atrás recebi uma notícia que a minha prima tinha se matado durante uma aula de Geografia Urbana. E aí você não tem para onde correr, você não tem família... e desde então a faculdade tem me cobrado e eu não sei reagir; uma semana depois você precisa apresentar dois congressos, sabe? Não tem esse tempo para você parar e refletir” (Grupo Focal 1)

Quando a universidade tem sua dimensão de profissão, institucional, se faz presente enquanto espaço “estriado”, citando Pais (2006), deixa de colaborar com uma experiência de juventude plena desses estudantes, e passa a se impor como obrigação, apenas enfatizando o aspecto formativo e preparatório e esquecendo que a experiência de juventude, segundo Turra Neto (2015), tem também a dimensão da vivência em grupos de pares, em tempos e espaços de autonomia, de sociabilidade e fruição - que é onde e quando a cultura juvenil é praticada.

Nas falas seguintes também foram colocadas as resistências feitas pelos estudantes frente ao ensino remoto, situações de embates entre professores e estudantes, onde não havia a compreensão por parte de algum docente.

Por parte dos estudantes residentes da moradia estudantil, houve reclamação na necessidade de se apresentar os documentos necessários para garantir a estadia na moradia para o próximo ano, a necessidade de toda essa burocracia se mostrou ser desgastante a esses estudantes.

No segundo grupo focal, foram pautadas questões sobre a relação dos professores com os estudantes, que se revelou desgastada, devido às altas exigências dos docentes mesmo durante o ensino remoto. O relato mais pertinente ao nosso debate seria um trecho de uma fala da estudante mãe de uma criança de 6 anos, que teve impasses nas reuniões para decidir como seria realizado as aulas a distância.

“...a minha dificuldade era a seguinte: criança pequena em casa, a criança quer atenção, tipo assim, no momento em que ela quer atenção é o momento que você tem que dar

atenção para aula, que você tá assistindo, aí eu comentei isso na reunião e falei que não é porque eu não estava conseguindo prestar atenção, era a dificuldade mesmo de você estar com uma criança assim em casa, que não é um espaço silencioso...”(Grupo Focal 2)

A fala foi seguida de outros comentários que demonstravam revolta perante a situação do ensino remoto, todos em concordância da limitação e ineficiência do ensino durante a pandemia do Covid 19.

O ensino remoto pareceu escancarar o descabimento das exigências dos professores, segundo os estudantes, exposto por esse outro integrante do segundo grupo focal:

“...na pandemia escancarou mesmo os professores que perderam a mão de um jeito”
(Grupo Focal 2)

Perante esse panorama, podemos dizer que a questão da saúde mental foi a maior queixa dos estudantes ao longo das exposições feitas nos grupos focais, todos colocando a universidade como um espaço não saudável, sendo o ensino remoto um elemento que torna o ensino ainda mais estressante.

No último tópico desta seção, apontamos alguns dos lazeres dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia da FCT/UNESP.

4.5 Tempo Livre e Lazer

Lima (2018) define o lazer como materializado nos momentos de descanso, recuperação da energia, entretenimento e recreação, e que além disso o lazer propicia o desenvolvimento social e pessoal dos sujeitos. Ainda em seu mesmo texto, vai diferenciar o tempo livre do tempo lazer, o primeiro sendo um tempo que incorpora o lazer, mas não se limita a ele, podendo também ser um tempo para o ócio ou simplesmente para o descanso e reposição das energias.

A confusão entre o tempo livre e lazer se faz talvez pelo momento vivido na contemporaneidade, como argumentam Bungenstab e Carvalho (2017), visto que o lazer tem sido praticado cada vez mais em espaços privados e não públicos, como os passeios no shopping já citados por vários estudantes. Assim, vivemos um movimento de privatização do lazer e os autores temem que também haja a privatização do próprio indivíduo.

Definindo essas duas ideias, colocamos alguns trechos dos relatos dos estudantes acerca do lazer e tempo livre praticados.

Nas entrevistas, quando era abordado o tema do lazer e tempo livre, as conversas e a visita a casa de amigos foram sempre citadas, mas percebemos duas situações interessantes

entre duas estudantes entrevistadas. A primeira afirmou:

“Chego bem antes da aula porque eu gosto de ficar lá, chego para ficar na praça para conversar com todo mundo. Acabando a aula, a gente faz uma roda de conversa na frente, fica mó cota lá. A gente desce pro Jopanas e almoça por lá, ou vai no RU... De vez em quando, eu apareço lá na Unesp, quando tô de saco cheio aqui de casa, aí eu vou fazer caminhada pela Unesp, vou na biblioteca lá, porque, tipo, muda o ambiente de lazer e dá umas voltas e lá é tipo um Point né, e de lá vamos pra algum lugar.” (Aluna do 2º ano, branca)

Na fala dessa estudante se revela a universidade também como espaço de lazer, diferente dos estudantes que trabalham, que revelaram outros espaços e atividades de lazer, como churrasco na casa dos amigos, festas e prática de esportes em outros locais da cidade. Essa estudante anteriormente revelou compartilhar de seu tempo livre em sua casa com seus amigos, mostrando assim que boa parte do seu tempo livre é preenchido com sociabilidade com os outros estudantes. Porém, vimos em sua fala a necessidade de separar ambiente de lazer e obrigação. Trata-se de uma estudante que mora sozinha em um apartamento e deixou claro que queria morar sozinha para que pudesse ter foco nos estudos. Percebemos assim uma separação clara de espaço de lazer e ocupação da estudante, separação essa que se desfez durante o ensino remoto e a pandemia do Covid 19.

A próxima fala faz referência a um tempo livre dentro da universidade, perto de um local onde se pratica a “Terrapia”, horta com cuidado comum no intuito de servir como prática terapêutica. A fala foi proferida por uma estudante que também citou as conversas e encontros na praça próxima ao Bar do Makoto como importante e recorrente prática de lazer, a mesma que quando questionada acerca dos encontros de sociabilidade, remeteu a “vida baseada na aleatoriedade”.

“...um lugar que eu tenho costume de ficar e de ir sozinha, ou quando eu tô com alguém é ficar no canto da parede, tem umas árvores lá no campus eu gosto de ficar bastante lá... tem pouca gente” (Aluna do 3º ano, branca)

No primeiro grupo focal, a conversa e visita a casa de amigos também surgiram, assim como a prática de esportes (fora do campus da universidade), mas o principal lazer citado foi o passeio no PrudenShopping. A novidade é que a moradia estudantil aparece como espaço de sociabilidade e encontro. Vale citar também uma prática interessante relatada pelos estudantes, não corriqueira, mas eventual, que era um encontro entre alguns estudantes do 2º ano em uma parte do campus na Área Sul, próximo ao Restaurante Universitário, onde o grupo estudava

junto, conversava e chegou a fazer piqueniques no final de semestres, quando alguns da turma iriam voltar para suas respectivas cidades, e outros iriam deixar o curso. Esse fato demonstra como a evasão já faz parte da cultura dos estudantes do curso por ser tão presente nesses anos iniciais.

“...a gente colocava uma toalhinha ali, colocava uma torta, alguma coisa que a gente mesmo levava, às vezes fazia tipo amigo secreto entre um semestre e outro para se despedir...”

(Grupo Focal 1)

A fala a seguir demonstra o lazer no shopping, tão citado.

“Ir no shopping, por mais que não tinha muita coisa, achávamos uma desculpa por causa do ar condicionado...” *(Grupo Focal 1)*

O conforto de um ambiente climatizado se mostra convidativo ao lazer dos estudantes, sobre o tempo livre, houve poucas colocações, mas uma pertinente a ser colocada nesse texto, é sobre a Sala de Convivência da Biblioteca, que também é um ambiente confortável, climatizado, com televisão, isolamento de som, onde se tem tapetes, tatame e puff's para se deitar.

“...a biblioteca me senti muito bem lá, principalmente na salinha do puff (sala de convivência), assim acho lá muito gostoso.” *(Grupo Focal 1)*

Notamos a importância do oferecimento desses espaços na universidade, para melhor desempenho do estudante e de sua juventude.

No segundo grupo focal, houve também unanimidade na prática de conversa e visita aos amigos em suas respectivas casas, mas duas falas, quando tratamos do assunto lazer, tempo livre e sociabilidade nos chamaram a atenção.

A primeira fala a ser destacada é de um estudante que revelou sair pouco, e ter como lazer e tempo livre práticas muito caseiras.

“...não relaciono muito com gente no meu tempo livre tô em casa, vejo uma série, um filme, jogo.” *(Grupo Focal 2)*

Pela primeira vez, vemos um lazer e tempo livre muito pessoais, o jogo citado trata-se de jogos online, através do Personal Computer(PC) desse estudante. Esta forma de viver o tempo livre, que não busca o compartilhamento do tempo/espço com outros estudantes, foi exceção nas entrevistas e grupos focais.

Na segunda fala a ser destacada, trata-se do que é feito nos espaços de encontro, no caso, no Bar do Makoto e na área de convivência da moradia estudantil. Nesse momento do debate houve poucas falas, repetições de certas práticas e locais também já mencionados.

“ah beber...eu já falei né conversar do dia a dia, fazia muito isso com a C que mora na moradia e aí num tempinho livre a gente ia lá pra ter coragem de chorar, é uma coisa que fazia muito também, por não conseguir entender a matéria chorar por... igual acho que estatística, não tava entendendo nada, mas acho que é isso, pontos de encontro e o que a gente faz de lazer.” (Grupo Focal 2)*

O choro e a preocupação presentes na fala sobre lazer revelam um pouco dos desafios do jovem como sujeito social. Dayrell (2003), entende os jovens como protagonistas e agentes, mas sempre lidando com as limitações impostas em suas trajetórias e espaços. Logo, ser jovem e universitário é um desafio; o mesmo autor, Dayrell (2003, p.44) nos explica o jovem como sujeito social da seguinte forma:

[...] um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

Assim as variadas juventudes dentro da universidade, através de suas apropriações, representações, aspirações e práticas vão construindo suas experiências que, quando vividas em comum, passam a ser chamadas de culturas juvenis, e no nosso caso universitária. O cotidiano, o tempo livre e o lazer se mostraram, na maioria das vezes, compartilhados entre (a)os estudantes, fortalecendo a ideia de cultura juvenil.

Mas, vale pontuar que as experiências expressas por todos os estudantes revelam dificuldades e adversidades como parte dessa vivência, que também são comuns nas falas relatadas.

Findamos essa seção conscientes das diversas experiências (adversidades e conquistas) tidas por esses jovens, agentes e sujeitos; mas que de alguma forma se conectam entre si ao longo da sua vivência do curso, da universidade e das tramas juvenis no tempo livre.

5 CULTURA UNIVERSITÁRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA - SEÇÃO V

A cultura universitária aqui explorada deve ser antes fundamentada nas referências tidas durante a pesquisa acerca do tema: culturas juvenis.

Pais (1993) define juventude como uma fase de vida, socialmente construída, sendo uma fase de transição e descoberta, porém, plural e diversificada. Vale também pontuar que o autor define a “cultura juvenil” como a cultura praticada por grupos juvenis, em espaços e tempo próprios, em que estão “fazendo nada juntos”, ou seja, em tempos e espaços dos quais os adultos, que representariam alguma autoridade, estão ausentes. A definição de “cultura juvenil” está ligada ao cotidiano e ao tempo livre, um tempo de maior autonomia dos jovens. Ainda acerca do termo “cultura juvenil” vale salientar a colocação de Menegon (2016, p.46):

[...] a Sociologia da Juventude opta pelo termo Culturas Juvenis, pois, além da amplitude de significados que pode lhe ser atribuída, o termo no plural é ainda mais pertinente. Não há limites quando se estuda culturas, há um campo infinito prestes a ser desvelado, seja ele na área da Sociologia da Juventude ou em qualquer outra.

O autor nos traz a mesma ideia de Pais (1993), inclusive cita o mesmo em seu texto, mostrando o porquê da palavra cultura(s), e isto está ligado a sua amplitude e seus plurais valores que a juventude adquire através de seu cotidiano e sua vivência, ou seja, as culturas juvenis abrangeriam manifestações culturais e coletivas que talvez outros termos não o fariam. Logo, a cultura juvenil seria um processo de socialização do jovem entre jovens, e o que ele interioriza/exterioriza diante das suas relações e vivências nos seus grupos de pares, todas cheias de símbolos e valores.

Fortalecendo a ideia de cultura juvenil como processo, Dayrell (2001) afirma que esta seria construída pelas condições concretas de vida de cada jovem, mas com um enfoque especial para a sua origem social, o que, na compreensão do autor, pode limitar ou expandir a vivência e sociabilidade do jovem, além de ser um fator determinante daqueles que compartilharão espaço com o jovem, enquanto que seu próprio espaço e trajeto são consequência de sua condição financeira.

Ainda acerca do tema, trazemos mais uma definição de cultura juvenil, desta vez com Feixa⁵ (1999, p. 84), para quem:

Em um sentido amplo, as culturas juvenis se referem à maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção e estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente, no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional.

A partir dessa outra definição de cultura juvenil, percebemos a importância do tempo livre para a construção dessa cultura, já pontuado por Pais (1993). Por isso, conhecer o jovem apenas em seu período de aulas e obrigações curriculares é uma compreensão limitada do que é a experiência juvenil em questão. As formas como vivem seu tempo livre nos dizem muito sobre essa cultura juvenil que buscamos investigar nos estudantes do 2º e 3º anos, pois revelam processos de socialização de jovens entre jovens.

Além disso, para Pais (1993), as culturas juvenis possuem uma dimensão espacial inegável. As culturas juvenis, cheias de significados, apropriam-se de determinados espaços, transformando-os em espaços de encontro, de sociabilidade, há a ressignificação dos espaços e isto é nítido também na universidade, pelo que já conseguimos identificar entre os estudantes de Geografia.

A partir desse entendimento sobre cultura juvenil, inicialmente, tomaremos a cultura universitária como uma manifestação de cultura juvenil, praticada por jovens que têm entre seus pares da universidade um espaço-tempo privilegiado de sociabilidade e socialização que nos permite demarcar uma diferença em relação a outras culturas juvenis elaboradas em outros contextos de interação social.

Ou seja, é possível identificar na universidade a constituição de uma experiência de juventude bastante particular, que a diferencia de outros contextos.

Contudo, a cultura universitária dos estudantes de Geografia é mais ampla que a cultura juvenil, pois a abarca e a vê na sua relação com a dimensão da experiência enquanto estudante do curso, nos espaços e tempos institucionais, nas relações de ensino e aprendizagem. A cultura universitária, portanto, se constrói na ambiguidade entre o jovem e o aluno.

Estudando jovens do ensino médio, Severo (2015) afirma que há uma tensão e contradição vivida pelo mesmo sujeitos, na sua dupla identidade de aluno e jovem. Enquanto aluno, o jovem muitas vezes precisa deixar de ser o que é, para ficar quieto, obediente e em posição de submissão. Enquanto jovem, é no recreio que se pode ser menos maquinizado e mais humano, mais si mesmo, pode conversar, mexer no celular e praticar outras atividades com seus pares.

⁵A citação de Feixa (1999) foi traduzida do espanhol por nós, o trecho em sua forma original é: “En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción e estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente, el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional.”

Nesse sentido, encontramos semelhanças entre o que estamos entendendo por cultura universitária e a cultura escolar, pois ambas trazem esta tensão vivida pelos sujeitos, a de estudantes e a de jovem. Enquanto a cultura universitária é vivida englobando as práticas de um cotidiano marcado pelo estudo, trabalho, pesquisa, a cultura juvenil praticada por jovens entre jovens, no tempo livre, cuja agregação, muitas vezes, tem forte relação com este espaço institucional, se dá também para além dele, estendendo-se pela cidade.

Também é importante considerar que dentro da própria universidade, as culturas juvenis também podem variar, visto que os jovens e as jovens que ali se encontram vivenciaram antes disso diferentes processos de socialização entre jovens em diferentes contextos socioespaciais, de modo que sua inserção na cultura universitária e na cultura juvenil que lhe é tributária traz também estas marcas. Os estudantes do 2º e 3º anos lidam com uma cultura universitária preexistente ao seu ingresso na universidade, ao passo que também contribuem para sua permanente transformação, tensionando-a com a cultura juvenil própria de seu tempo e de sua geração.

Feixa (2003, p. 136) afirma que "entre os jovens e o ecossistema suburbano produz-se uma profunda simbiose." (2003, p.136). Ora, entre a universidade e os jovens também há essa simbiose, ela faz parte dos seus dias e os jovens fazem da universidade seu território e lugar.

Como afirma Malta (2011, p.3), através da cultura universitária, os espaços públicos (a própria universidade) são constituídos, e assim são diversos os caminhos que essa manifestação se faz presente nos espaços urbanos:

Dentre as diferentes culturas urbanas, poucos estudos têm focado no modo como a cultura universitária constitui espaços públicos. Diversas são as formas como esta configuração complexa de práticas rituais, formais e festivas, acompanhada de uma constelação de imagens, de objetos e de mitos, confere ostensivamente à Universidade os sinais de uma singularidade reivindicada e de uma exemplaridade muito pouco estudada (FRIAS, 2003, p. 81). A vida universitária registra recursos de ampla publicização das identidades urbanas. São manifestações de diversas ordens que articulam universidades e cidades: os movimentos estudantis politizados; as práticas sociais e culturais com o teatro, a arte, a música, o esporte, as intervenções urbanas; os estilos de vida, hábitos e espaços de consumo. São diversos os modos de vida estudantis e as maneiras como constituem lugares de sociabilidade pública.

Assim, compreender essa cultura universitária é também compreender a própria Universidade, enquanto um espaço de vida pública, em que esta cultura ganha condições de possibilidade de existir.

Dessa forma, entendemos que a FCT/UNESP, como qualquer universidade, constitui-se enquanto espaço não só de estudo, mas de convivência, cultura, sociabilidade, lazer e experiências de juventude(s).

Não podemos também deixar de lado o valor do cotidiano para que isso tudo aconteça. É pertinente que compreendamos que é no cotidiano e nas práticas rotineiras que a cultura se revela. Feixa (2003, p. 126) afirma que "O conceito de vida cotidiana faz referência ao conjunto de relações sociais e práticas culturais, normalmente de caráter informal, que organizam e dão sentido às rotinas diárias de indivíduos e grupos."

Compreendendo o significado do cotidiano, percebemos que a universidade como parte do cotidiano desses jovens se torna um espaço repleto de relações sociais e práticas culturais. Mais adiante Feixa (2003, p. 126) afirma que, "[...] o cotidiano pode ver-se como um lugar de conflito entre cultura dominante e cultura subalternas, um espaço de negociação e resistência que frequentemente se expressa através do simbolismo e do ritual."

Após essa reflexão acerca do tema em discussão, trataremos de elementos que em nossa investigação se revelaram muito presentes na cultura universitária do curso de Geografia. Os temas tratados serão: política, cultura "academicista", relação professor e estudante e evasão.

5.1 Política

Quando questionados, seja nas entrevistas ou nos grupos focais, acerca da cultura universitária dos estudantes de Geografia, houve o destaque para o caráter político do curso, sendo um elemento que o diferenciava diante dos outros cursos da unidade. Como aparece na fala abaixo.

"...a militância da Geografia é muito forte, não do curso, mas das pessoas que frequentam esse curso, mais voltado, tipo, pra uma consciência mesmo; acho que essa é a parte que mais me marca na diferença entre os outros cursos." (Aluna do 2º ano, branca)

Turra Neto (2015) vai nos dizer o quão político podem ser as culturas juvenis, assim parecem ser também os jovens do curso de Geografia, que chegam a falar que se a Geografia não faz presença nos movimentos, chega a ser chocante, como foi consenso no primeiro grupo focal.

"...a Geografia representando principalmente no movimento estudantil, atos de paralisação, tipo chega a ser um choque se a Geografia não estiver presente." (Grupo Focal 1)

O primeiro grupo focal, em unanimidade, concordou com a existência de uma cultura universitária no curso de Geografia. Elucidaram outros elementos dessa cultura universitária, que conversa muito com os outros cursos, nos coletivos e grupos, mas que tem suas particularidades, mas se trata de uma cultura que conversa muito com os outros cursos, que integra.

O segundo grupo focal também abordou a questão da militância e da crítica presente no discurso dos estudantes, sempre preocupados com a questão social, mas houve parte dos estudantes que não consideram que o curso, nem a FCT/UNESP de Presidente Prudente, tivesse uma cultura universitária própria, mas sim uma cultura academicista, tema esse discutido no próximo tópico.

5.2 Cultura “Academicista”

Exatamente usando essas palavras, um dos estudantes do segundo grupo focal disse não enxergar uma cultura universitária na FCT/UNESP e sim uma “cultura academicista”, pois afirmou que a graduação é praticamente um curso preparatório para o mestrado.

Em concordância com ele (nenhum estudante contrariou veemente essa posição, a maioria dos comentários foram endossando o ponto), e em tom de crítica outra estudante, integrante ao grupo focal colocou:

“Olha eu também não acredito que haja uma cultura Universitária da Unesp, concordo com o que o C acabou de dizer da questão que são completamente academicista... se é muito academicista principalmente na questão de colocar mais mestrado e doutorado, aí a galera sai da licenciatura entra numa sala de aula achando que tá dando aula em universidades e tá fora da universidade, o que me chocou muito na Geografia foi essa questão de não enxergarem o que tem fora da Universidade. São poucas pessoas que se preocupam com o que tem fora da universidade e é só isso.” (Grupo Focal 2)*

Essa crítica a uma formação voltada a uma carreira acadêmica, foi também falado no primeiro grupo focal, por dois estudantes, mas não gerou engajamento e concordância como no caso acima.

No primeiro grupo focal, quando falando do lado negativo da cultura universitária da Geografia, a hipocrisia foi um dos tópicos mais falados, como se a Geografia não reconhecesse seus próprios defeitos, privilégios e erros. Na fala abaixo, o estudante critica a postura de alguns professores, que na aula apresentam um repertório teórico de luta e consciência, mas não o fazem na prática.

“...a questão que eu acho que tipo pessoas ficam muito no lado científico eu vejo muito professor falando com uma linda perfeita disso daquilo é quando a gente vê na prática ele é contrário né” (Grupo Focal 1)

Apesar da crítica, a relação entre os professores e os estudantes no curso de Geografia também foi colocada como diferencial da cultura do curso, quando comparado com as outras, como explorado no tópico a seguir.

5.3 Relação Professor x Estudante

Apesar de muitos estudantes citarem situações de impaciência e incompreensão por parte dos professores com os estudantes, a maioria dos estudantes colocou a relação dos professores como algo diferente quando comparado com os outros cursos, tendo sido recorrente o reconhecimento do auxílio de diversos professores na adaptação nos primeiros anos de curso, e o bom recebimento nos grupos de pesquisa. A relação entre os estudantes e professores parece ser mais de amizade do que de disputa. Para Bueno (1993), a boa relação entre docentes e estudantes é fundamental na adaptação dos segundos à vida universitária.

O primeiro grupo focal fez poucas críticas aos professores, apenas pontualmente, em assuntos como saúde mental e ensino remoto, enquanto que nas entrevistas tivemos diversas opiniões, elogios, críticas e mágoas.

Em uma das entrevistas, a estudante iniciou a conversa criticando a postura de uma professora, ao passo que elogiou muito sua orientadora, como abaixo transcrito.

“...a N que maravilhosa como orientadora, ela dá todo o suporte necessário te ajuda de diversas maneiras, assim a N* é uma mãezona, também eu tive muita sorte de fazer projeto de pesquisa com ela e enfim, estou tentando aproveitar bem né, até esse EAD chegar e a pandemia destruir tudo...” (Aluna do 2º ano, branca)*

No segundo grupo focal, a mesma estudante que relatou ter embates com determinados professores, relatou estar fazendo pela segunda vez uma matéria por conta da professora, nesse momento outros estudantes reforçaram elogios a vários professores.

“...a R Então, nem fala, maravilhosíssima; tô fazendo psicologia da educação pela segunda vez por causa dela, né” (Grupo Focal 2)*

Nessa relação, como dito por Martins e Carrano (2011), o jovem deve ser entendido não como problema, mas como sujeito que tem voz, opinião e não apenas alguém imaturo ou

despreparado, assim como também colocado por Freire (1980), em uma educação libertadora há ganhos de conhecimento tanto para os estudantes, quanto para os professores.

Muitas vezes, há esse reconhecimento mútuo, outras vezes não, mas podemos perceber que apesar de tudo, a boa relação entre os estudantes e professores no curso de Geografia a diferencia e constitui também sua cultura.

Um bom exemplo de se citar, é a cautela na transição para o ensino remoto, as reivindicações dos estudantes, os embates com a coordenação, mas também o apoio e cuidado de alguns professores, a própria disposição da coordenação em conversar com os estudantes já revela algo mais amistoso do que o ocorrido nos outros cursos, que começaram sem consenso ou consulta sobre a situação dos estudantes.

5.4 Evasão

Esse tema, já tão revisitado nesse trabalho, constitui também a extensa cultura universitária aqui abordada, particularmente presente nos anos iniciais e, portanto, é um fantasma que ainda paira sobre as trajetórias dos estudantes colaboradores da pesquisa, seja porque presenciaram a desistência de colegas, seja porque é uma ideia que está ainda na cabeça de alguns.

A chegada de muitos baseada na “aleatoriedade”, como vimos nas inúmeras trajetórias, faz com que a permanência no curso seja vivida como uma permanente justificativa e uma busca constante de algo que possa interessar, para fazer ficar.

Além disso, o fato de ser um curso de licenciatura, num contexto de histórica desvalorização da profissão docente, como posto por Oliveira (2012), também desencoraja o prosseguimento do curso, enquanto que de fato, se revela ser um curso com exigências de leitura bem maiores do que as do ensino médio, como relatado pela maioria dos integrantes do segundo grupo focal e nas entrevistas. Como exemplo, a fala de uma das integrantes do primeiro grupo focal, falando acerca das leituras exigidas pelas disciplinas, posição afirmada por outra estudante muito em sintonia com tais falas:

“...a gente tá entrando agora, muitas vezes saindo de um ensino médio ou reingressando os estudos porque tem muita gente que parou o estudo no ensino médio, daí volta com Universidade então tipo uma falta muito de noção.” (Grupo Focal 1)

A desesperança diante de um futuro tão incerto, a angústia por não saber o que fazer depois da universidade, como colocado por Coutrim e Carioca (2009), também parece impactar os estudantes do curso e causar certa desorientação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS- UM BREVE OLHAR PRO FUTURO: DIANTE DAS NOSSAS DÚVIDAS E RESPOSTAS

Em um mundo onde tudo precisa “servir” para alguém ou para algo, o curso de Geografia e sua cultura deve servir para algo, seria para formar grandes criadores de mapas? Formar professores capazes de explicar a geopolítica com slides super coloridos e dinâmicos ou dar pouco custo a universidade, já que seu laboratório é o campo?

Assim como proposto por Andrioli (2006), quando tratou do lugar das ciências humanas nas universidades, a Geografia “serve” antes de tudo para incomodar, mexer nas estruturas, lembrar o contexto universitário e acadêmico da tal política, essa que se faz nas coisas pequenas atitudes, no cotidiano. A Geografia serve para quebrar com o conformismo, dar o caráter de cidadania e luta por direitos dentro da universidade e consequentemente levar todos esses valores para fora da universidade.

A Geografia parece não “servir” a ninguém, se revela livre, dinâmica e complexificada, sintetizando tantas oposições e dialéticas, sua cultura universitária reproduz esse caráter da disciplina, de ser muitas coisas ao mesmo tempo, e ser tantos espaços em cinco anos de graduação.

Em tom de conclusão e lançando um olhar para o futuro, fechamos nosso texto acerca dos estudantes do 2º e 3º ano do curso de Geografia resgatando alguns elementos importantes, e reafirmando a pertinência do estudo acerca das juventudes, da questão cultural e universitária, para que o coletivo docente reunido no conselho do curso possa ter um conjunto de elementos para pensar nas mudanças necessárias.

Vale lembrar que estudar os estudantes do curso não é olhar para o nosso próprio umbigo, mas ampliar o nosso olhar para todo um universo de estudantes, de diferentes classes e origens, que constroem a FCT/UNESP e o curso de Geografia no seu cotidiano, negociando este lugar e constituindo-o naquilo que ele tem de ambíguo e contraditório, mas também de potencialidade, de disruptivo e revolucionário.

Essa pesquisa foi uma experiência engrandecedora. Permitiu uma aproximação de estudantes como eu, que compartilham de muito do que eu já vivi e vivo até os dias de hoje. Logo essa pesquisa não é só uma análise dos estudantes do segundo e terceiro ano de Geografia, mas também da nossa universidade, do nosso departamento, do nosso curso, dos nossos coletivos e grupos de pesquisa e diria até de nós mesmos.

Temas, tão caros aos estudantes de hoje, apareceram, como a necessidade de uma educação pública democrática e com qualidade, a preocupação com a saúde mental e as deficiências do ensino remoto, e claro a pandemia do Covid 19 que impactou tanto a todos.

Frente a altos números de evasão e outros desafios, temos agora um estudo de mais de nove meses acerca dos estudantes do 2º e 3º ano do curso, podendo assim servir de guia para novas estratégias de integração e adaptação ao ambiente universitário. No anseio de colaborar com essa empreitada rumo a uma universidade mais democrática, preocupada com o estado dos estudantes, e formadora de cidadãos, como Freire (1980) nos propõe, nós colocamos em nosso cronograma de pesquisa, uma apresentação sucinta ao conselho do curso de Geografia, como forma de retribuição a tudo que a Geografia me deu.

Ao longo dessa pesquisa, acreditamos que estudar a juventude do campus e do nosso curso é também compreender a universidade em que estamos e também a pensar a universidade que queremos, pois é a juventude que (re)significa e transforma esse espaço, como Malta (2011) nos detalha.

Essa cultura que perpassa trajetórias tão diferentes, desde estudantes que nasceram em assentamentos rurais, até a periferia da Região Metropolitana de São Paulo, jovens oriundos de escolas particulares, colégios internos, escolas públicas e de outros cursos da própria universidade, essa cultura geográfica, que surge nessa busca dos jovens/estudantes de encontrar seu lugar na Geografia singularizam essa experiência de juventude e marcam de forma indelével as trajetórias de vida dos sujeitos que aqui se encontraram - sobretudo daqueles que aqui permaneceram.

Creio que esse estudo pode dar frutos a outras pesquisas, investigando elementos que não foram aprofundados, ou usando de outra concepção, além das culturas juvenis para se compreender o curso que estamos inseridos.

As juventudes, universitárias ou não, se revelam complexas e plurais, e requerem um olhar atento e afetuoso para que pontes de diálogo possam ser construídas. O curso deve poder conhecer estes jovens para se fazer para eles como educação emancipatória e não opressora. Como colocado por Almeida (2004), as juventudes continuam integrando e movimentando as estruturas “adultas” tão institucionalizadas e profissionais. A cultura se faz como resistência integradora e, diante da desesperança imposta pelo neoliberalismo, há a resignificação do hoje, através das festas, “rolês” e encontros. Num mundo de crescentes incertezas, a universidade não é mais garantia do amanhã, deve ser também “lugar do hoje”.

A cultura universitária do curso de Geografia, tão pluralizada, com dimensões avaliadas

das diferentes formas: positivas e negativas, mas de fato, sempre política, tem ainda muito que ser conhecida. A transformação colocada na maioria das falas sobre suas respectivas trajetórias mostra a tradição do curso não de forma oficial e institucional, mas de forma espontânea, na (con)vivência e cotidiano desses estudantes.

Podemos (in)concluir, que na nossa concepção, há uma cultura universitária no curso de Geografia, negada ou classificada de outra forma por parte dos estudantes que colaboraram com essa pesquisa. Mas, diante das informações e dados obtidos ao longo da pesquisa, percebemos vários dos elementos que constituem uma cultura juvenil, presentes no curso de Geografia, como um circuito de “rolês”, incertezas e questões perante o futuro em comum, a resistência que a cultura e práticas dos estudantes apresenta frente à autoridade que se transmuta em autoritarismo e outros inúmeros elementos, como os eventos tradicionais, os locais de encontro e sociabilidade, as pautas de luta e interesses, e aquilo que mais fortalece a cultura juvenil, segundo Pais (1993), o cotidiano e o tempo livre compartilhados entre os estudantes em sua grande maioria jovens.

É importante também pontuar, que a cultura universitária nesta pesquisa, mostrou ter características que incluem outros elementos, além do “fazer nada juntos” e do dia a dia; esses estudantes compartilham pautas políticas, pesquisas, obrigações, tarefas e responsabilidades, assuntos esses, não tão tratados pelos autores que abordam o tema das culturas juvenis, que focam mais em questões como lazer, tempo livre e práticas cotidianas (como já ressaltado), mas que surgiu como importante questão ao longo da nossa investigação; dessa forma essa cultura universitária em questão, através de nossa perspectiva é uma cultura juvenil mas abrange outros fatores que são particulares a realidade de jovens universitários, e mais especificamente do curso de Geografia, trata-se então de uma cultura juvenil universitária, termo que achamos interessante de colocar para classificar essa situação específica de nosso objeto de pesquisa.

Sem dúvida, a cultura universitária do curso de Geografia, tanto dos conteúdos trabalhados na dimensão do ensino, da pesquisa e extensão, quanto aquela que envolve o ócio, os laços, o lazer e tantas outras práticas, em suas tensões e combinações, é um fator importante para construir a identificação ou não com o curso e, portanto, definir a permanência ou a evasão dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Loriza Lacerda de A. Juventude universitária e a nova sociabilidade: continuidade ou ruptura? In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, VIII, 2004, Coimbra, **Anais...** Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2004.

ANDRIOLI, A. I. O lugar das ciências humanas na universidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 5, p. 1-16, 2006.

BLANC, Manuela Vieira; FARIAS, Carine Lavrador de. Juventude, religiosidade e o “tempo livre”: Formas de sociabilidades efetivadas por jovens universitários. **Anais...** Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES, v. 1, n. 1, 2011.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BUENO, J. L. O. A evasão de alunos. **Revista Paideia**, Ribeirão Preto, n. 5, p.9-p.16.1993.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. O território da Universidade Brasileira: O modelo de campus. **Rev. Bras. Educ.** vol.21 no.67 Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216742> Acesso em: 18 de dez. de 2020.

BUNGENSTAB, G. C; CARVALHO, D. D. S. S. De. Possibilidades Para Pensar a Juventude Brasileira: Diálogos com Pierre Bourdieu e Antonio Groppo. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.27,n.1, p.85-p.98, 2017.

CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Revista Administração online**. São Paulo, SP, v. 1, n. 1.2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionariona_pesquisacientifica.pdf. Acessado em 23/11/2020.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob novas perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p.5-p.15.2003.

COLOGNESE, S.; MELLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XVIII, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Associação brasileira de estudos populacionais, 2002. p.1-26.

COSTA, C. L. Mulheres fazendo balbúrdia: uso e apropriação do espaço na universidade federal de Catalão (GO). In: PORTUGUEZ, A. P.; COSTA, C. L.; MYAZAKI, L. C. P.(org.). **Balbúrdia Geográfica**: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade. Ituiutaba-MG: Editora Barlavento, 2020. p. 8 - 33.

COUTRIM, R. M. da E.; CARIOCA, E.; DULCI, F. D. Jovens universitários: sociabilidades e angústias na transição para a vida adulta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIV, 2009, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, p.1-p.20. 2009.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte**. 2001. 412 f. Tese de Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

DAYRELL, J. O Jovem como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 24, p.40-p.52, 2003.

FEIXA, Carles. A cidade secreta: os espaços quotidianos dos jovens. **Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 3, p.125-140, 2003.

FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. In:_____. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999. p. 84-105.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAS, I. C. M. De; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **Revista O público e O privado**, Fortaleza, n. 21, p.91-110, 2013.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Liber Livro Editora, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, UFF-Niterói, Ano XIX, n. 17, p.19-46, 2004.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p. 7 – 41, 1995.

HONNETH, A. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologia**, Porto Alegre, RS, ano 15, n. 33, p. 56 – 80. 2013.

HOPKINS, Peter E. Youth transitions and going to university: the perceptions of students attending a geography summer school access programme. **Area**, Lancaster- Inglaterra, v. 38, p. 240-247, 2006. Disponível em: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-4762.2006.00691.x>. Acesso em: 14/02/2021.

LIMA, E. L. G; RIBEIRO, A. I. M. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente 1959-1976 : gênese da FCT - UNESP . Jundiaí: Paco, 2013.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas**. 2018. 223 fl. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia) -Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Três Lagoas -MS. 2018.

MALTA, E. Práticas socioculturais juvenis: sociabilidade universitária nas cidades históricas de Ouro Preto (Brasil) e Coimbra (Portugal). In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB), XI, 2011, **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p.1- 16.

MARGULIS, M; URRESTI, M. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARTINS, C.H. Dos Santos; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011.

MASSEY, D. 1991. Global sense of place. **Marxim Today**, v. 6, p. 24-28, 1991.

MENEGON, R. R. **Culturas juvenis e jovens do ensino superior**: em busca de caminhos para formação inicial e a prática educativa na educação física. 2016. 228f. Dissertação (Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação)- Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente. 2016.

NEVES, C.E.B; MARTINS, C.B. Ensino Superior no Brasil: Uma Visão Abrangente. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

OLIVEIRA, M. D. De; SILVA, L. L. M. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - SP**, São Paulo, V. 14, Número 1, p.23-34, 2010.

OLIVEIRA, M. F. Da R. Formação do Professor de Geografia: Ensino e Pesquisa In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, VI, 2012, **Anais...** São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. p.1- 14.

PAIS, J.M. Busca de Si: Expressividades e Identidades Juvenis. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

PAIS, J. M. **Cenas Juvenis**. Lisboa- Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PIRES, L. M. **Culturas geográficas de alunos-jovens**: uma referência para a formação de professores de geografia. 2013. 276 fl.. Tese de Doutorado em Geografia Programa de Pós-Graduação em Geografia- Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RAMOS, M. 10% dos brasileiros são LGBTI, mas estão sub-representados na política. **Brasil de Fato**, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/06/19/cerca-de-10-da-populacao-brasileira-pessoas-lgbti-sao-sub-representadas-na-politica>>. Acesso em: 27/12/2020.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Revista Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

SANTOS, Andréa Pereira Dos. **Juventude da UFG**: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura. 2014.194f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014.

SEVERO, R.C.B.S. Identidades Juvenis Contemporâneas e Espaços e Tempos Escolares: Algo Está Fora Da Ordem? **Revista Nonada**, Porto Alegre RS, n. 24, p. 27-39, 2015.

SHARMA, S; GUEST, M. Navigating religion between university and home: Christian students' experiences in English universities, **Social & Cultural Geography**, Durham-Inglaterra, v.14, n.1, p.59-p.79, 2013. Disponível em :<https://doi.org/10.1080/14649365.2012.735691>. Acesso em 19/02/2021.

SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCQUES, I. J. **Construindo a Ciência**: elaboração crítica de projetos de pesquisa. Curitiba: Instituto Cultural de Jornalistas do Paraná, 2009.

SOUZA, L. K. De; LOURENÇO, E; SANTOS, M. R. G. Dos. Adaptação à universidade em estudantes ingressantes na graduação em psicologia. **Revista Psic. da Educação**, São Paulo, n. 42, p.35-48, 2016.

SPÓSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____(org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP, 2001. p. 609-643.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre as orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L.M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p.119-136.

TURRA NETO, N. Do Território aos Territórios. In: SOUZA, A. J. De.; SOUZA, E. B.C De; MAGNOMI JÚNIOR, L. (org.). **Paisagem, Território e Região: Em busca da Identidade**. Cascável: Editora Edunioeste, 2000. P.87-101.

TURRA NETO, N. **Múltiplas Trajetórias Juvenis em Guarapuava**: Territórios e Redes de Sociabilidade. 2008. 533 fl.. Tese de Doutorado em Geografia Programa de Pós-Graduação em Geografia- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, Histórico FCT Atualizado. Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/Home/Instituicao/historico.pdf>. Acesso em 20/02/2021.

VASCONCELOS, A.M.N. Juventude e ensino superior no Brasil. In: DWYER, T.; ZEN, E. L.; WELLER, W.; SHUGUANG, J.; KAYUAN, G.(org.). **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p.125-139.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.M. De; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens**: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. p.7-21.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: . **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980. p.123-132.